

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE

CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E SOCIEDADE

REJANE HAUCH PINTO TRISTONI

**A MANIFESTAÇÃO DA MODALIZAÇÃO EPISTÊMICA NO DISCURSO DO
JORNALISTA CARLOS PERALTA**

CASCAVEL-PR

2010

REJANE HAUCH PINTO TRISTONI

**A MANIFESTAÇÃO DA MODALIZAÇÃO EPISTÊMICA NO DISCURSO DO
JORNALISTA CARLOS PERALTA**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, área de concentração em Linguagem e Sociedade. Linha de Pesquisa: Processos Lexicais, Retóricos e Argumentativos.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Bidarra
Co-orientadora: Prof^a. Dr^a. Aparecida Feola Sella

CASCADEL-PR

2010

Ficha catalográfica

Elaborada pela Biblioteca Central do Campus de Cascavel - Unioeste

T756m Tristoni, Rejane Hauch Pinto
A manifestação da modalização epistêmica no discurso do jornalista Carlos Peralta / Rejane Hauch Pinto Tristoni — Cascavel, PR: UNIOESTE, 2010.
96 f. ; 30 cm

Orientador: Prof. Dr. Jorge Bidarra
Co-orientadora: Profa. Dra. Aparecida Feola Sella
Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná.
Bibliografia.

1. Modalização epistêmica. 2. Jornal *La Nacion* - Enunciados. 3. Produtor de texto. I. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. II. Título.

CDD 21ed. 410

Bibliotecária: Jeanine Barros CRB9-1362

A MANIFESTAÇÃO DA MODALIZAÇÃO EPISTÊMICA NO DISCURSO DO
JORNALISTA CARLOS PERALTA

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, nível de mestrado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, em 16 de Agosto de 2010.

Prof^a. Dr^a. Aparecida Feola Sella (UNIOESTE)
Coordenadora

Apresentada à Comissão Examinadora, integrada pelos Professores:

Prof^a. Dr^a Vanderci de Andrade Aguilera(UEL)
Membro Efetivo (convidado)

Prof. Dr. Ivo José Dittrich (UNIOESTE)
Membro Efetivo (da instituição)

Prof^a. Dr^a. Aparecida Feola Sella (UNIOESTE)
Co-orientadora

Prof. Dr. Jorge Bidarra (UNIOESTE)
Orientador

Cascavel, 16 de Agosto de 2010

Dedico este trabalho:

Ao **Jerry**, meu amado esposo, que soube acolher meus anseios e angustias, cuidou de nossos filhos, compreendeu minhas ausências e, sobretudo, não perdeu o bom humor.

A **Nathália, João Matheus e Maria Eduarda**, meus mais preciosos tesouros, pelo apoio e compreensão nos momentos em que estive ausente para a realização de minha pesquisa.

Aos meus pais **Lourdes e João Hauch Pinto**, pelos bons exemplos, pois *o filho de si mesmo não pode fazer coisa alguma; ele só faz o que vê fazer o pai; e tudo o que o pai faz, o faz também semelhantemente o filho.* (João, 5:19)

Aos meus amados irmãos Antônia e Sergio, meus verdadeiros amigos, pelo apoio, carinho e atenção em todos os momentos.

Dedico este trabalho a minha família, meu amparo nas horas mais difíceis, pelo amor e pelas orações que vocês dedicaram a mim!!

Agradeço:

Ao meu amado **Deus**, o senhor da minha vida, pois *tudo concorre para o bem daqueles que amam a Deus* (Romanos, 8:28)

Aos professores **Aparecida Feola Sella e Jorge Bidarra** pelas contribuições e pela orientação segura e competente, durante esta trajetória acadêmica, para o meu crescimento intelectual e científico, e, em especial, pela disposição com que me orientaram.

Ao professor **Alexandre Ferrari**, pelas importantes contribuições, como membro da Banca de Qualificação, para o melhoramento desta pesquisa.

À professora **Vanderci de Andrade Aguilera** pela pronta disponibilidade para ler este trabalho e por aceitar participar de minha Banca de Defesa.

Ao professor **Ivo José Dittrich**, por aceitar participar de minha Banca de Defesa, por suas importantes contribuições para o melhoramento desta pesquisa.

A todos os **professores, colegas e amigos** e, em especial, ao **Stéfano Paschoal**, meu grande amigo de graduação, e **Alcione Corbari** que contribuíram para a realização da pesquisa aqui proposta.

Ao **Programa de Mestrado**, pela oportunidade de realização do curso de Pós-Graduação.

Aos meus queridos amigos do Paraguai, por enviarem materiais de pesquisa e pela contribuição para a construção deste trabalho.

A todos que estiveram ao meu lado e, em especial, minha família, pela compreensão e pelo apoio ao longo do período de elaboração deste trabalho, meu eterno e carinhoso agradecimento!!!

RESUMO

TRISTONI, Rejane Hauch Pinto. **A Manifestação da modalização epistêmica no discurso do jornalista Carlos Peralta**. 2010. 96 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Cascavel, 2010.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Bidarra

Defesa: 16 de agosto de 2010

O objetivo desta pesquisa consiste em investigar os processos da modalização epistêmica estabelecidos por advérbios em *-mente*, por adjetivos em função predicativa, pelo advérbio *tal vez*, pelos verbos modais *poder* e *deber* e pelo substantivo *realidad*, que atua como núcleo de locução adverbial em enunciados, retirados de textos de Carlos Peralta, publicados no jornal *La Nación*. O interesse em promover uma análise nesse contexto emerge de reflexões promovidas em estudos desenvolvidos pelo grupo de pesquisa *Processos Lexicais, Retóricos e Argumentativos*. Levam-se em consideração, além da possibilidade de o estudo da modalização linguística contribuir para o desenvolvimento das habilidades linguístico-discursivas dos alunos como leitores e produtores de texto em espanhol, as pesquisas sobre as relações entre língua e cultura na América Latina. Durante o percurso traçado para o desenvolvimento deste trabalho, observou-se que os elementos modalizadores sob análise retratam uma estratégia de modalização à qual o produtor do texto recorre para marcar sua posição com relação à mensagem expressa e, para isso, estabelece uma interlocução com o leitor, conforme apontam Corbari e Sella (2007). Assim, a modalização ora volta-se para o conteúdo, ora volta-se para o leitor, para tentar convencê-lo acerca da validade da opinião expressa. Nesse sentido, verificou-se, nos enunciados escritos por Carlos Peralta, os diferentes efeitos comunicativos provocados por esses elementos modalizadores. Para isso, seguiram-se as propostas de análise presentes nas obras de Parret (1988), Neves (1996, 2006), Castilho e Castilho (1992), Núñez (1991), Dall’Aglío-Hattner (1995, 2007), dentre outras. O presente trabalho divide-se em três capítulos: no primeiro capítulo, expõem-se estudos sobre a modalização linguística; no segundo capítulo, apresentam-se o *corpus* e os procedimentos de análise e de organização dos enunciados; no terceiro capítulo, estão alocadas as análises; as considerações finais, postas na sequência, decorrem, portanto, dessas análises, ainda iniciais e pautadas em um *corpus* restrito

Palavras-chave: Modalização epistêmica, Enunciados do jornal *La Nación*, Produtor de texto.

RESUMEN

TRISTONI, Rejane Hauch Pinto. **La manifestación de la modalización epistémica en el discurso del periodista Carlos Peralta**. 2010. 96 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Cascavel, 2010.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Bidarra

Defesa: 16 de agosto de 2010

El objetivo de esta investigación consiste en averiguar los procesos de modalización epistémica establecidos por los adverbios en *-mente*, por los adjetivos en función predicativa, por el adverbio *tal vez*, por los verbos modales *poder* y *deber* y por el sustantivo *realidad*, que actúa como núcleo de locución adverbial en enunciados, retirados de textos de Carlos Peralta, publicados en el periódico *La Nación*. El interés en promover un análisis en este contexto surge de reflexiones promovidas a partir de estudios desarrollados por el grupo de pesquisa *Processos Lexicais, Retóricos e Argumentativos*. Se han llevado en consideración, además de la posibilidad del estudio de la modalización lingüística contribuir para el desarrollo de las habilidades lingüístico-discursivas de los alumnos como lectores y productores de texto en español, las pesquisas a respecto de las relaciones entre lengua y cultura en América Latina. Durante el trayecto recorrido para el desarrollo de este trabajo, se observó que los elementos modalizadores en análisis, demuestran una estrategia de modalización en la cual el productor de texto recorre para marcar su posición hacia al mensaje expreso y, para eso, establece una interlocución con el lector, conforme apuntan Corbari e Sella (2007). De esta manera, la modalización puede volverse tanto para el contenido, como para el lector, para intentar convencerlo de la validez de la opinión expresa. En ese sentido, se ha averiguado, en los enunciados escritos por Carlos Peralta, los diferentes efectos comunicativos provocados por esos elementos modalizadores. Para eso, se siguieron las propuestas de análisis presentes en las obras de Parret (1988), Neves (1996; 2006), Castilho e Castilho (1992), Núñez (1991), Dall’Aglío-Hattner (1995, 2007), dentre otros. De este modo, el presente trabajo se dividió en tres capítulos: en el primer capítulo, se exponen los estudios a respecto de la modalización lingüística; en el segundo capítulo, se presentan el *corpus* y los procedimientos de análisis y de organización de los enunciados; y el tercer capítulo, se reservó un espacio para los análisis; las consideraciones finales, puestas en la secuencia, resultan, por lo tanto, de esos análisis todavía iniciales y fundamentados en un *corpus* estricto.

Palabras-clave: Modalización Epistémica, Enunciados del periódico *La Nación*, productor de texto.

SUMÁRIO

RESUMO	vii
RESUMEN	viii
INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO I A MODALIZAÇÃO	07
1.1 A CLASSIFICAÇÃO DA MODALIZAÇÃO LINGUÍSTICA	16
1.1.1 A modalização epistêmica.....	19
1.1.2 A modalização epistêmica no campo da certeza	22
1.1.3 A Modalização epistêmica nos graus da possibilidade.....	25
CAPÍTULO II SELEÇÃO E ORGANIZAÇÃO DOS ENUNCIADOS	30
2.1 SELEÇÃO DO <i>CORPUS</i>	30
2.2 PROCEDIMENTOS DE COLETA DO <i>CORPUS</i>	32
2.3 ORGANIZAÇÃO DOS ENUNCIADOS QUE CONSTITUEM O <i>CORPUS</i>	34
2.4 CARACTERIZAÇÃO DOS TEXTOS ESCOLHIDOS	36
2.5 NEUTRALIDADE JORNALÍSTICA E MODALIZAÇÃO	38
CAPÍTULO III A MANIFESTAÇÃO DA MODALIDADE EPISTÊMICA EM ENUNCIADOS RETIRADOS DO JORNAL <i>ON-LINE LA NACIÓN</i>	42
3.1 A MANIFESTAÇÃO DA MODALIZAÇÃO EPISTÊMICA NO CAMPO DA CERTEZA.....	44
3.1.1 Advérbios terminados em <i>-mente</i>	44
3.1.2 Adjetivos em função predicativa	49
3.1.3 O substantivo <i>realidad</i> (núcleo de locução adverbial)	52
3.2 A MANIFESTAÇÃO DA MODALIZAÇÃO EPISTÊMICA NOS GRAUS DA POSSIBILIDADE	55
3.2.1 Advérbios terminados em <i>-mente</i>	56
3.2.2 O advérbio <i>tal vez</i>	57
3.3.3 Os verbos modais <i>poder e deber</i>	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	70
ANEXOS - ENUNCIADOS DOS TEXTOS SELECIONADOS PARA A COLETA DO <i>CORPUS</i>	73
Texto 1	73
Texto 2	75
Texto 3	77
Texto 4	79

Texto 5	81
Texto 6	83
Texto 7	85
Texto 8	87
Texto 9	89
Texto 10	91
Texto 11	93
Texto 12	95

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu de algumas reflexões propostas em estudos linguísticos promovidos no interior do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras da Unioeste, *Campus* de Cascavel. Nesses estudos, observou-se, com base em autores consultados, dentre eles Neves (2006), Nóbrega (2000) e Dall’Aglio-Hattner (1995), que a modalização¹ pode ser usada como um recurso linguístico atualizado pelo produtor² do texto para pontuar uma avaliação, explícita ou implícita, sobre o que enuncia. Por meio dessa estratégia, demarca espaços de engajamento ou distanciamento em relação ao dito, sempre buscando angariar a confiança e a credibilidade do leitor.

Considerando essa dinâmica e, ainda, tomando a língua como “atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos” (KOCH, 2003, p. 17), entende-se, portanto, que sempre há intenções do produtor, reveladas por meio de certas marcas presentes no enunciado. Ou seja, toma-se como pressuposto a ideia de que “os textos produzidos pelo homem vão revelando não apenas fatos, mas também os comentários dos fatos” (NÓBREGA, 2000, p. 99).

Tomando por base essas noções mais gerais acerca do trabalho com a linguagem, põe-se como objetivo principal para este trabalho a análise de enunciados retirados de texto de Carlos Peralta, publicados no jornal *La Nación*³, em que se atualiza a modalização epistêmica. São observadas as seguintes formas de expressão desse tipo de modalidade: advérbios terminados em *-mente*, adjetivos em função predicativa, os modais *deber* e *poder*, o advérbio *tal vez*, e, ainda, expressões adverbiais cujo núcleo seja preenchido pelo substantivo *realidad*.

¹ Os termos *modalidade* e *modalização* são sinonimamente empregados neste trabalho, conforme o fazem Castilho e Castilho (1992). Explicita-se essa opção teórica no Capítulo I.

² O termo produtor do texto, ou apenas produtor, falante e autor são usados em referência ao jornalista paraguaio.

³ Toda vez que for citado o jornal *La Nación*, faz-se referência ao jornal paraguaio veiculado na Internet (*online*).

Constitui objetivo específico desta pesquisa entender o papel dos elementos utilizados para a orientação argumentativa traçada no texto. Parte-se da hipótese de que o jornalista faz uso do eixo epistêmico para revelar, ainda que sutilmente, sua opinião sobre o que escreve, deixando transparecer suas intenções no texto. Ao retratar uma atitude avaliativa do produtor do texto em relação à mensagem expressa, acredita-se que as marcas modalizadoras estabeleçam uma interlocução mais ativa do produtor do texto com o leitor, uma vez que são usadas com o intuito de convencer o interlocutor da validade da opinião assumida e revelada no enunciado.

Aventa-se ainda a hipótese de que essas marcas retratam uma estratégia utilizada pelo jornalista numa tentativa de proteger ou mesmo de promover sua imagem, já que elas revelam o (des)comprometimento do jornalista face a seu enunciado.

Essa perspectiva de análise coaduna-se com o pressuposto, apresentado por Neves (2006), de que o produtor imprime, por meio da língua, metas e intenções direcionadas ao ouvinte com intuito de convencê-lo de seu discurso. Para tanto, o produtor recorre a estratégias linguísticas variadas, dentre as quais se destaca o uso de elementos modalizadores. Assim, considera-se que, “embora haja graus variados de modalização, não se alcança nunca a neutralidade, porque sempre fica uma marca indelével do demiurgo na produção” (NÓBREGA, 2000, p.102).

Toma-se como fonte de coleta do *corpus* o jornal *La Nación* por se tratar de um veículo que atrai tanto internautas paraguaios quanto estrangeiros, já que é possível acessá-lo de qualquer parte do mundo, a qualquer hora. Constitui-se, como aponta Lemos (2004, p. 20), um espaço global regido “pelo tempo real imediato do mundo globalizado”. Além da facilidade de acesso, o jornal ultrapassa os limites nacionais por abarcar também temas (políticos, sociais e culturais) de abrangência internacional.

Nesse sentido, o jornal *La Nación* constitui-se como uma fonte propícia para uma investigação acerca da modalização, já que comporta um produtor que, ao escrever, considera

o seu leitor, o que, por sua vez, direciona a forma de tratar o tema, bem como as escolhas linguísticas que faz.

Toma-se como aporte teórico para sustentação desta pesquisa os estudos de Parret (1988), Castilho e Castilho (1992), Neves (2006, 1996), Núñez (1991), Koch (2000), Dall’Aglío-Hattner (1995, 2007) e, ainda, as pesquisas realizadas por Sella, Roman e Busse (2004), Vicenti (2007), Corbari (2008) e Hoffmann (2009), as quais apresentam análises que contribuem para a investigação dos modalizadores epistêmicos atualizados em textos disponíveis no jornal *La Nación*.

Os estudos acerca da modalização linguística apresentados por esses pesquisadores subsidiam o pressuposto aqui assumido de que, apesar de todo uso da linguagem envolver a modalização – já que, em qualquer caso, o produtor escolhe a forma como vai organizar o seu enunciado (cf. CASTILHO; CASTILHO, 1992, NEVES, 2006) –, essa categoria linguística atualiza-se de forma mais enfática por meio de certos vocábulos, descritos como elementos modalizadores. Estes, quando postos em cena – em especial nos enunciados selecionados do jornal –, podem demarcar o objetivo do autor de levar o leitor à concordância e à aceitação do seu ponto de vista, e, ainda, garantir a credibilidade e a isenção do jornalista, já que podem eximi-lo da responsabilidade pelo conteúdo veiculado em seu discurso.

Esta investigação pode contribuir para o aprofundamento dos estudos linguísticos no que tange à modalização, com a demonstração do funcionamento das modalidades em condições específicas de produção, aqui envolvendo a esfera jornalística. Também pode contribuir para os estudos jornalísticos, já que se tecem considerações a respeito do modo como o jornalista demarca seu posicionamento, suas certezas e incertezas a respeito do que ele enuncia – neste caso, especificamente em relação ao governo do presidente paraguaio Fernando Lugo.

Espera-se, também, que este trabalho contribua para o ensino de Língua Espanhola, já que se trata de uma das línguas oficiais⁴ do Paraguai, tendo em vista que o *corpus* selecionado coteja textos retirados de um jornal paraguaio. Embora a contribuição ocorra de forma indireta, uma vez que este estudo representa apenas um roteiro de análise de textos que circulam em um jornal *on line*, o resultado deste trabalho pode servir para pesquisas sobre leitura cujo enfoque seja a modalização linguística atualizada na Língua Espanhola.

A observação desse contexto educacional resultou em algumas reflexões propostas por estudos linguísticos promovidos pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras da Unioeste, *Campus* de Cascavel, mais especificamente por parte de pesquisadores inscritos no grupo de pesquisa *Processos Lexicais, Retóricos e Argumentativos*. Tais reflexões surgem do interesse de se pesquisar as relações entre língua e cultura na América Latina, uma das vertentes do Programa.

Justifica-se a escolha de textos escritos em espanhol sob a ótica do docente do curso de Letras Português/Espanhol da Unioeste, *campus* de Cascavel, que tem o intuito de despertar o interesse dos acadêmicos que estudam a Língua Espanhola para a importância de aliar os conhecimentos da língua estudada aos conceitos de modalização.

Espera-se, com isso, possibilitar ao aluno não apenas sua formação como docente da língua estrangeira em questão, mas também sua formação como leitor e produtor de textos. Isso porque se entende que a abordagem da modalização linguística pode contribuir para o desenvolvimento da habilidade em lidar com estratégias argumentativas específicas, o que, por sua vez, pode contribuir para a formação de um leitor crítico, que não se deixará persuadir facilmente, e de um produtor que saiba usar a língua em favor de seus objetivos nas mais diversas situações comunicativas.

Tendo em vista que o interesse inicial, pontuado acima, foi o de aliar os estudos sobre a modalização às pesquisas que estuda a relação entre língua e cultura na América Latina, fez-

⁴ Paraguai tem duas línguas oficiais, sendo elas, o espanhol e o guarani.

se necessário, então, definir um dos países latinos para começar a investigação. Nesse sentido, a escolha por textos produzidos por jornalista paraguaio justifica-se pela existência de um projeto de intercâmbio que se tem entre Brasil e Paraguai, intitulado Projeto de Intercâmbio linguístico-cultural⁵, viabilizado por docentes e discentes dos dois países, o qual tem despertado o interesse de estudantes e professores de espanhol pelo estudo da língua e da cultura paraguaia.

No que se refere aos procedimentos metodológicos, os passos traçados para o desenvolvimento desta pesquisa foram o estudo bibliográfico e a análise de *corpus*. O presente trabalho divide-se em três capítulos. No Capítulo I – *A modalização* –, são apresentadas algumas considerações sobre a modalização linguística. O conceito de modalização, bem como a identificação e classificação dos elementos modalizadores, pautam-se em estudos propostos por Parret (1988), Castilho e Castilho (1992), Dall’Aglio-Hattner (1995, 2007) e Neves (1996, 2006), dentre outros autores. Faz-se, nessa parte do trabalho, uma breve menção a respeito da modalização alética e modalização deôntica; contudo, enfoca-se a modalização epistêmica, já que esse tipo de modalização é tomado como objeto de investigação nas análises propostas. O Capítulo II – *Seleção e organização dos enunciados* – apresenta os procedimentos que direcionaram a seleção, a organização e a análise do *corpus*, considerando-se especificamente a modalidade epistêmica. O Capítulo III – *A manifestação da modalidade epistêmica em enunciados retirados do jornal on-line La Nación* –, apresenta a análise desenvolvida após a sistematização dos tipos de modalizadores presentes nos textos coletados. Para tanto, procurou-se investigar, nos enunciados selecionados, a manifestação da modalização epistêmica instaurada por meio dos seguintes recursos linguísticos: advérbios terminados em *-mente*, adjetivos em função predicativa, os modais *deber* e *poder*, o advérbio *tal vez* e expressões adverbiais cujo núcleo é preenchido

⁵ Projeto de Extensão da UNIOESTE (Colegiado de Letras – CECA).

pelo substantivo *realidad*. Com base nesses elementos linguísticos, enfocam-se as estratégias argumentativas possibilitadas pela atualização da modalidade epistêmica.

Esta pesquisa pauta-se, mais especificamente, nos textos escritos por Carlos Peralta, alocados na seção *Suplementos*. Esses textos refletem de forma explícita a opinião do jornalista e, por isso, possibilitam um espaço para a atualização de modalizadores, também explícitos. Quanto ao assunto abordado, optou-se pelos textos em que o jornalista refere-se à política paraguaia – mais especificamente, ao presidente paraguaio Fernando Lugo –, os quais carregam um teor argumentativo que favorece o aparecimento de elementos modalizadores.

Para a coleta⁶ do *corpus*, foi delimitado o período de dezembro de 2008 a agosto de 2009 (16/11/2008 a 17/05/2009). Nesse ínterim, foram coletados 12 textos na seção selecionada, dos quais foram extraídas, para esta pesquisa, 23 ocorrências de elementos modalizadores.

Realizada a delimitação, deu-se início à seleção dos modalizadores epistêmicos, com a sistematização das ocorrências desses elementos nos enunciados sob investigação. A partir desse contato com o *corpus*, observou-se que, no processo de escrita, o jornalista revela seu posicionamento a respeito do presidente paraguaio, já que a finalidade do texto sob análise parece ser a de levar o leitor a refletir a respeito da política instituída por Lugo.

Ressalta-se que as reflexões apontadas neste trabalho emergem de considerações ainda iniciais e se alicerçam em um *corpus* restrito. Nesse sentido, elas não podem ser consideradas definitivas ou concluídas, já que as análises apresentadas se limitam a focalizar os elementos modalizadores em enunciados jornalísticos à luz das teorias apresentadas neste trabalho.

⁶ Os procedimentos para a seleção do *corpus* são detalhados no Capítulo II deste trabalho.

CAPÍTULO I

A MODALIZAÇÃO

Este capítulo apresenta um estudo teórico sobre a modalização linguística, o qual fundamenta a análise alocada no Capítulo III. Esta, conforme já enunciado, tem como principal objetivo observar a função modalizadora assumida, no enunciado, por certos elementos linguísticos que atualizam o eixo epistêmico, quais sejam: advérbios terminados em *-mente*, adjetivos em função predicativa, os modais *deber* e *poder*, o advérbio *tal vez* e, ainda, expressões adverbiais que têm como núcleo o substantivo *realidad*.

Assim, propõe-se, nesta parte do trabalho, a abordagem de alguns conceitos e tipos de modalização linguística. Para tanto, recorre-se a Castilho e Castilho (1992), Parret (1988), Núñez (1991), Dall’Aglio-Hattner (1995, 2007), Koch (2000) e Neves (1996, 2006). Também contribuem para as reflexões propostas os estudos desenvolvidos por Sella, Roman e Busse (2004), Corbari e Sella (2007), Nóbrega (2000), Leite (2002), Polchlopek (2005), Vicenti (2007), Corbari (2008), Matsumoto (2008) e Hoffmann (2009).

Assumindo um caráter interdisciplinar, a modalização é analisada por diferentes campos de estudo que têm a língua como objeto de análise. Portanto, as pesquisas referentes a esse assunto têm se desenvolvido sob diferentes pontos de vista, de acordo com o viés de análise assumido pelos estudiosos. Polchlopek (2005) ilustra essa afirmação, apontando, ainda, alguns autores que são referências em cada área citada:

[...] cada autor tende a privilegiar um aspecto, por exemplo: a sintaxe (Ross, 1969); a semântica (Lyons, 1977; Palmer, 1979); a pragmática (Parret, 1976) e a análise do discurso (Maingueneau, 2001). Alguns pesquisadores a situam, ainda, na dicotomia dictum (o relacionamento de um predicado com um sujeito) e modus (ou modalidade - uma atitude tomada pelo sujeito falante com respeito a esse conteúdo). (POLCHLOPEK, 2005, p. 55).

Nesse sentido, por envolver não apenas o significado das expressões modalizadas, mas, ainda, a delimitação das noções escritas no domínio conceitual implicado (NEVES, 2006), a própria conceituação da modalidade retrata uma “tarefa complexa” (NEVES, 2006, DALL’AGLIO-HATTNER, 1995, NÚÑEZ, 1991).

Para Dall’Aglío-Hattner (1995, p. 2), “as modalidades caracterizam-se por ser um campo particularmente difícil de se apreender, com limites ainda não estabelecidos. Também Núñez (1991), seguindo a ideia proposta por Palmer (1986), reconhece a dificuldade para conceituar essa categoria linguística, considerando-se que as definições propostas, ainda vagas e imprecisas, não possibilitam a integração dos resultados obtidos pelas diferentes linhas de pesquisa. Para o autor, “esta confusão descritiva corresponde à ausência de uma teoria semântica modal consistente” (NÚÑEZ, 1991, p. 17)⁷.

Nessa mesma linha de raciocínio, Cervoni (1989) reconhece que a dificuldade de encontrar pontos de vista comuns e de delimitar as modalidades maximizou com os avanços na área da Linguística: “A linguística evoluiu, a descrição das operações que modelam um enunciado se diversificou e se enriqueceu consideravelmente. A dificuldade de estabelecer para as modalidades um lugar bem definido no campo da linguística aumentou proporcionalmente” (CERVONI, 1989, p. 55).

Núñez (1991), embora reconheça as divergências e variedades entre as distintas áreas (descritiva, histórica, estrutural, gerativa, pragmática), busca delimitar um ponto em comum entre elas: todas caracterizam a modalização como uma forma de demarcar a atitude do produtor em relação ao conteúdo enunciado. Assim, parece ser um fator comum da modalização, analisada por diferente viés, a expressão da opinião, a avaliação, o modo como revela a certeza ou as incertezas quanto ao conteúdo enunciado, o engajamento (ou não-engajamento) em relação ao conteúdo da mensagem.

⁷ Texto original: “Esta confusión descriptiva responde a la ausencia de una teoría semántica modal consistente” (NÚÑEZ, 1991, p. 17).

Em outras palavras, trata-se de uma categoria essencialmente subjetiva, na medida em que é interpretada como "um reflexo das opiniões ou atitudes do falante" (NÚÑEZ, 1991, p. 30)⁸. Também Neves (2006) entende que, ao escolher a forma como vai enunciar, o falante deixa marcas em seu enunciado, emitindo, portanto, sua opinião e seu posicionamento.

Seguindo a perspectiva de análise dos autores acima referenciados, neste trabalho, considera-se que a modalização se caracteriza, de maneira geral, como expressão da opinião do produtor em relação ao seu discurso. Considerando-se o *corpus* de análise, é vista como um recurso que explicita a avaliação do jornalista a respeito do tema que aborda no texto, revelando, portanto, seu posicionamento.

Ressalta-se que os termos *modalidade* ou *modalização*, a exemplo de Castilho e Castilho (1992), são tratados, neste trabalho, como sinônimos. De acordo com esses pesquisadores, a tradição gramatical reconhece dois componentes na sentença: o *dictum* (componente proposicional, constituído de “sujeito” e “predicado”) e o *modus* (componente modal, que expressa o julgamento do falante a respeito do componente proposicional).

Castilho e Castilho (1992) preferem evitar essa distinção, considerando que o simples fato de enunciar envolve uma avaliação. Tal dicotomia, para os autores, “é um pouco especiosa, pois de qualquer forma sempre há uma avaliação prévia do falante sobre o conteúdo da proposição que ele vai veicular, decorrendo daqui suas decisões sobre afirmar, negar, interrogar, ordenar, permitir, expressar a certeza ou a dúvida sobre esse conteúdo, etc. (CASTILHO; CASTILHO, 1992, p. 201). Assim, os autores preferem usar sem distinção os termos *modalidade* e *modalização*, decisão que é acolhida neste trabalho.

Numa tentativa de situar os estudos que orientam esta pesquisa, passa-se à conceituação da modalização linguística, considerando-se a ideia inicial, já referendada, de que retrata determinadas posições assumidas pelo produtor do texto.

⁸ Texto original: “un reflejo de las opiniones o actitudes del hablante” (NÚÑEZ, 1991, p. 30).

Nessa perspectiva, Koch (2000) descreve a modalização como um recurso ligado à produção do enunciado e que serve para indicar intenções, sentimentos e atitudes do locutor com relação ao seu discurso. Tais elementos

[...] caracterizam os tipos de atos de fala que [o falante] deseja desempenhar, revelam o maior ou menor grau de engajamento do falante com relação ao conteúdo proposicional veiculado, apontam as conclusões para as quais os diversos enunciados podem servir de argumento, selecionam os encadeamentos capazes de continuá-los, dão vida, enfim, aos diversos personagens cujas vozes se fazem ouvir no interior de cada discurso. (KOCH, 2000, p. 138).

A citação de Koch (2000) reforça a ideia anunciada por Neves (2006) de que é improvável que ocorram enunciados não modalizados, uma vez que, ao enunciar, o produtor revela suas intenções e seu posicionamento. Ou, nas palavras da autora, é improvável que

[...] o enunciado se possa manter como uma asserção descompromissada das intenções e das necessidades do falante que assevera: é muito improvável, afinal, que um conteúdo asseverado num ato de fala seja portador de uma verdade não filtrada pelo conhecimento e pelo julgamento do falante. (NEVES, 1996, p. 171).

Assim, a própria forma de enunciar revela o enunciador: “cada tipo frasal tradicionalmente reconhecido (frase declarativa, interrogativa, optativa, exclamativa e imperativa) revela um tipo de opinião por parte do falante, e, portanto, corresponde a um tipo de modalidade” (NEVES, 2006, p. 154).

Nesse sentido, o próprio ato de enunciar implica modalizar: “se a modalidade é, essencialmente, um conjunto de relações entre o locutor, o enunciado e a realidade objetiva, é cabível propor que não existam enunciados não-modalizados” (NEVES, 2006, p. 152).

Essa interpretação é também apresentada por Parret (1988), para quem mesmo as asserções implicam um comprometimento epistêmico, o que significa dizer que asserções modalmente neutras são raras nas línguas naturais.

Embora esse entendimento seja considerado, neste trabalho, enfocam-se os elementos modalizadores que deixam explícita a relação que o produtor assume com relação ao enunciado, revelando seus conhecimentos, suas crenças, ou, em outras palavras, explicitando a subjetividade presente no texto.

Para Dall’Aglío-Hattner (1995, 2007) – que se apoia nas teorias de Lyons (1977) e Palmer (1986) –, a subjetividade poderia ser tomada como um critério essencial para a modalidade:

[...] qualquer enunciado no qual o falante qualifica explicitamente seu comprometimento com a verdade da proposição por ele enunciada é um enunciado epistemicamente modalizado [...]. Nesse sentido, enquanto expressão da opinião e da atitude do falante, essas qualificações são igualmente subjetivas. (DALL’AGLIO-HATTNER, 2007, p. 108).

Assim, a subjetividade proporciona ao produtor do texto tomar um posicionamento de maior ou menor comprometimento com o que está sendo revelado, fazendo com que ele assuma com maior ou menor força o que enuncia, ora comprometendo-se, ora afastando-se, de acordo com seus interesses em conduzir tal enunciado (cf. CORACINI, 1991). Em outras palavras, a modalização linguística, caracterizada pela subjetividade, revela uma relação de (des)comprometimento do produtor com aquilo que ele enuncia, ainda que não revele a fonte de seu conhecimento.

Outra característica que precisa ser levada em conta na interpretação dos elementos modalizadores é o caráter polissêmico assumido por alguns elementos, principalmente quando da demarcação da natureza epistêmica ou deôntica.

Depreende-se que os verbos auxiliares modais *dever* e *poder* podem expressar tanto possibilidade epistêmica quanto permissão deôntica (LEITE, 2002). Na esteira dos estudos de Palmer (1986), Leite (2002) observa que as mesmas formas desses verbos são usadas para a expressão dos dois tipos de modalidade e podem assumir diferentes sentidos no enunciado – aos quais, em geral, é possível chegar observando-se o contexto em que tais elementos estão

inseridos. Podem, portanto, expressar tanto obrigação como permissão, ou, ainda, probabilidade e possibilidade (NEVES, 1996, 2006). Por exemplo, o verbo *poder* indica permissão/proibição deôntica em *Aquí não se puede fumar* e possibilidade epistêmica em *Ele puede ser un bom menino*.

Neves (2006) alerta que, embora o elemento em tela apresente ora uma permissão deôntica, ora uma possibilidade epistêmica, não se pode “atribuir a este verbo modal a responsabilidade da distinção, já que ele é o mesmo em todos os casos (pode)” (NEVES, 2006, p. 179).

Nos quadros abaixo, são apresentadas ocorrências epistêmicas e deônticas dos verbos *deber* e *poder* retiradas dos textos que constituem o *corpus* de análise. Embora não seja objetivo deste trabalho averiguar a modalização deôntica, esta será, neste momento, considerada, uma vez que se considera importante explicitar o caráter polissêmico assumido pelos verbos em questão.

Explica-se que os enunciados são transcritos *ipsis litteris* conforme publicação no jornal *La Nación*. Porém, dispõe-se a tradução dos enunciados em notas de rodapé.

1a) DEVER INDICANDO <i>OBRIGAÇÃO</i> : DEÔNTICO	<i>La prioridad de este gobierno debe estar enfocada en planes para enfrentar la crisis financiera nacional y mundial</i> ⁹ . (texto 5)
1b) DEVER INDICANDO <i>PROBABILIDADE</i> : EPISTÊMICO	Lugo <i>debe saber que los errores pueden ser perdonados</i> ¹⁰ .(texto 5)
2a) PODER INDICANDO <i>POSSIBILIDADE</i> : EPISTÊMICO	<i>La gente puede disculpar las equivocaciones o las distracciones de Lugo</i> ¹¹ .(texto 5)

⁹ A prioridade deste governo deve centrar-se em planos para enfrentar a crise financeira nacional e mundial.

¹⁰ Lugo **deve** saber que os erros podem ser perdoados.

¹¹ As pessoas **podem** desculpar os erros ou as distrações de Lugo.

2b) PODER INDICANDO PERMISSÃO : DEÔNTICO	No <i>puede</i> seguir cometiendo disparates, burradas a cada paso y tratar de ocultar o disfrazar su responsabilidad cargándolos en otros ¹² . (texto 5)
---	--

Por meio dos exemplos disponíveis no quadro acima, é possível verificar as ocorrências dos modais *deber* e *poder* indicando possibilidade/probabilidade, permissão/obrigatoriedade.

Em (1a), *La prioridad de este gobierno debe estar enfocada en planes para enfrentar la crisis financiera nacional y mundial*, nota-se que o enunciado está deonticamente demarcado pelo verbo *deber*, o qual direciona a argumentação para uma ação que deve acontecer obrigatoriamente, segundo a interpretação apresentada pelo produtor do texto.

Já no enunciado (1b), Lugo *debe saber que los errores pueden ser perdonados*, percebe-se o uso do mesmo verbo, mas agora com sentido distinto. Nesse caso, entende-se que o verbo *deber* não configura uma ordem nem introduz uma necessidade, mas expressa um julgamento epistêmico, apoiado no conhecimento que tem a respeito do fato posto no conteúdo proposicional. Tal julgamento se ancora no fato de o jornalista conhecer um dos motivos que contribuíram para a eleição de Lugo: sua religião. Como o povo que o elegeu, Lugo é cristão. O jornalista avalia que, considerando os valores religiosos, é possível que o povo perdoe o presidente. Assim, o modal *debe*, nesse enunciado, revela uma possibilidade epistêmica pautada no conhecimento do produtor a respeito do que é enunciado.

Também assume sentido epistêmico o verbo *poder* usado em (2a), *La gente puede disculpar las equivocaciones o las distracciones de Lugo*. Nesse enunciado, nota-se que o produtor recorre ao sentido de possibilidade viabilizado pelo verbo *poder*. Nesse caso, reconhece-se que quem elegeu Lugo pode desculpá-lo, avaliação que, mais uma vez, está apoiada no conhecimento do jornalista acerca das crenças e dos valores cristãos que o povo

¹² Não **pode** continuar cometendo absurdos, burradas a cada instante e tentar esconder ou disfarçar sua responsabilidade culpando os outros.

tem. Assim, o produtor modaliza seu enunciado baseando-se em seu conhecimento a respeito do povo paraguaio.

Já em (2b), *No **puede** seguir cometiendo disparates, burradas a cada paso y tratar de ocultar o disfrazar su responsabilidad cargándolos en otros*, observa-se que o verbo *poder* veicula um valor deôntico, revelando permissão, ou melhor, a não-permissão. Nesse contexto, advérbio *no* reforça a ordem que pretende atribuir no enunciado. Assim, o autor se posiciona como um sujeito que detém certa autoridade sobre o que está enunciando.

Conforme se exemplificou por meio dos enunciados analisados, os verbos *deber* e *poder* podem relacionar-se ao eixo epistêmico ou deôntico, uma polissemia que retrata uma característica própria das línguas naturais e, ainda, possibilita ao produtor de texto conduzir seu enunciado de acordo com seus interesses.

A expressão da probabilidade e da possibilidade ocorre no eixo do conhecimento, exigindo do produtor do texto certo conhecimento a respeito do que enuncia – como pode ser observado nos enunciados (1b) e (2a) –, conhecimento extrínseco, baseado no conhecimento prévio, que pode estar mais ou menos próximo da certeza (NEVES, 1996, 2006, DALL’AGLIO-HATTHNER, 1995). Já a expressão da permissão e da obrigação – observada nos enunciados (1a) e (2b) –, relaciona-se ao eixo da conduta, atualizado por modais que envolvem o controle humano intrínseco dos eventos, manifestando volição e obrigação (cf. LEITE, 2002).

Uma análise mais ampla, que considera os objetivos em jogo na interação estabelecida, leva à observação de que o produtor, orientado por suas intenções comunicativas – convencer o interlocutor da validade de sua tese –, recorre tanto ao eixo epistêmico quanto ao deôntico.

Vale lembrar que os enunciados acima referendados exemplificam a polissemia viabilizada por meio de elementos modalizadores, mas não são os únicos recursos de

expressão da modalização. Esta pode ser manifestada, conforme será apresentado na seção 1.1.1, por diferentes recursos moralizadores.

Fazendo uma análise das gramáticas tradicionais, Parret (1988) cita que a forma como estas abordam a modalização linguística limita e empobrece o conceito de modalidade ao defini-la por meio da força semântica e da distribuição sintática de verbos modais (*poder, dever, saber, querer*). Considerando a perspectiva pragmática da linguagem, o autor afirma que é preciso considerar a modalização como um ato de linguagem, devendo ser estudada com base nas relações interativas que proporciona, num nível mais profundo do que aquele proporcionado pela perspectiva tradicional.

Em outras palavras, Parret (1988, p. 79) critica a perspectiva de análise que resume a modalidade à “propriedade de seqüências lexicalizadas”, propondo, em contrapartida, considerá-la como “verdadeiros atos de linguagem” (PARRET, 1988, p. 10), os quais podem se manifestar de diferentes formas no momento da interação. Observa-se a importância do caráter subjetivo e polissêmico para a análise dos enunciados nos quais estão ambientados os elementos modalizadores.

Embora se admitam as diversas formas de modalizar o texto, nesta pesquisa faz-se a análise apenas de alguns modalizadores epistêmicos. Esse tipo de modalização é mais recorrente no *corpus* analisado, porque, além de estar ligada ao eixo da informação, do conhecimento, permite um (des)comprometimento do produtor, uma vez que, ao enunciar no campo da certeza, o jornalista se compromete com o dito e, ao recorrer aos graus da possibilidade epistêmica, “se exime da responsabilidade sobre a verdade ou falsidade da proposição” (CORBARI, 2008, p.16). Com essa estratégia, angaria a adesão do leitor, buscando atingir um dos interesses do jornalismo que é garantir credibilidade junto ao leitor.

1.1 A CLASSIFICAÇÃO DA MODALIZAÇÃO LINGUÍSTICA

A modalidade se caracteriza pela maneira como o produtor revela sua atitude, seu posicionamento, seu julgamento em relação a seus enunciados. Conforme Núñez (1991), de modo geral, ela é estudada segundo a divisão em três categorias básicas, a saber: *modalidade epistêmica, modalidade deôntica e modalidade alética ou aristotélica*.

A modalidade alética, descrita pela lógica clássica, relaciona-se à existência dos estados de coisas¹³, ou seja, refere-se ao eixo da existência e revela o valor de verdade das proposições. O necessário e o possível, neste tipo de modalidade, são valores que modificam o valor de verdade das proposições. Para muitos estudiosos, como Núñez (1991), Parret (1988) e Neves (1996, 2006), a modalidade alética não se constitui foco dos estudos linguísticos, já que se aplica a proposições relacionadas a mundos possíveis dentro dos quais seriam, ou não, verdadeiras (NEVES, 1996, 2006). Cabe salientar que, nesta pesquisa, a modalidade alética não se constitui tópico de discussão, uma vez que seu objetivo foca a análise do (des)comprometimento do jornalista em relação ao seu enunciado, e, como já se explicitou, considera-se a subjetividade característica essencial da modalização.

A modalidade deôntica, por sua vez, manifesta-se no eixo da conduta (cf. NÚÑEZ, 1991). O termo *deôntico* origina-se da palavra grega *déon*, que significa “o que é obrigatório”. No campo da modalização, refere-se à conduta do falante quando este impõe, obriga ou permite algo. Portanto, a “modalidade deôntica se situa no domínio do dever (obrigação e permissão) e se liga à volição e à ordem” (NEVES, 1996, p. 187). Isso significa dizer que essa

¹³ Dall’Aglio-Hattner (1995, p. 53) explica que estados-de-coisas (EC) é “algo que pode ocorrer em algum mundo real ou imaginário e, como tal, pode ser localizado no tempo e no espaço, pode durar algum tempo e pode ser visto, ouvido ou mesmo percebido”. A mesma expressão é definida por Polchlopek (2005, p. 59) como “conhecimento geral de mundo”.

categoria da modalização requer um controle do falante sobre o ouvinte, que é atualizado por meio da ordem, da permissão ou da volição.

A modalidade deôntica comumente se inscreve em predicções de futuridade, já que, ao impor algo a alguém, ocorre a descrição de um estado de coisas que o outro deverá executar, em geral, num momento posterior ao ato de fala. Para Neves (1996, p. 193), essa característica da modalização deôntica é previsível, haja vista que “essa modalização diz respeito à conduta, que se projeta para momento posterior à manifestação do *déon*, isto é, da necessidade deôntica”.

Para ilustrar essa questão, tome-se o enunciado “*Antes de comer o bolo, você deve lavar as mãos*”. Suponha-se que essa frase seja enunciada por uma mãe, que se dirige filho que acaba de chegar da escola com as mãos sujas. Essa afirmação deôntica imprime uma ordem, um conhecimento intrínseco da mãe que impõe a seu filho determinada conduta (lavar as mãos), que deverá se executada no tempo futuro ao que foi imposto. Com isso, fica evidente a relação hierárquica estabelecida entre os parceiros da comunicação.

Os enunciados abaixo, retirados do *corpus* de análise, são ilustrativos da modalização situada no eixo do dever:

(3) *El mandatario debe “governar” el país y para ello necesita concertar acuerdos, establecer consensos con los partidos políticos y el Congreso para salir de este atolladero* (Texto 6).¹⁴

Nesse enunciado, o produtor imprime uma ordem por meio do modal *deber* e do verbo *necesitar*. Esses verbos deônticos indicam, no caso em análise, que o presidente paraguaio deve/tem a obrigação de governar e que ele precisa estabelecer acordos para resolver os problemas políticos paraguaios. Não se trata de demarcar o teor de verdade do que está sendo dito, como ocorre com a modalização epistêmica. A modalidade deôntica revela que o

¹⁴ O mandatário **deve** “governar” o país e, para isso, ele precisa fixar acordos, estabelecer consensos com os partidos políticos e o Congresso para sair deste lamaceiro.

produtor deseja atuar fortemente sobre o outro ao apresentar “um estado de coisas que deve, precisa ocorrer obrigatoriamente” (CASTILHO; CASTILHO, 1992, p. 207).

No enunciado sob análise, observa-se, conforme se explicou anteriormente, que há predicacões de futuridade, ou seja, ocorre uma descrição de um estado de coisas que deverá ocorrer (cf. NEVES, 1996). No entanto, apesar de as ações requeridas voltarem-se ao presidente Lugo, percebe-se que a intenção do jornalista, nesse caso, não é dar uma ordem direta ao presidente; ele quer, sim, agir sobre o leitor, já que tenta convencê-lo de que o presidente não cumpre com suas obrigações.

Enquanto a modalidade deôntica, situada no domínio do *dever*, envolve controle intrínseco dos eventos, por meio do qual o falante pretende impor certa conduta (cf. NEVES, 1996), a modalização epistêmica, considerada extrínseca por envolver o julgamento do falante, se relaciona a uma avaliação do produtor pautada no conhecimento que ele tem sobre um determinado estado de coisas (cf. DALL’AGLIO-HATTNER, 2007). “Assim, há uma gradação que vai do certo ao excluído, passando pelo provável, pelo possível, pelo plausível, pelo duvidoso, pelo contestável, pelo improvável” (FIORIN, 2000, p. 184). Em outras palavras, Neves (1996, 2006) explica que esse conhecimento pode situar-se no campo da certeza absoluta, da incerteza ou percorrer os diversos graus da possibilidade.

Tanto a modalização epistêmica como a deôntica são modalidades linguísticas por envolverem a avaliação ou julgamento do produtor a respeito de seu enunciado. Neves (1996) observa que essas modalidades (epistêmica/deôntica) “se prestam bem a uma investigação linguística dos enunciados” (NEVES, 1996, p. 172).

No entanto, a modalização deôntica, assim como a alética, não será considerada na análise do *corpus*. Isso porque ela não contribui para o objetivo central da pesquisa, que, como já explicitado, consiste em verificar a maneira como o jornalista lida com os conhecimentos e crenças que tem a respeito dos fatos citados no texto e, ainda, como essa estratégia contribui para orientar o leitor a aceitar seu ponto de vista, suas intenções e atitudes

que revela em relação à proposição (CASTILHO; CASTILHO, 1992). Logo, constituem foco de análise apenas as formas de realização da modalidade epistêmica.

Assim, destinam-se as seções abaixo especialmente para a abordagem da modalização epistêmica. Para exemplificar como essa categoria se atualiza, são apresentados alguns exemplos retirados do jornal *La Nación*. Considerando-se o eixo epistêmico, são situados no *continuum* entre o certo e o possível a partir do viés específico de modalização que assumem.

1.1.1 A modalização epistêmica

Conforme já explicitado, a modalização epistêmica refere-se ao eixo do saber, ao conhecimento que o produtor tem a respeito do conteúdo da mensagem que elabora, revelando ao interlocutor sua atitude, seu posicionamento, seu julgamento¹⁵ sobre o conteúdo produzido. Núñez (1991), seguindo os estudos de Lyons (1977), explica que a modalização epistêmica se pauta no conhecimento ou nas crenças do produtor. O autor a associa, ainda, às interferências ou suposições do produtor em relação a este conhecimento ou crença; portanto, refere-se à expressão de certeza ou possibilidade.

Esse mesmo entendimento é assumido por Neves (1996, 2006) e Dall’Aglio-Hattner (1995), que entendem que esse tipo de modalização depende do grau de conhecimento do produtor sobre determinado assunto, que o leva a situar o enunciado no campo da certeza ou da incerteza. Nesse processo, conforme Koch (2000), o produtor revela um maior ou menor grau de engajamento com relação à mensagem expressa.

Desde modo, o mesmo conteúdo proposicional pode ser veiculado por meio de diferentes recursos modalizadores, conforme a intenção envolvida no evento comunicativo.

¹⁵ Para Dall’aglio-Hattner (1995, p. 28) julgamento “envolve opiniões e conclusões do falante”.

Considerando-se o *corpus* de análise e as propostas de análise apresentadas por Neves (1996, 2006) e Dall’Aglío-Hattner (1995), apresenta-se, abaixo, algumas dessas formas de atualização da modalização epistêmica. A análise dos dados é feita Capítulo III, momento em que são focados apenas os elementos citados na introdução deste trabalho – advérbios terminados em *-mente*, adjetivos em posição predicativa, os verbos modais *deber* e *poder*, o advérbio *tal vez* e o substantivo *realidad* (núcleo de locuções adverbiais). Nesse sentido, os exemplos aqui arrolados servirão apenas para exemplificar a ocorrência da modalização epistêmica em enunciados efetivos:

a) verbos modais: são verbos que podem expressar a modalidade epistêmica e se dividem em:

a1) auxiliares modais, como *poder* e *deber*, que expressam a noção de possibilidade e probabilidade:

(4) *La gente **puede** disculpar las equivocaciones o las distracciones de Lugo, y **puede** entender sus despistes o resbalones, pero ya está harta de las mentiras y el engaño.* (Texto 5)¹⁶

a2) verbos de significação plena, indicadores de opinião, crença e saber:

(5) *¿Por qué llegamos a esta situación de crisis y anarquía en el país? **Creo** que fundamentalmente por falta de liderazgo del Poder Ejecutivo, por errores en la priorización de los temas enfocados durante estos seis primeros meses de gobierno y por la escasa capacidad para aglutinar y consensuar que demuestra el gobierno y la Alianza para el Cambio.* (Texto 4)¹⁷

b) advérbios modalizadores:

b1) advérbios terminados em *-mente*:

¹⁶ As pessoas **podem** desculpar os erros ou as distrações de Lugo, e podem entender suas distrações, mas já estão fartas das mentiras e dos enganões.

¹⁷ Por que chegamos a esta situação de crise e anarquia no país? Creio que **fundamentalmente** por falta de liderança do Poder Executivo, por erros na prioridade dos temas enfocados durante estes seis primeiros meses de governo e pela escassa capacidade para aglutinar e consensuar que demonstra o governo e a “Alianza para el Cambio.

(6) *Y si **realmente** quiere combatir la corrupción debe exigirle a los directores de las binacionales una investigación exhaustiva para saber dónde fueron a parar los 10.000 millones de dólares que la Itaipú ya entregó a Paraguay desde los 80 hasta la fecha, y por qué Yacyretá es llamado monumento a la corrupción.* (Texto 5)¹⁸

b2) advérbio *tal vez*:

(7) *Muchas incógnitas que no tienen respuesta por el momento. **Tal vez**, algunas empiecen a ser develadas mañana y pasado después de la protesta de los sectores productivos del país.* (Texto 2)¹⁹

c) adjetivos em posição predicativa, como *es evidente*, *es bueno*, dentre outros:

(8) *El gobierno de Fernando Lugo se encuentra desorientado, extraviado, sin rumbo. **Es bueno** que hasta los obispos del país por fin hayan percibido que estamos camino a la anarquía debido a la falta de una firme conducción de la República.* (Texto 5)²⁰

d) substantivos modalizadores (núcleo de locuções adverbiais):

(9) *Saguier dijo que trató de evitar que se perjudicara al gobierno de Fernando Lugo y a una empresa naviera “amiga” multada por la gerencia de la entidad y a la que no se otorgó flete durante el mes de enero. **En realidad**, lo que intentó evitar es que el negocio del flete no le fuera adjudicado a la empresa de la cual es el abogado.* (Texto 3)²¹

e) Categorias gramaticais (tempo-modo verbal):

(10) *Si la soberbia no les **dominara**, Lugo y sus asesores **se darían** cuenta que en todas las encuestas realizadas hasta ahora las prioridades de la gente **son**: la inseguridad, el empleo, la solución del problema campesino, la defensa y el respeto de la propiedad privada, la educación.* (Texto 4)²²

¹⁸ E se **realmente** quer combater a corrupção, deve exigir dos diretores das binacionais uma investigação exaustiva para saber onde foram parar os 10 milhões de dólares que a Itaipu já entregou ao Paraguai desde os anos 80 até o momento, e por que Yacyretá é chamada monumento da corrupção.

¹⁹ Muitas incógnitas que não têm respostas neste momento. Talvez, algumas comecem ser reveladas amanhã ou após passar o protesto dos setores produtivos do país.

²⁰ O governo de Fernando Lugo se encontra desorientado, extraviado, sem rumo. **É bom** que até os bispos do país finalmente perceberam que estamos a caminho da anarquia devido à falta de uma firme forma de governar a República.

²¹ Saguier disse que tentou evitar que fosse prejudicado o governo de Fernando Lugo e uma empresa de navegação “amiga” multada pela gerência da entidade, e a qual não se outorgou frete durante o mês de janeiro. **Em realidade**, o que ele tentou foi evitar que o negócio do frete não fosse adjudicado à empresa da qual ele é advogado.

²² Se a soberba não lhes **dominasse**, Lugo e seus assessores **perceberiam** que em todas as pesquisas realizadas até agora as prioridades do povo são: a insegurança, o emprego, a solução do problema rural, a defesa e o respeito à propriedade privada, a educação.

Esses exemplos retirados do *corpus* desta pesquisa mostram diversas possibilidades de realização da modalidade epistêmica, a qual exprime não só os graus de (in)certeza, mas também pontua a avaliação subjetiva do falante.

Devido a essas várias possibilidades de modalização epistêmica, esse trabalho se limitará analisar, no Capítulo III, apenas os seguintes elementos modalizadores epistêmicos, conforme já anunciado: advérbios terminados em *-mente*, adjetivos em posição predicativa, o substantivo *realidad* (núcleo de locuções adverbiais): os verbos modais: *deber* e *poder* e o advérbio *tal vez*, elementos que foram selecionados por revelarem, no *continuum* da escala epistêmica, a (in)certeza do jornalista.

Para a análise dos enunciados epistêmicos utilizados por Carlos Peralta, considera-se o conjunto de conhecimentos e crenças do produtor, que podem estar situados no campo da certeza, quando o produtor assume como verdadeiro o conteúdo enunciado, ou no campo da incerteza, caracterizados pela ausência de compromisso do produtor com relação à proposição expressa (cf. NÚÑEZ, 1991).

Desse modo, o produtor do texto marca seus enunciados modalizados no extremo da certeza com modalizadores como *realmente*, *es evidente* e *en la realidad*. Já os graus da possibilidade são demarcados no texto pela presença de modalizadores como *posiblemente*, *tal vez* e pelos verbos *poder* e *deber*.

Os tópicos seguintes abordarão as possibilidades de modalização no eixo epistêmico da certeza, por um lado, e dos graus da possibilidade, por outro.

1.1.2 A modalização epistêmica no campo da certeza

Neves (1996, 2006) e Dall’Aglío-Hattnher (1995) consideram o caráter extrínseco da modalização como um fator importante, uma vez que “envolve julgamento do falante” e se situa no eixo do conhecimento (cf. NEVES, 1996). Em concordância com Neves e considerando a importância do julgamento do falante, Dall’Aglío-Hattnher (1995) afirma que os valores epistêmicos de “possibilidade” e “necessidade” relacionam-se à modalidade extrínseca, pois “envolvem tipicamente o julgamento humano do que é ou não provável acontecer” (DALL’AGLIO-HATTNHER, 1995, p. 30).

O julgamento e a atitude do produtor também são reconhecidos por vários autores como elementos essenciais para a caracterização das modalidades linguísticas. Apoiando grande parte de seus estudos nas teorias de Halliday (1970), Lyons (1977) e Quirk (1985), Leite (2002) considera a importância do julgamento do falante em relação a seu enunciado propiciado pelos elementos modalizadores. De um modo geral, a modalidade exprime o julgamento do produtor a respeito das probabilidades ou obrigações envolvidas sobre seu enunciado.

Imagine-se, por exemplo, que a frase “*O bolo deve estar quente*” seja enunciada por uma mãe com o intuito de alertar o filho, que acaba de chegar da escola, sobre o estado térmico do bolo. Essa afirmação epistêmica requer um conhecimento prévio do falante, fundamentado pelo conhecimento do fato de o bolo estar quente; envolve, portanto, um julgamento do produtor.

Assim, a modalização epistêmica, pautada no conhecimento do produtor pode, dependendo desse conhecimento, estar situada no campo do absolutamente certo e, a partir daí, estender-se pelos indefinidos graus do possível, da incerteza (NEVES, 2006). A respeito dessa variação que a língua oferece para graduar a certeza, Matsumoto (2008) explica que a

modalidade epistêmica [...] resulta de uma avaliação do locutor sobre o conhecimento que ele tem de um estado de coisas. Dependendo do grau de conhecimento sobre um determinado assunto, o enunciado poderá situar-se

no campo da certeza, ou nos graus da possibilidade, da incerteza. (MATSUMOTO, 2008, p. 18).

Para situar seu enunciado no mais alto grau da certeza, o produtor recorre à necessidade epistêmica, que demarca o conteúdo da mensagem como necessariamente verdadeiro ou falso. Com isso, o produtor imprime com maior força seu comprometimento com a verdade (cf. CORACINI, 1991). Essa estratégia contribui para chegar à adesão do interlocutor ao conteúdo da mensagem, já que a ele resta, apenas, a aceitação.

Em outras palavras, Dall’Aglio-Hattner (1995) explica que o produtor recorre à necessidade epistêmica para expressar como verdadeiro ou falso o conteúdo proposicional, afirmado ou negado de maneira a não dar margem a dúvidas. A autora salienta, ainda, que ao enunciar uma verdade universal, por exemplo, o produtor assume o conteúdo do enunciado e se compromete com a veracidade do que enuncia (cf. DALL’AGLIO-HATTNER, 1995).

Essa relação tripartite (produtor, conteúdo proposicional, leitor) pode ser observada no fragmento abaixo, que desvela o produtor, situando seu dizer no extremo da certeza. Ele avalia como verdadeiro o conteúdo de seu enunciado, não deixando espaço para a relativização da certeza:

(11) *En resumen, es evidente que la actual clase gobernante es igual a la que se fue. El cambio es solo discurso. En la acción no existe. A pesar de algunos ilusos que ponen sus mejores esfuerzos en la administración de ciertas instituciones, el sistema de corrupción imperante termina devorándolos.*
(Texto 6)²³

Ao enunciar, o jornalista emite um elevado grau de certeza a respeito do que está sendo dito. Isso é revelado tanto pelo uso do presente do indicativo quanto pela presença do adjetivo em posição predicativa, modalizador que reforça a ideia de certeza. Nos termos de Neves (1996, p. 179), esse exemplo poderia ser analisado da seguinte forma: “no extremo da

²³ Em resumo, **é evidente** que a atual classe governante é igual à anterior. A mudança é só discurso. Na ação, não existe. Apesar de alguns sonhadores que dedicam seus melhores esforços na administração de certas instituições, o sistema de corrupção imperante acaba por devorá-los.

certeza há um enunciador que avalia como verdadeiro o conteúdo do enunciado que produz, apresentando-o como asseveração (afirmação ou negação), sem espaço para dúvida e sem nenhuma relativização”.

Para a autora, o conhecimento do produtor em relação à proposição o compromete com a verdade das declarações. Dessa maneira, o jornalista responsável pela asserção apresenta-se como conhecedor da política paraguaia ao lembrar que o presidente se elegeu com um discurso (não levado a cabo) de que haveria mudança. Ao utilizar o modalizador *es evidente*, o produtor envia sutilmente um recado a seu leitor, o enredando em sua teia argumentativa ao colocá-lo na posição de “compartilhador” do conhecimento expresso no texto. Ou seja, é tão evidente o fato explicitado que não pode ser desconhecido por qualquer cidadão atento aos acontecimentos políticos. Assim, espera-se do leitor (pelo menos daquele que não se considera um ignorante político) a aceitação, sem questionamento, do dito, e, com isso, seu alinhamento à orientação argumentativa pretendida pelo jornalista.

1.1.3 A Modalização epistêmica nos graus da possibilidade

No tópico anterior, foi visto que um enunciado epistêmico situado no campo da certeza revela que o produtor avalia como verdadeiro o conteúdo da mensagem, sem deixar margens a dúvidas (cf. NEVES, 1996). Nesta parte, será mostrado como o produtor de um texto, também por meio da modalização epistêmica, pode situar seu enunciado nos graus do possível, relativizando-o, atitude justificada pelo pouco conhecimento ou a falta de conhecimento que o produtor apresenta a respeito do que enuncia.

A possibilidade epistêmica, que pontua o enunciado como “possivelmente” verdadeiro ou falso, pode também ser atualizada pelo produtor numa tentativa de proteção de sua

imagem. Isso porque essa estratégia permite um descomprometimento do produtor, uma vez que, ao enunciar, ele se exime da responsabilidade sobre a verdade ou a falsidade da proposição. Sendo assim, o produtor pode até ter o conhecimento sobre o fato, mas, para proteger-se, prefere não asseverá-lo.

Neves (1996, p. 178) explica que esta possibilidade epistêmica “se situa em algum ponto do *continuum* que, a partir de um limite preciso, onde está o (absolutamente) certo, se estende pelos limites e indefinidos graus do possível”. Entende-se que o produtor de texto, de acordo com sua intenção, cria estratégias linguísticas, ou seja, “o falante encontra na língua uma série de expressões, que poderão ser usadas conforme a intenção comunicativa em jogo” (CORBARI, 2008, p. 15).

Há diversas maneiras de pontuar linguisticamente essa variação no *continuum* da avaliação epistêmica. Os exemplos abaixo²⁴ representam apenas algumas das possibilidades que a língua oferece para demarcar os diferentes graus do *possível*. Ressalta-se que a elaboração de supostas variações dos enunciados (12) – (12a) a (12j) – justifica-se, apenas, pela intenção de mostrar como o produtor, no uso da modalidade, encontra-se em posição privilegiada, já que ele escolhe e direciona a forma como enuncia, e determina, portanto, os diversos graus de adesão que lhe possibilitam a escolha de enunciar. As supostas variações para o enunciado (8) seguem o modelo proposto por Neves (1996, p 179; 2006 p. 172), que ilustra a graduação do possível dentro de um *continuum* em que a “única certeza é não haver certeza”:

(12a) *Es absolutamente posible que la actual clase de gobernantes sea igual a la que se fue.*²⁵

(12b) *Es indiscutiblemente posible que la actual clase de gobernantes sea igual a la que se fue.*²⁶

²⁴ Adaptados dos exemplos citados em Neves (1996, p. 179, 2006, p. 172).

²⁵ **É absolutamente possível** que a atual classe governante seja igual à anterior.

²⁶ **É indiscutivelmente possível** que a atual classe governante seja igual à anterior.

(12c) *Es bien posible* que la actual clase de gobernantes sea igual a la que se fue.²⁷

(12d) *Es posible* que la actual clase de gobernantes sea igual a la que se fue.²⁸

(12e) *Sería posible* que la actual clase de gobernantes fuera igual a la que se fue.²⁹

(12f) *Es poco posible* que la actual clase de gobernantes sea igual a la que se fue.³⁰

(12g) *Sería poco posible* que la actual clase de gobernantes fuera igual a la que se fue.³¹

(12h) *Es muy poco posible* que la actual clase de gobernantes sea igual a la que se fue.³²

(12i) *Es casi imposible* que la actual clase de gobernantes sea igual a la que se fue.³³

(12j) *Sería casi imposible* que la actual clase de gobernantes fuera igual a la que se fue.³⁴

Os exemplos acima mostram nuances quanto às possibilidades de oscilação no eixo epistêmico, definido por Dall’Aglio-Hattner (1995, p. 92) como “gradação bastante sutil entre esses extremos”. Segundo a autora, essa variedade de formas para expressar um mesmo valor “dificulta o estabelecimento de graus nítidos dentro do eixo da possibilidade” (DALL’AGLIO-HATTNER, 1995, p. 92). Portanto, refletem diferentes formas de se expressar a possibilidade epistêmica, a qual permite a baixa adesão do produtor com respeito ao conteúdo verbalizado e, ainda, revela um produtor que, aparentemente, não tem certeza da verdade enunciada ou que pretende não se responsabilizar pelos fatos informados.

Parece, nesse jogo comunicativo, que o produtor deseja camuflar suas incertezas, ao utilizar, por exemplo, o modalizador: *absolutamente* (indicador de certeza) ao lado de outro

²⁷ **É bem possível** que a atual classe governante seja igual à anterior.

²⁸ **É possível** que a atual classe governante seja igual à anterior.

²⁹ **Seria possível** que a atual classe governante fosse igual à anterior.

³⁰ **É pouco possível** que a atual classe governante seja igual à anterior.

³¹ **Seria pouco possível** que a atual classe governante fosse igual à anterior.

³² **É muito pouco possível** que a atual classe governante seja igual à anterior.

³³ **É quase impossível** que a atual classe governante seja igual à anterior.

³⁴ **Seria quase impossível** que a atual classe governante fosse igual à anterior.

modalizador *possível* (revelador de dúvida). Esses enunciados – (12a) a (12j) – mostram que, por meio da modalização, o produtor de texto reduz gradativamente seu comprometimento com o conteúdo enunciado, percorrendo o *continuum* da avaliação epistêmica. Em outras palavras, o enunciado (12a) compromete mais o falante do que o enunciado (12j); mas, ainda assim, em (12a) é mais fraco o engajamento do produtor com relação ao conteúdo da mensagem do que se observa no enunciado (12), que envolve a necessidade epistêmica.

Sendo assim, a possibilidade epistêmica apresenta um produtor descomprometido com o efeito de seu enunciado, dando a impressão de distanciamento em relação ao dito. Esse produtor “não assume, ou finge não assumir o ponto de vista enunciado” (DALL’AGLIO-HATTNER, 1995, p. 41). Trata-se de uma estratégia bastante usada no jornalismo para conferir respeito e credibilidade ao jornalista/Jornal.

Nesses enunciados, o modo verbal atualizado pode reforçar o grau de comprometimento ou o descomprometimento do produtor do texto com relação à mensagem expressa. Por exemplo, em (8), há uma maior ocorrência do presente do modo indicativo, *es igual, es solo discurso, no existe*, indicadores de certeza por excelência; já nos enunciados (8a) a (8j), nota-se a presença do modo subjuntivo, *sea* (seja), *fuera* (fosse), indicadores de dúvidas, os quais permitem ao produtor certa isenção com relação ao que afirma. Essas características dos verbos – tempo e modo –, aliadas aos elementos modalizadores, reforçam a atitude epistêmica, ora no campo da certeza, ora nos graus da possibilidade.

Os exemplos abaixo – (12k) a (12m) –, demarcam também, no *continuum* epistêmico, graus da possibilidade, uma vez que apresentam elementos modalizadores que imprimem dúvida a respeito do que se enuncia e revelam o grau de engajamento do produtor acerca do conteúdo expresso. À medida que o produtor não se compromete “nem com a verdade nem

com a falsidade da proposição expressa no enunciado” (NÚÑEZ, 1991, p. 33)³⁵, ele também não se responsabiliza pelo dito; por conseguinte, consegue preservar sua imagem.

(12k) *Creo que la actual clase de gobernante sea igual a la que se fue.*³⁶

(12l) *Tal vez la actual clase de gobernante sea igual a la que se fue.*³⁷

(12m) *Probablemente la actual clase de gobernante sea igual a la que se fue.*³⁸

Ao modalizar nos graus da possibilidade, o produtor se isenta de responsabilidades, já que não assume como verdadeiro ou falso o seu enunciado. Conforme apontam Castilho e Castilho (1992), no campo da incerteza, o produtor revela um conhecimento que está “próximo à verdade, como uma hipótese que depende de confirmação, e por isso mesmo ele se furta de toda responsabilidade sobre a verdade ou a falsidade” (CASTILHO; CASTILHO, 1992, p. 207).

Há, portanto, nos enunciados (12k) a (12m), marcas linguísticas que revelam uma baixa adesão de quem enuncia, demonstrando que o produtor, ao revelar sua opinião, parece não querer se comprometer em relação ao que está sendo exposto. Todavia, essas marcas conferem ao produtor credibilidade, pois, “confessando suas dúvidas e incertezas, o sujeito enunciator, ao invés de perder, ganha credibilidade” (NEVES, 1996, p. 183).

³⁵ Texto original: “ni con la verdad ni con la falsedad de la proposición expresada en el enunciado” (NÚÑEZ, 1991, p. 33).

³⁶ **Creio** que a atual classe governante é igual à anterior.

³⁷ **Talvez** a atual classe governante seja igual à anterior.

³⁸ **Provavelmente**, a atual classe governante seja igual à anterior.

CAPÍTULO II

SELEÇÃO E ORGANIZAÇÃO DOS ENUNCIADOS

Neste capítulo, são descritos os procedimentos que conduziram a seleção e organização do *corpus*. Os procedimentos são orientados no sentido da comprovação (ou refutação) da hipótese de que o jornalista imprime marcas enunciativas em seu texto que expressam suas intenções comunicativas. Conforme as considerações teóricas que embasam esta pesquisa, o produtor de texto traz consigo crenças, avaliações, as quais ficam marcadas em seu texto; ao revelá-las, tenta orientar o leitor a aceitar as ideias apresentadas.

Dentre as estratégias linguísticas responsáveis por essa revelação do engajamento produtor do texto, destaca-se, nesta pesquisa, o papel desempenhado por algumas formas de realização da modalização epistêmica.

2.1 SELEÇÃO DO *CORPUS*

A primeira etapa do trabalho foi direcionada à verificação da hipótese de que o jornalista imprime seu juízo de valor e manifesta seu posicionamento perante o conteúdo proposicional, passível de averiguação pela análise dos elementos modalizadores citados acima.

A partir dessa preocupação inicial, passou-se à seleção de uma fonte que, além de retratar o uso da língua em situações reais de comunicação, apresentasse ocorrências de elementos modalizadores explícitos. Percebeu-se, então, a recorrência desses elementos em jornais *on-line*. Passou-se, desse modo, à escolha de um jornal de onde seriam coletados os

textos para análise. Contudo, devido ao grande número de jornais *on-line*, foi preciso estabelecer alguns critérios que guiarão a seleção, tais como a língua, o país e o assunto abordado.

Assim, optou-se por buscar textos escritos em espanhol, uma vez que a pesquisa foi motivada pelo intuito de desenvolver uma pesquisa que despertasse o interesse dos acadêmicos que estudam língua espanhola, nesta universidade, para pesquisa da modalização em materiais em espanhol. A partir dessa decisão, optou-se por selecionar um veículo midiático latinoamericano; focou-se, então, o Paraguai devido aos projetos de intercâmbios que o curso de Letras Português/Espanhol da Universidade Estadual do Oeste do Paraná/*campus* de Cascavel desenvolve com esse país.

O tema abordado, que abarca assuntos relacionados à política de Fernando Lugo, presidente do Paraguai, justifica-se por trazer arraigados em si elementos modalizadores que, além das possibilidades de defesa de opiniões contrárias ou favoráveis ao governo, conferem ao leitor avaliar recursos de que lança mão o autor para emitir suas crenças e juízos de valor.

Definiram-se, assim, os critérios para a seleção do *corpus*: um jornal *on-line* de origem paraguaia que abordasse temas políticos a respeito do presidente paraguaio. Dentre os jornais *on-line* disponíveis para a obtenção de dados, observou-se ser o jornal *La Nación* – disponível no endereço eletrônico www.lanacion.com.py – um veículo reconhecido e valorizado pelos paraguaios. Além disso, uma sondagem de textos ali publicados permitiu observar a presença de produtores que se deixam transparecer na superfície linguística. Há que se apontar, ainda, que o jornal escolhido para a coleta dos textos, por ser publicado na internet e por abarcar também temas de abrangência internacional, atrai tanto internautas paraguaios quanto estrangeiros.

Após a escolha da fonte dos dados, foi preciso selecionar uma seção que disponibilizasse enunciados representativos para esta pesquisa. Escolheu-se, então, a seção denominada *Suplementos*, espaço em que são alocados textos de autoria do jornalista Carlos

Peralta, que discute questões políticas de âmbito nacional. Tais textos favorecem a pesquisa proposta, uma vez que o assunto abordado parece acentuar as possibilidades de o jornalista, ao escrever, considerar o seu leitor, o que, por sua vez, pode determinar tanto o tema tratado quanto as formas linguísticas usadas para a interação (cf. CORBARI, 2008).

Desse modo, a escolha de textos jornalísticos de autoria de Carlos Peralta revelou-se adequada ao objetivo deste estudo, já que contempla um produtor que se posiciona de forma explícita em relação ao conteúdo enunciado e ao leitor. Ampliam-se, dessa maneira, as possibilidades de análises da modalização linguística, recurso recorrentemente usado pelo jornalista para se posicionar e para angariar a credibilidade e a adesão do interlocutor.

É possível observar, no jornal *La Nación*, que Carlos Peralta se posiciona negativamente diante do governo de Fernando Lugo. Comprova essa observação o seguinte comentário a respeito do posicionamento de Carlos Peralta, no qual se destaca a denúncia de sua falta de objetividade: “[...] es muy llamativa la posición que adopta con respecto al gobierno de Lugo, que creo que ha salido de la línea de objetividad que debe caracterizar a todo periodista”³⁹, (VERA, 2009). Além disso, Vera (2009) aponta que Carlos Peralta fundamenta suas informações em erros cometidos por Lugo e, por isso, considera essa maneira de lidar com a informação “tendenciosa y malintencionada”⁴⁰.

2.2 PROCEDIMENTOS DE COLETA DO *CORPUS*

Após definida a fonte, procedeu-se à coleta do *corpus*, considerando, nesse procedimento, três critérios fundamentais para sua constituição, quais sejam: i. observar e

³⁹ Texto original: “[...] é muito chamativa a posição que adota com respeito ao governo de Lugo, que creio que ele saiu da linha da objetividade que deve caracterizar a todo jornalista”.

⁴⁰ Texto original: “tendenciosa e mal intencionada”.

selecionar marcas modalizadoras recorrentes; ii. verificar a presença de um produtor que não se esconde atrás do discurso da neutralidade, mas que se revela por meio das expressões modalizadoras analisadas; iii. organizar as ocorrências de modalização linguística pertencentes ao eixo *epistêmico* e, em seguida, separar e classificar essas ocorrências dentro da escala do *continuum*: do campo da certeza aos graus da possibilidade.

A partir desse projeto inicial, delimitou-se, para a coleta do *corpus*, o período de dezembro de 2008 a agosto de 2009 (07/12/2008 a 16/08/2009). Considerando-se o número de textos, bem como o conteúdo publicado em cada edição, estipulou-se que o período de oito meses seria suficiente para colher uma quantidade significativa de textos.

Partindo da decisão de enfocarem textos cuja temática fosse a política paraguaia, foi preciso descartar aqueles que não respondiam a essa delimitação. Assim, restaram 12 textos, cujos títulos são apresentados a seguir, com as respectivas datas de publicação:

Texto 1: *De la esperanza a la frustración en cien días* – 7 de dezembro de 2008;

Texto 2: *El desconcertante Fernando Lugo* – 14 de dezembro de 2008;

Texto 3: *Gobierno y Congreso, responsables de la crisis* – 15 de fevereiro de 2009;

Texto 4: *La falta de liderazgo de Lugo ya es preocupante* – 22 de fevereiro de 2009;

Texto 5: *Los errores se perdonan, las mentiras no* – 8 de março de 2009;

Texto 6: *Política “a la paraguaya” nos mata* – 15 de março de 2009;

Texto 7: *El desgobierno de este gobierno* – 5 de abril de 2009;

Texto 8: *Los problemas de Lugo no deben afectar al Estado* – 26 de abril de 2009;

Texto 9: *Todos boicotean al país* – 7 de junho de 2009;

Texto 10: *El silencio cómplice con Chávez* – 12 de julho de 2009;

Texto 11: *El “salvavidas” de “Lula” a Lugo* – 2 de agosto de 2009;

Texto 12: *Fernando Chávez o Hugo Lugo, quién sabe....* – 16 de agosto de 2009.

Desses textos foram extraídos 23 enunciados. Dentre os vários recursos modalizadores presentes nesses textos, levaram-se em conta, conforme o referencial teórico apresentado no Capítulo II, aqueles que revelavam o engajamento do produtor com o conteúdo enunciado, por um lado, e aqueles em que o produtor se eximia da responsabilidade pelo dito, por outro. Logo, foi possível notar que os advérbios terminados em *-mente*, os adjetivos em posição predicativa, o substantivo *realidad* (núcleo de locução adverbial), os verbos modais *deber* e *poder* e o advérbio *tal vez* correspondiam aos interesses desta pesquisa.

Devido à possibilidade de os mesmos verbos modais (*deber* e *poder*) assumirem teor epistêmico ou deôntico, fez-se, no decorrer desta pesquisa, uma sucinta exposição sobre o fenômeno da polissemia que envolve tais elementos. A seleção dos enunciados que envolvem esses verbos, no entanto, considera apenas aqueles que revelam valor epistêmico.

2.3 ORGANIZAÇÃO DOS ENUNCIADOS QUE CONSTITUEM O *CORPUS*

Todos os textos acima referendados fazem referência a Lugo. Tem-se, portanto, um produtor que utiliza todas as situações que envolvem o presidente paraguaio. A partir dessas informações, fundamenta seu conhecimento e revela seu posicionamento em relação ao atual presidente do Paraguai.

Dentre as estratégias linguísticas a que o jornalista recorre para manifestar sua posição, observa-se que os elementos modalizadores pertencentes ao eixo epistêmico desempenham um papel relevante. A partir disso, foram organizadas as ocorrências da modalização epistêmicas de acordo com a função estabelecida no enunciado: demarcação da certeza ou expressão da possibilidade.

Mais especificamente, definiu-se que seriam analisadas as seguintes marcas modalizadoras:

a) do *campo da certeza* – advérbios: *fundamentalmente, realmente, claramente, absolutamente*; adjetivos em função predicativa: *es evidente, es obvio, es absolutamente importante*; e o substantivo *realidad*, núcleo da locução adverbial *en (la) realidad*. Tais expressões foram consideradas por imprimirem juízo de valor e forte engajamento do produtor com relação ao conteúdo modalizado.

b) do *campo da possibilidade* – advérbios: *probablemente, tal vez* e os modais *deber* e *poder*. Esses elementos, além de revelarem juízo de valor, eximem o produtor da responsabilidade pelo conteúdo enunciado.

Durante o processo de seleção dos enunciados foi possível observar que a modalização linguística pode tanto marcar o relacionamento do produtor do texto com seu enunciado, como estabelecer a interação com o leitor. A partir dessa observação, adotou-se como critério para análise, conforme entendem Corbari e Sella (2007), a ocorrência da *Modalização voltada para o interlocutor* e o da *Modalização voltada para o conteúdo*. Para as pesquisadoras, que investigam elementos modalizadores atualizados em artigos de opinião, no primeiro caso, a modalização atua mais diretamente no conteúdo proposicional; no segundo, é responsável por estabelecer uma interação mais direta entre produtor e leitor.

Apesar de propor essa divisão, as pesquisadoras observam que ambas as estratégias são atualizadas com o objetivo de angariar a concordância do leitor em relação à tese defendida. Essa relação é observada também no *corpus* desta pesquisa. Mesmo nos casos em que a modalização se volta mais para o conteúdo, o leitor é inserido no processo argumentativo, já que o jornalista tem por objetivo impeli-lo a aceitar o conteúdo exposto.

2.4 CARACTERIZAÇÃO DOS TEXTOS ESCOLHIDOS

Conforme já exposto, os textos escolhidos têm como tema central o presidente paraguaio Fernando Lugo, eleito no dia 20 de abril de 2007 com 41 % dos votos. Lugo, candidato do partido *Alianza Patriótica para el Cambio* (Aliança Patriótica para a Mudança), ganha a eleição presidencial paraguaia e, dessa maneira, acaba com os 61 anos de permanência do Partido Colorado no poder paraguaio.

Enfocando as informações negativas relacionadas ao presidente, o jornalista Carlos Peralta toma posição de crítica em relação a Lugo. Argumenta, por exemplo, que este não tem cumprido suas promessas de um novo governo, aberto a mudanças. Essas promessas não cumpridas, segundo Peralta, foram feitas em época de campanha política. Os fragmentos abaixo exemplificam a análise crítica proposta pelo jornalista:

(1) *Vivimos épocas difíciles en el país. El gobierno del cambio no dio muestras hasta ahora de que realmente está impulsando una modificación en la forma de ejercer el poder.* (Texto 1)⁴¹

(2) *En resumen, es evidente que la actual clase gobernante es igual a la que se fue. El cambio es solo discurso. En la acción no existe.* (Texto 6)⁴²

Esse tom de crítica em relação ao governo paraguaio está presente na maioria dos textos de Peralta. Além de ressaltar a falta de compromisso de Fernando Lugo, argumenta que muitos dos votos – e mesmo a eleição – foram conquistados por ser membro da Igreja Católica. O jornalista anuncia que o fato de Lugo ser ex-bispo lhe proporcionou grande

⁴¹ Passamos por momentos difíceis no país. O governo da mudança não deu mostras até agora de que realmente está impulsionando uma modificação na forma de exercer o poder.

⁴² Em resumo, é evidente que a atual classe governante é igual à anterior. A mudança é só discurso. Na ação, não existe.

prestígio diante da população do Paraguai: *su condición de ex obispo le permite seguir contando con un enorme apoyo popular.*⁴³

Assim, em seus textos, Carlos Peralta considera a imagem que o povo tem a respeito de Lugo e demonstra saber que os paraguaios acreditam na honestidade e na dignidade do ex-bispo. A partir desse conhecimento a respeito da sociedade paraguaia, parece que Carlos Peralta tenta, por meio da ênfase que dá a informações que refletem um juízo de valor negativo, mostrar ao povo que o presidente eleito não é honesto como se imaginava. Faz isso recorrendo, por exemplo, a fatos noticiados sobre a vida sexual do ex-bispo: o presidente teria mantido, quando ainda era padre e bispo, relações sexuais com várias mulheres. Considerando o fato de a igreja exigir o celibato como condição para ser padre, o jornalista imprime no texto juízo de valor negativo, na tentativa de desfazer a imagem de dignidade construída por Lugo, como se pode observar no seguinte enunciado:

*(3) Esa personalidad desconocida para la mayoría de los paraguayos aflora ante cada nueva acusación de jóvenes mujeres que mantuvieron relaciones sentimentales con el mandatario cuando éste era obispo de la Iglesia Católica. Lugo llegó a ser un “príncipe” en la jerarquía eclesiástica y no pudo controlar sus instintos. Al contrario, con absoluta conciencia hizo uso y abuso de su condición de sacerdote para seducir a jovencitas, casi niñas, durante años, burlando un juramento que él mismo se comprometió a respetar y honrar. (Texto 8)*⁴⁴

Observa-se, por meio desses exemplos e dos demais textos de Carlos Peralta, que o jornalista busca por notícias que retratem negativamente o governo do presidente Fernando Lugo. Para tanto, o jornalista aproveita-se de todos os fatos negativos que envolvem o presidente. Vale lembrar que, considerando-se todos os textos selecionados, não se verificou,

⁴³ Sua condição de ex-bispo lhe permite contar com um enorme apoio popular (LA NACIÓN, 4/12/2008).

⁴⁴ Essa personalidade desconhecida para a maioria dos paraguaios aflora diante de cada nova acusação de jovens mulheres que mantiveram relações sentimentais com o mandatário quando este era bispo da Igreja Católica. Lugo chegou a ser um “príncipe” na hierarquia eclesiástica e não pôde controlar seus instintos. Ao contrário, com absoluta consciência, usou e abusou de sua condição de sacerdote para seduzir juvenzinhas, quase meninas, durante anos, desrespeitando um juramento que ele mesmo se comprometeu a respeitar e honrar.

em nenhum momento, a abordagem de informações que revelassem aspectos positivos de Lugo.

2.5 NEUTRALIDADE JORNALÍSTICA E MODALIZAÇÃO

Para muitos autores, a pretensa neutralidade do jornalismo só existe no plano teórico. A neutralidade e a objetividade do jornalista frente ao fato noticiado são tópicos de discussão tanto nos meios jornalísticos quanto no âmbito acadêmico.

Para Di Franco (2009), embora não seja possível, a neutralidade representa uma meta a ser seguida pelo jornalismo:

Jornalismo não é ciência exata e jornalistas não são autômatos. Além disso, não se faz bom jornalismo sem emoção. A frieza é anti-humana e, portanto, antijornalística. A neutralidade é uma mentira, mas a isenção é uma meta a ser perseguida. Todos os dias. A imprensa honesta e desengajada tem um compromisso com a verdade. E é isso que conta. (DI FRANCO, 2009).

Para Di Franco (2009), não é preciso que o jornalista seja neutro em seus enunciados; o importante, ressalta o autor, é que ele tenha compromisso com a verdade. Mais do que desnecessária, a neutralidade é um mito, uma vez que não é possível a apresentação de um texto totalmente objetivo, completamente livre de marcas enunciativas.

Em trabalho anterior ao de Di Franco (2009), Hernandes (2006) também discute a respeito da impossibilidade de o jornalismo ser objetivo e neutro. Dizer-se imparcial parece, então, ser uma estratégia utilizada pelos jornais para alcançar a credibilidade:

[...] objetividade é um dos recursos jornalísticos para se tentar “apagar” o modo pelo qual a realidade foi filtrada a partir do sistema de valores do jornal que, como empresa ou parte de um conglomerado de informação, não quer se revelar como um ator social atuante interessado nos aspectos

sociopolíticos e nas conseqüências do que noticia. (HERNANDES, 2006, p. 30).

Assim, despido de neutralidade e de objetividade, o jornalista manifesta suas opiniões e suas crenças, as quais são interpretadas, neste trabalho, a partir dos elementos linguísticos selecionados para constituir o texto, dentre os quais se destacam as expressões modalizadoras. Tais expressões possibilitam ao jornalista induzir, convencer, confundir, alertar, persuadir, aconselhar, influenciar e informar o leitor.

Observa-se, entretanto, que, na busca pela neutralidade, predomina, nos discursos jornalísticos, do uso da terceira pessoa, com vistas a tornar impessoal a notícia/reportagem. Mas, conforme analisa Polchlopek (2005), nem mesmo esse recurso linguístico consegue anular o posicionamento do jornalista acerca de seu discurso. Para a pesquisadora, essa aparente “não modalização” pode até “encobrir as intenções do emissor, mas não a elimina. Entretanto, consciente ou não, o jornalismo faz uso desse recurso ganhando em credibilidade e interação com o leitor” (POLCHLOPEK, 2005, p. 63).

Para Zancheta Junior (2004, p. 61), são os critérios que orientam a produção da informação jornalística que “tornam nebulosas as idéias de isenção e neutralidade”. São eles: “ineditismo, atualidade, veracidade e interesse potencial do leitor” (ZANCHETA JUNIOR, 2004, p. 61).

Devido a essa tentativa de camuflar a neutralidade, Nóbrega (2000) alerta para a possibilidade de existir comunicação “mais ou menos modalizada”; porém, ressalta a autora, nunca haverá neutralidade, mesmo em textos científicos, ditos “objetivos”:

[...] haverá sempre a apresentação de um conteúdo e um comentário sobre tal conteúdo, ou seja, uma atitude modal, explicitada ou não. Mesmo textos menos pessoais, como os textos técnicos, contêm alguma modalização revelada no mínimo na escolha daquele tema em detrimento de outros. (NÓBREGA, 2000, p. 6).

De qualquer maneira, ocultas ou não, as escolhas estão sempre presentes e revelam, portanto, a intenção e o posicionamento do produtor. Isso porque, “ao produzir um discurso, o locutor manifesta suas intenções e sua atitude” (KOCH, 2000, p. 87).

Nesse sentido, Koch (2000) também menciona que é difícil que haja enunciado que se limite à exposição de ideias alheias, sem revelar o posicionamento do produtor. A “simples seleção das opiniões a serem reproduzidas já implica, por si mesma, uma opção” (KOCH, 2000, p. 19-20).

Dentre as estratégias postas em cena para a demarcação do posicionamento do produtor em relação aos seus enunciados, a modalização linguística ocupa lugar de destaque. Para Koch (2000), a modalidade pode ser considerada uma atividade ilocucionária, uma vez que revela a atitude do falante perante o enunciado que produz. O ato ilocutório, segundo Parret (1988, p. 80), é “motivado pelo jogo de produção e do reconhecimento das intenções”.

Nessa mesma perspectiva de análise, Castilho e Castilho (1992, p. 200) defendem que “todos os modalizadores sempre verbalizam a atitude do falante com respeito à proposição”.

Essa interpretação ancora a ideia, já mencionada, da impossibilidade de o jornalista produzir um texto neutro. De acordo com Koch (2000, p. 19), a “todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia”; em todo discurso há um produtor que “constantemente, avalia, julga, critica, isto é, forma juízos de valor” (KOCH, 2000, p. 19). Assim, os enunciados selecionados abrem espaço para que essas marcas modalizadoras sejam atualizadas na superfície textual de forma explícita, demarcada.

Em outras palavras, os conceitos de modalização expressos nas obras que amparam este estudo revelam que é possível verificar a forma como o produtor encaminha seu (des)comprometimento. Assim, a interpretação dos elementos modalizadores possibilita observar se o jornalista estabelece seu posicionamento no âmbito da imposição, o que estaria próximo do que se convencionou chamar de eixo deôntico, ou se estaria relacionado mais estritamente a uma forma de imprimir proximidade e (in)certeza a respeito da informação repassada, estratégia mais compatível com o eixo epistêmico.

Essa última estratégia, conforme já se explicitou, é mais recorrente no *corpus* analisado, já que o jornalista precisa recorrer ao eixo do conhecimento e da informação para apresentar os fatos e sustentar sua opinião.

CAPÍTULO III

A MANIFESTAÇÃO DA MODALIDADE EPISTÊMICA EM ENUNCIADOS

RETIRADOS DO JORNAL *ON-LINE LA NACIÓN*

Neste capítulo, analisam-se os enunciados selecionados⁴⁵ do jornal *La Nación*, considerando a aplicação da hipótese, levantada no primeiro capítulo, de que o processo de modalização estabelecido por certos elementos linguísticos⁴⁶ são reveladores de uma atitude avaliativa do produtor em relação à mensagem expressa.

Nessa relação entre produtor e texto, tais elementos, no interior do *corpus* sob análise, tendem a indicar também uma interlocução mais ativa com o leitor, já que são usados com o intuito de convencê-lo da veracidade da informação, bem como de indicar a posição privilegiada de quem argumenta. Nessa dinâmica, o produtor do texto pode tanto fazer parecer verdadeira a crença que enuncia quanto se abster do comprometimento com relação àquilo que escreve.

O termo *produtor do texto*, ou apenas *produtor*, conforme explicitado na Introdução deste trabalho, denota o acionador de uma série de estratégias textuais que tem por finalidade interagir com o leitor e influenciá-lo, o que, por sua vez, acena para formas de lidar com suas crenças diante do fato anunciado.

Para fins de análise, os enunciados aqui trabalhados estão dispostos conforme transcritos do jornal *La Nación*, e convem lembrar que sua tradução se encontra em notas de rodapé. Observa-se, ainda, que, conforme explicado no Capítulo II, a respeito de como se organizou o *corpus*, em alguns enunciados a modalização orienta-se mais diretamente para o conteúdo modalizado, enquanto em outros enunciados orienta-se para o interlocutor.

⁴⁵ Os critérios que guiaram o processo de seleção e organização desses enunciados são descritos no Capítulo II deste trabalho.

⁴⁶ Elementos linguísticos: “(...) consideram-se **modalizadores** todos os elementos lingüísticos diretamente ligados ao evento de produção do enunciado e que funcionam como indicadores das intenções, sentimentos e atitudes do locutor com relação ao seu discurso” (KOCH, 1984, p. 138).

Nos enunciados selecionados, percebe-se que o jornalista apresenta dados negativos a respeito do presidente Lugo. Para tanto, ambienta as informações ora no eixo da certeza, ora no campo do possível.

Conforme já explicitado, essas formas de expressão epistêmica levaram à seleção de dois grupos de modalizadores: aqueles que indicam um alto grau de certeza, por um lado, e aqueles que indicam possibilidade, por outro. É conveniente ressaltar que a pesquisa aqui desenvolvida não tem caráter quantitativo; pretende-se, antes, apresentar uma análise qualitativa dos modalizadores que expressam uma tendência do jornalista.

Considerando a maneira como o jornalista se posiciona em relação à informação transmitida, a análise se efetiva a partir da proposta dos grupos dispostos na seção 3.2 *A manifestação da modalização epistêmica no campo da certeza* e na seção 3.3 *A manifestação da modalização epistêmica nos graus da possibilidade*. São considerados, no primeiro grupo, os enunciados em que o jornalista se revela totalmente comprometido com sua mensagem; no segundo grupo, são alocados os fragmentos textuais em que os elementos modalizadores expressam possibilidade, estratégia que possibilita um menor comprometimento do produtor em relação ao dito.

Para tanto, foi necessária a subclassificação dos grupos, o que ocorreu de acordo com diferentes recursos linguísticos atualizados nos enunciados sob análise. Foram selecionados para esta análise, dentre as diferentes formas de expressar a modalização, os advérbios em *mente*, adjetivos em função predicativa, o advérbio *tal vez*, os verbos modais *poder* e *deber* e o substantivo *realidad*, que atua como núcleo de locução adverbial.

3.1 A MANIFESTAÇÃO DA MODALIZAÇÃO EPISTÊMICA NO CAMPO DA CERTEZA

A característica que demarca a afinidade entre os enunciados apresentados nas subseções abaixo corresponde à manifestação da certeza por parte do produtor, bem como seu alto grau de comprometimento em relação ao dito. Os elementos postos à análise são: advérbios: *fundamentalmente, realmente, claramente, absolutamente*; adjetivo em função predicativa: *es evidente, es obvio, era fundamental, es (absolutamente) importante*; e a locução adverbial cujo núcleo é preenchido pelo substantivo *realidad*.

Nesses enunciados, o produtor apresenta, por meio desses elementos modalizadores, conforme exposto acima, avaliações dadas como verdadeiras, com as quais ele se compromete, revelando, assim, um alto grau de comprometimento. Os enunciados são, portanto, situados no ponto mais alto do *continuum* epistêmico apontado por Neves (1996), o que revela que o produtor do texto se responsabiliza totalmente pelo conteúdo modalizado, conforme analisam Castilho e Castilho (1992).

3.1.1 Advérbios terminados em *-mente*

Os enunciados pertencentes a esse grupo apresentam advérbios modalizadores terminados em *-mente*. Além de denotarem um forte engajamento do jornalista, os elementos em tela apresentam avaliações como “certas”, “indubitáveis”. Mas, ressalva-se, o uso desses advérbios asseverativos não garante que o conteúdo do que se diz seja verdadeiro ou não verdadeiro, conforme analisa Neves (2000, p. 249): “o que esses advérbios indicam é que o falante quer marcar seu enunciado como digno de crédito”.

Quanto ao escopo de atuação dos advérbios analisados, observa-se que, nos enunciados (2) a (5), há uma atuação mais direta da modalização sobre o conteúdo modalizado, demarcando a posição do produtor do texto com relação à mensagem aí expressa, bem como seu desejo de chamar a atenção e, de certa forma, fazer o leitor aceitar o que vem exposto no conteúdo modalizado. Já no enunciado (1), o modalizador é responsável por estabelecer uma interação mais direta entre leitor e produtor.

(1) *Por qué llegamos a esta situación de crisis y anarquía en el país? Creo que **fundamentalmente** por falta de liderazgo del Poder Ejecutivo, por errores en la priorización de los temas enfocados durante estos seis primeros meses de gobierno y por la escasa capacidad para aglutinar y consensuar que demuestra el gobierno y la Alianza para el Cambio. (Texto 4)*⁴⁷

(2) *Vivimos épocas difíciles en el país. El gobierno del cambio no dio muestras hasta ahora de que **realmente** está impulsando una modificación en la forma de ejercer el poder. (Texto 2)*⁴⁸

(3) *Como dijo el “Washington Post”, uno de los más influyentes periódicos del mundo, a Lugo se le conoce por el momento no como un presidente **realmente** productivo, sino como un presidente **realmente** reproductivo. Una ironía que hiere, pero real. Sus problemas personales los resolverá él, pero los problemas de Estado deben ser preocupación de todos. (Texto 8)*⁴⁹

(4) *Sostiene en el cargo a directores, ministros o secretarios que **claramente** dan muestras de incompetencia, como el Ing. Carlos Cardozo, en Yacyretá. Este funcionario fue censurado por la Cámara de Diputados, separado por su partido Tekojoja y es permanentemente cuestionado por los liberales, colorados y oviedistas, pero hasta hoy, por lo menos, sigue firme en el puesto. (Texto 9)*⁵⁰

⁴⁷ Por que chegamos a esta situação de crise e anarquia no país? **Creio** que fundamentalmente por falta de liderança do Poder Executivo, por erros na prioridade dos temas enfocados durante estes seis primeiros meses de governo e pela escassa capacidade para aglutinar e consensuar que demonstra o governo e a “Alianza para el Cambio.

⁴⁸ Passamos por momentos difíceis no país. O governo da mudança não deu mostras até agora de que **realmente** está impulsionando uma modificação na forma de exercer o poder.

⁴⁹ Como disse o “Washington Post”, um dos mais influentes jornais do mundo, Lugo é conhecido no momento não como um presidente **realmente** produtivo, mas como um presidente **realmente** reprodutivo. Uma ironia que fere, mas real. Seus problemas pessoais, ele os resolverá, mas os problemas de Estado devem ser preocupação de todos.

⁵⁰ Mantém no cargo diretores, ministros ou secretários que **claramente** demonstram incompetência, como o Eng. Carlos Cardozo, em Yacyretá. Este funcionário foi censurado pela Câmara dos Deputados, separado de seu partido Tekojoja e é permanentemente questionado pelos liberais, colorados e oviedistas, mas até hoje, pelo menos, segue firme no cargo.

(5) *Ante las denuncias de algunos asesores y funcionarios despedidos Lugo no hizo **absolutamente** nada.* (Texto 1)⁵¹

No enunciado (1), o advérbio *fundamentalmente* denota um alto grau de engajamento do jornalista. Porém, pesa, nesse recorte, o uso de outro elemento modalizador na mesma sentença: a expressão *creo que*. Há, aí, uma forma de distanciamento interposta pelo produtor do texto, uma vez que esse verbo atenua o grau de certeza lançado no interior do enunciado. Trata-se de um modalizador, conforme analisam Castilho e Castilho (1992), que indica uma quase certeza, próxima à verdade, como uma hipótese que depende de confirmação e, por isso mesmo, o produtor de texto se exime da responsabilidade sobre a verdade ou falsidade da proposição.

Recorrendo às análises apresentadas por Parret (1988), pode-se dizer que se trata de uma estratégia usada pelo produtor numa tentativa de envolver o leitor com o dito, de forma a fazer com que ele assuma a informação dada como certa e verdadeira. Para tanto, precisa “fazer-parecer-verdadeiro” o seu discurso (PARRET, 1988, p. 75).

Por outro lado, como as informações são dadas como certas e com conhecimento de causa, observa-se que a expressão *creo que* modaliza evidências apontadas pelo jornalista. Essa interpretação apoia-se na afirmação de Koch (2000), para quem o produtor do texto, ao recorrer à modalização epistêmica, procura manifestar um saber (explícito ou implícito) na tentativa de conseguir a adesão do leitor ao seu discurso, fazendo-o aceitar como verdadeiro o fato exposto, já que os argumentos são apresentados como incontestáveis. “Tem-se, aqui, o grau máximo de engajamento do locutor e a intenção de impor ao alocutário os seus argumentos, apresentando-os como incontestáveis (...)” (KOCH, 2000, p. 87).

O advérbio *fundamentalmente* age sobre o conteúdo modalizado, uma vez que destaca a porção informacional sobre a qual recai a atuação, de maneira que o leitor é envolvido com o dito e chamado a concordar com a informação. O jornalista concentra suas críticas no

⁵¹ Diante das denúncias de alguns assessores e funcionários despedidos, Lugo não fez **absolutamente** nada.

governo. O emprego dos vocábulos *crisis*, *anarquía*, *falta de liderazgo del Poder Ejecutivo*, *errores* sugere a ideia de caos no país. Nota-se, na escolha desses vocábulos, que o período de duração da crise, a anarquia e a falta de competência do presidente paraguaio são os argumentos que subsidiam a avaliação negativa que recai sobre o governo de Lugo.

Em (2), (3), (4) e (5) tem-se um produtor do texto que pretende agir sobre o leitor e conquistar a sua concordância. A modalização, nesses enunciados, atua mais diretamente sobre o conteúdo modalizado, demarcando a posição do produtor do texto com relação à sua mensagem.

O enunciado (2) concentra-se nas ações do governo e a modalização estabelece-se no interior de um ato de asseveração/afirmação. Verifica-se que os elementos postos no co-texto referendam uma avaliação negativa, como, por exemplo, o operador *hasta ahora*, que enfatiza uma avaliação negativa do jornalista a respeito da plataforma do governo de Lugo.

Por meio da expressão *gobierno del cambio* – que, por si só, expressa sua avaliação irônica – o produtor relembra as promessas feitas e não cumpridas por Lugo. Para notar como ela ocorre, é preciso considerar que, segundo Carlos Peralta, as propagandas políticas do partido de Lugo foram conhecidas pelo *slogan* governo da mudança. Carlos Peralta, ao retomá-las, enfatiza a falta de êxito do presidente em conseguir cumprir suas promessas, já que, segundo demonstrado em sua análise de governo, as mudanças não se efetivaram.

Colabora para essa leitura o uso de expressões como *épocas difíciles*, *no dio muestras hasta hora de*, *está impulsionado a uma modificación en la forma de ejercer el poder*. O enunciado em questão, marcado pelo advérbio *realmente*, ao mesmo tempo que assume viés informativo, destaca a falta de compromisso de Lugo, posicionando-se, assim, no nível da absolutização da certeza garantida pelo conhecimento que Carlos Peralta tem a respeito das promessas feitas por Lugo durante sua campanha política.

Ainda no enunciado (2), chama a atenção o uso da primeira pessoa do plural em *vivimos*, estratégia que, aliada ao modalizador, dá maior credibilidade aos fatos. Carlos

Peralta, ao fazer uso da primeira pessoa do plural, apresenta seu conhecimento, sua informação, como uma certeza compartilhada. Essa estratégia é usada para a diluição do conhecimento; ou seja, já não se trata de uma certeza posta pelo produtor, mas sim uma certeza de todos. Assim, a informação é transmitida como se todos estivessem cientes dos acontecimentos políticos do país, restando ao leitor a adesão e a concordância perante o discurso enunciado.

Em (3), toma-se como voz autorizada o “Washington Post”, tido como reforço do grau de certeza e de propriedade/veracidade com que é repassada a informação, pois se trata de um veículo de comunicação importante, conforme revela o aposto usado: *uno de los más influyentes periódicos del mundo*. Como se pode observar, recorrer a essa voz externa é uma forma de o jornalista garantir que sua informação não seja contestada; além disso, com essa estratégia, divide a responsabilidade pela informação. Assim, recorrendo a uma fonte de elevada importância na instância jornalística, o produtor do texto demarca opinião e apresenta-se aos leitores como um profissional confiável.

Considerem-se, ainda, as expressões *no como* e *sino como*, indicadoras de comparação e retificação (*productivo* por *reproductivo*). *Realmente* assimila nas duas estruturas teor de veracidade, de comparação; porém, esse teor está diretamente ligado ao sentido mais amplo de comparação. Com isso, o produto busca gerar indignação no leitor, especialmente naquele que votou em Lugo pelo fato de ele ser bispo. Em outras palavras, o jornalista lembra ao leitor que o presidente Lugo, ex-bispo, é pai e, destaca o fato por se tratar, de muitos filhos.

No enunciado (4), o modalizador *claramente*, além de discorrer sobre a incompetência dos membros do governo, transmite a ideia de certeza compartilhada, ou seja, o fato é apresentado como se fosse de conhecimento de todos. Com isso o jornalista faz parecer que quem não conhece a informação dada não está atento aos acontecimentos políticos de seu país. Além disso, a citação de nomes importantes, como a do político Carlos Cardozo, é uma

estratégia que funciona como uma espécie de comprovação do fato relatado, dando mais veracidade à informação.

O teor do advérbio *claramente* é seguido por explicitações marcadas por meio de vocábulos como *incompetencia, censurado, separado, cuestionado*, que reforçam a posição de um jornalista fortemente comprometido com sua informação.

No enunciado (5), tem-se estrutura similar aos enunciados anteriores, ou seja, *absolutamente* atua no interior de toda expressão *no hizo absolutamente nada*, uma espécie de reforço, como se marcasse não somente o grau de certeza, mas também o tamanho da inércia do presidente. Mais uma vez, encena-se credibilidade por meio de denúncias que servem como evidência para a avaliação expressa, que é de crítica ao governo por conta de sua falta de atitudes. Com base nessas denúncias, o jornalista se aproxima do dito e estabelece um alto grau de engajamento.

3.1.2 Adjetivos em função predicativa

A característica que demarca a afinidade entre os enunciados apresentados neste grupo corresponde à forma de realização da modalização: o adjetivo em função predicativa. Observa-se, com base nos enunciados investigados, que essa estrutura estabelece uma interação mais direta entre produtor e leitor, revelando o posicionamento de quem busca incitar o leitor a uma ação, o que constitui a modalização orientada para o interlocutor.

(6) *En resumen, es evidente que la actual clase gobernante es igual a la que se fue. El cambio es solo discurso. En la acción no existe. A pesar de algunos ilusos que ponen sus mejores esfuerzos en la administración de ciertas*

instituciones, el sistema de corrupción imperante termina devorándolos.
(Texto 6)⁵²

(7) *Es obvio que a Fernando Lugo le hicieron notar que se equivocó en asumir un compromiso sin estar suficientemente informado del alcance que tendría y las repercusiones que podría acarrearle en un futuro cercano.* (Texto 7)⁵³

(8) *No es la primera vez que un comandante del gobierno abandona a sus tropas para disfrutar de viajes innecesarios e inútiles. Su presencia era fundamental para negociar la vigencia del IRP y evitar el rechazo del veto al subsidio a las personas mayores de 65 años.*

Es absolutamente importante que las negociaciones sobre estos temas sean manejadas o dirigidas por el ministro de Hacienda, el viceministro de Tributación y el presidente de la República. (Texto 9)⁵⁴

Observa-se, em (6) e (7), que a certeza sobre o que é dito se ancora na *vox publica* (KOCH, 2000), como se a informação dada fosse a opinião geral de uma comunidade linguística. Essa estratégia proporciona ideia de que o produtor é detentor de um suposto saber, o que lhe dá uma posição privilegiada para impor ao leitor certa “verdade” e, numa análise mais ampla, alinhá-lo à opinião defendida, já que a informação é apresentada com certo grau de irrefutabilidade.

Logo, ao usar as expressões modalizadoras *es evidente*, em (6), e *es obvio*, em (7), o produtor requer a atenção do leitor para a sua informação, apresentada como “certa”, “indubitável”, “irrefutável” e, ainda, como se fosse um fato de conhecimento de todos. Com isso, o produtor orienta o leitor a aderir à ideia posta em cena, levando o leitor a interagir no ato de comunicação, compartilhando das mesmas ideias e valores apresentados

Ainda em (6), observa-se que a expressão *en resumen*, ao mesmo tempo em que resgata o que foi dito anteriormente, chama a atenção do leitor para a afirmação que é

⁵² Em resumo, é **evidente** que a atual classe governante é igual à anterior. A mudança é só discurso. Na ação, não existe. Apesar de alguns sonhadores que dedicam seus melhores esforços na administração de certas instituições, o sistema de corrupção imperante acaba por devorá-los.

⁵³ É **óbvio** que fizeram Fernando Lugo perceber que ele errou em assumir um compromisso sem estar suficientemente informado da abrangência que isto teria e das repercussões que isto poderia lhe acarretar num futuro próximo.

⁵⁴ Não é a primeira vez que um comandante do governo abandona suas tropas para desfrutar de viagens desnecessárias e inúteis. Sua presença era fundamental para negociar a vigência do IRP e evitar a rejeição do veto ao benefício para pessoas com mais de 65 anos.

É **absolutamente** importante que as negociações sobre estes temas sejam conduzidas ou dirigidas pelo ministro da Fazenda, pelo vice-ministro da Tribução e pelo presidente da República.

introduzida pelo elemento modalizador sob análise. Logo, as expressões *la actual clase gobernante es igual a la que se fue*, e, ainda, *la acción no existe* reforçam e destacam o fato anunciado de que a mudança prometida por Lugo, nos palanques eleitorais, não aconteceu. Com essa estratégia, o jornalista ancora a informação, o que contribui para angariar a credibilidade do leitor.

A mesma estratégia é observada em (7). O jornalista, ao recorrer ao modalizador *es obvio*, assinala a presença do leitor e o desejo de agir sobre ele. Ao mesmo tempo, tenta se aproximar do interlocutor, informando-lhe que, por ser óbvio, o conteúdo da mensagem expressa já deve ser de seu conhecimento (saber compartilhado). Essa estratégia convida o leitor a participar do conhecimento dado pelo produtor como aceito por todos, bem como possibilita a instauração de um ambiente de credibilidade e confiança, já que, de antemão, o jornalista prevê a concordância e a aceitação do fato, que aponta para os erros cometidos pelo presidente.

Em (8), a expressão *es absolutamente importante* manifesta um apelo mais forte do que o observado nos demais enunciados. Essa expressão orienta o leitor a dar mais atenção ao fato informado; ao mesmo tempo, sugere a ideia de conselho, de cobrança com relação a posturas a serem assumidas pela equipe de governo. Para tanto, estabelece-se a ênfase dada pelo advérbio *absolutamente*. Além disso, com tal estratégia, por dar aparências de veracidade ao discurso, busca envolver o leitor, fazendo-o aceitar o que lhe é posto. Para Corbari (2008, p. 100), “trata-se de uma estratégia usada pelo produtor para ‘captar’ o leitor no sentido de envolvê-lo em sua argumentação de forma a fazer com que ele assuma a sua perspectiva de análise”.

Há ainda, no enunciado em análise as adjetivações negativas *innecesarios* e *inútiles*, referentes ao substantivo *viajes*, o que causa a impressão de descompromisso e de desfrute do patrimônio público por parte o governo.

3.1.3 O substantivo *realidad* (núcleo de locução adverbial)

Neste grupo, a modalização é expressa pelo substantivo *realidad*, núcleo de locuções adverbiais. Os enunciados analisados revelam a ideia de um saber compartilhado, ou seja, com a expressão modalizadora, o conteúdo modalizado recebe uma indicação de veracidade, como se os fatos relatados fossem de domínio do jornalista, que compartilha esse saber com o leitor.

(9) *Saguiet dijo que trató de evitar que se perjudicara al gobierno de Fernando Lugo y a una empresa naviera “amiga” multada por la gerencia de la entidad y a la que no se otorgó flete durante el mes de enero. **En realidad**, lo que intentó evitar es que el negocio del flete no le fuera adjudicado a la empresa de la cual es el abogado.* (Texto 3)⁵⁵

(10) *Lugo se ufano ante el país por estos logros. Pero, **en la realidad**, disfrazó elegantemente los desaciertos de su administración. Sabíamos de antemano que nada iba a ser fácil.* (Texto 1)⁵⁶

(11) *La hipocresía es una de las características más comunes de los políticos. Para desgracia de nuestra dirigencia debo aclarar que no es exclusiva de las autoridades de nuestro país. Es **en realidad**, una cualidad que adorna la personalidad de los que se dedican a la política, en cualquier parte del planeta.* (Texto 10)⁵⁷

Nos enunciados de (9) a (11) as expressões *en realidad* e em *en la realidad*, além de imprimirem um conhecimento que passa a ser compartilhado, são usadas para destacar um posicionamento contrário com relação ao que se disse no período anterior. Essa estratégia

⁵⁵ Saguiet disse que tentou evitar que fosse prejudicado o governo de Fernando Lugo e uma empresa de navegação “amiga” multada pela gerência da entidade, e a qual não foi outorgada o frete durante o mês de janeiro. **Em realidade**, o que ele tentou foi evitar que o negócio do frete não fosse adjudicado à empresa da qual ele é advogado.

⁵⁶ Lugo se orgulhou diante do país por suas conquistas. Mas, **na realidade**, ele disfarçou elegantemente os desacertos de sua administração. Sabíamos de antemão que nada ia ser fácil.

⁵⁷ A hipocrisia é uma das características mais comum dos políticos. Para a desgraça de nossa “*dirigencia*” devo esclarecer que não é exclusiva das autoridades de nosso país. É, **na realidade**, uma qualidade que adorna a personalidade dos que se dedicam à política, em qualquer parte do planeta.

imprime a ideia de que o jornalista parece explicar a informação dada; porém, o que o produtor faz é revelar, por meio das expressões em tela, que seu ponto de vista é confiável.

Em (9), o jornalista apresenta denúncias a respeito da falta de ação de Lugo diante da corrupção em seu governo. Faz-se menção ao nome e à profissão do envolvido, *Saguier, abogado*, um recurso que aumenta o comprometimento do jornalista com o que enuncia e, logo, sua credibilidade, além de orientar o leitor a tomar com atenção a informação dada.

No enunciado (10), o jornalista revela, novamente, sua opinião por meio da expressão *en la realidad*, comprometendo-se com a verdade enunciada e orientando seu leitor a aceitá-la. Além disso, ele também avalia ironicamente o discurso feito por Lugo, já que, segundo diz, os sucessos narrados pelo presidente realmente não aconteceram. Essa expressão, de certa forma, atenua o comentário seguinte, uma dura crítica ao discurso de Lugo em que o jornalista avalia que a única coisa que Lugo faz é disfarçar *elegantemente sus desaciertos*.

Em (11), para fundamentar sua certeza, o jornalista generaliza a ideia de que a hipocrisia é uma das características mais comuns dos políticos. A avaliação negativa do jornalista é também marcada pelo adjetivo *desgracia*, pelo vocábulo *hipocresía* e, em seguida, por sua avaliação irônica ao revelar que a hipocrisia é uma *cualidad que adorna* os políticos. Percebe-se que a generalização sobre a hipocrisia política, dada como um saber compartilhado, aliada à expressão *debo aclarar* e também às expressões *nuestra dirigencia* e *nuestro país*, parece aproximar jornalista e leitor, uma vez que, adotando a primeira pessoa, o produtor do texto parece tentar ganhar a simpatia do leitor. Esse recurso faz parecer que o produtor de texto pretende interagir com o leitor, ou seja, trata-se de uma estratégia que orienta o leitor à aceitação da mensagem.

Em (9), (10) e (11), as expressões modalizadoras analisadas reforçam o caráter asseverativo do enunciado de modo a orientar o leitor a aceitar o conteúdo da mensagem como certo e verdadeiro. Observando locuções adverbiais com sentido aproximado ao dado pelas expressões em análise, Dall’Aglio-Hattner (1995, p. 97) analisa que tais expressões

constituem uma estratégia que, além de revelar a certeza do produtor, é uma forma de “explicitar uma inferência pessoal”, ou seja, uma maneira de imprimir juízo de valor. Para Corbari (2008, p. 59), expressões dessa natureza encenam um ato epistêmico com o intuito de reforçar “o caráter asseverativo do enunciado de modo a orientar o interlocutor a aceitar o conteúdo da mensagem”.

Nas análises apresentadas até o momento, tem-se que os enunciados (1), (6), (7) e (8) apresentam elementos modalizadores que atuam mais diretamente na interlocução do jornalista com o leitor. Já nos enunciados (2), (3) (4), (5), (9), (10) e (11) são atualizados elementos que têm como escopo mais direto o próprio enunciado.

Assim, comparando-se enunciados pertencentes a cada um desses grupos, há em (4) *claramente* e (11) *en realidad* um produtor que se responsabiliza pelo dito e se posiciona com relação à avaliação do valor de verdade da proposição, enquanto em (6) *es evidente* o produtor parece ausentar-se parcialmente de responsabilidade e, mesmo assumindo suas verdades, se afasta de sua mensagem. Esse recurso linguístico, para Neves (1996, p. 181), é uma estratégia que sugere distanciamento, uma vez que o produtor, mesmo que assuma determinado posicionamento, transfere para fora do enunciado a responsabilidade de sua opinião, o que faz por meio da impessoalidade observada na estrutura linguística em tela. Observa-se que no enunciado (6) o produtor faz um apelo mais forte ao leitor do que se verifica em (4) e (11). Parece que em (6) o produtor instaura um ambiente de interação entre leitor e produtor e, nesse ambiente, o leitor é interpelado a aderir à ideia apresentada e, em consequência, à orientação argumentativa instaurada no texto.

Observa-se que, nos casos analisados de (1) a (11), o produtor, ao recorrer a elementos que expressam a modalização epistêmica, apoia-se em seu conhecimento prévio e em evidências, revelando e demarcando o seu posicionamento em relação a Lugo. Assim, os elementos modalizadores sob investigação demonstram que o jornalista não apenas informa,

mas também expressa sua opinião, com a expectativa de que esta seja compartilhada com os interlocutores.

Em resumo, observa-se que esses enunciados revelam um alto grau do comprometimento do produtor com a verdade do que é dito, lançando as informações como sendo verdadeiras e indubitáveis, e estabelecem uma interação mais direta com o leitor na medida que o produtor parece requerer também do leitor a atitude que assume diante do fato exposto no conteúdo modalizado.

3.2 A MANIFESTAÇÃO DA MODALIZAÇÃO EPISTÊMICA NOS GRAUS DA POSSIBILIDADE

Nos enunciados dispostos nesta seção, observa-se que a modalização epistêmica nos graus da possibilidade exime o produtor da responsabilidade total com relação ao conteúdo da mensagem expressa no enunciado (cf. CASTILHO; CASTILHO, 1992), decorrendo daí a baixa adesão do jornalista com relação ao conteúdo proposicional. Assim, ao revelarem um produtor que não quer se comprometer nem se responsabilizar integralmente pelo conteúdo de sua mensagem, os elementos em destaque retratam uma estratégia atualizada pelo jornalista para proteger sua imagem e para ganhar a credibilidade do leitor.

Com base nos enunciados abaixo apresentados, faz-se a análise das seguintes formas de expressar a modalização linguística: o advérbio *probablemente*, o advérbio *tal vez* e os verbos modais *poder* e *deber*,

3.2.1 Advérbios terminados em *–mente*

Do conjunto de enunciados analisados, dois apresentam o advérbio *probablemente*:

(12) *Sospechosas concesiones - En los últimos años lentamente fuimos conquistando los espacios que normalmente nos hubieran correspondido si hubiéramos tenido negociadores y gobiernos verdaderamente patriotas. Pero a la luz de los hechos se puede casi asegurar que nuestros representantes fueron “comprados” literalmente para aceptar todas las imposiciones y exigencias de los brasileños. **Probablemente** existan otras intenciones ocultas en este tema. (Texto 11)*⁵⁸

(13) *Cada decisión que se tome necesariamente va a favorecer a algunos grupos o sectores y, **probablemente**, perjudicar a otros, pero la indefinición es fatal para el país y la gobernabilidad. (Texto 7)*⁵⁹

O advérbio em tela, em ambos os enunciados dados acima, estabelece uma interação mais direta entre produtor e leitor. Com essa estratégia, o jornalista pretende orientar a leitura do leitor no sentido de alertá-lo, levá-lo a refletir /pensar a respeito da mensagem expressa.

O enunciado (12) mostra um produtor que emite suas crenças e dá sua opinião de forma implícita, pois não quer se responsabilizar pelas afirmações feitas a respeito da corrupção que envolve as negociações brasileiras sobre a energia da hidroelétrica da Itaipu, ou seja, se exime de toda responsabilidade pelo conteúdo da mensagem expressa.

O uso do advérbio em *–mente (probablemente)*, nesse caso, retrata uma estratégia de camuflagem do jornalista, que procura demonstrar que sua informação é incerta. Observa-se que o jornalista não quer se responsabilizar pelo dito, o que não significa dizer que ele realmente não tenha conhecimento dos fatos. Ao contrário, há aí um produtor com certeza do que informa e, por isso, faz denúncias a respeito da política paraguaia.

⁵⁸ Concessões suspeitas – Nos últimos anos, lentamente fomos conquistando os espaços que normalmente nos corresponderiam se tivéssemos negociadores e governos verdadeiramente patriotas. Mas, à luz dos fatos, pode-se quase assegurar que nossos representantes foram “comprados” literalmente para aceitar todas as imposições e exigências dos brasileiros. **Provavelmente** existam outras intenções ocultas neste tema.

⁵⁹ Cada decisão que se tome necessariamente favorecerá alguns grupos ou setores e, **provavelmente**, prejudicará outros, mas a indefinição é fatal para o país e para a governabilidade.

Esse recurso propicia ao jornalista um espaço de crítica, informação e denúncia; ao mesmo tempo, revela sua crença, de forma camuflada, sem responsabilizá-lo pelo que diz. Trata-se de uma estratégia usada com o objetivo de preservar a face contra possíveis repercussões que a informação possa ter.

O enunciado (13), diferente do anterior, sugere que o produtor não tem a certeza diante do fato; ou seja, para o jornalista, é provável que a decisão prejudique alguns grupos. Nesse enunciado, além do modalizador indicador de dúvidas *probablemente*, o produtor recorre ao *indefinición* para destacar certo grau de incerteza. O fato relatado, então, é considerado próximo à verdade, como uma hipótese que depende de confirmação, estratégia que desvia do jornalista qualquer responsabilidade sobre a verdade ou falsidade da proposição (CASTILHO; CASTILHO, 1992).

3.2.2 O advérbio *tal vez*

Há, no conjunto do *corpus*, dois enunciados em que o jornalista recorre ao advérbio *tal vez*:

(14) *Muchas incógnitas que no tienen respuesta por el momento. Tal vez, algunas empiecen a ser develadas mañana y pasado después de la protesta de los sectores productivos del país.* (Texto 2)⁶⁰

(15) *Tal vez el problema de los sesmeros se solucione con una atención a todos los sectores productivos afectados por la sequía o la crisis económica mundial. De esta manera, los amigos de Lugo serán beneficiados, pero por extensión todos los sectores productivos serían igualmente atendidos.* (Texto 7).⁶¹

⁶⁰ Muitas incógnitas que não têm respostas neste momento. **Talvez**, algumas comecem a ser reveladas amanhã ou após passar o protesto dos setores produtivos do país.

⁶¹ **Talvez** o problema dos pequenos produtores se solucione voltando-se a atenção a todos os setores produtivos afetados pela seca ou pela crise econômica mundial. Desta maneira, os amigos de Lugo serão beneficiados, mas por extensão todos os setores produtivos seriam igualmente atendidos.

Nos enunciados (14) e (15), a modalização veiculada pelo advérbio recai sobre o conteúdo modalizado. O elemento em tela, que expressa uma possibilidade epistêmica, indica baixa adesão do produtor com respeito ao conteúdo verbalizado (CASTILHO; CASTILHO, 1992). Tanto em (14) quanto em (15) é o advérbio *tal vez* que possibilita ao produtor expressar sua posição e, ao mesmo tempo, eximir-se da responsabilidade pelo dito, já que não tem o conhecimento do que irá acontecer. Ao avaliar, o jornalista não assume o que está sendo dito e deixa, por meio do elemento modalizador, a sua marca de incerteza e indefinição, revelando uma possibilidade, porém dúvida.

Há, nos dois casos, a revelação da não-certeza e um baixo grau de engajamento do produtor ao que está sendo expresso. Mas, ainda assim, tem-se um produtor que, ao se distanciar dos fatos, ganha em credibilidade, uma vez que, ao situar seu discurso no campo da possibilidade, o jornalista legitima espaço para expressar sua opinião e a sua não-certeza (NEVES, 2006).

O enunciado (15) reflete uma postura mais crítica do jornalista com relação ao (14), pois verbaliza uma maior reprovação do produtor do texto diante da atitude do governo de Lugo. A intenção de criticar, denunciar e até mesmo de ridicularizar a imagem do governo é percebida no uso do advérbio modalizador e também na conjunção adversativa *pero*, que remete às críticas tecidas no co-texto. Todavia, esse intento fica mais evidente na expressão *los amigos de Lugo serán beneficiados*, que contém um tom irônico e que é comumente usada para denotar situações de privilégio de alguns grupos em detrimento de outros.

Ainda com relação aos enunciados (12), (13), (14) e (15), observa-se que os advérbios *tal vez* e *probablemente* atraem ainda outra marca modalizadora: o uso do modo subjuntivo, que também permite ao produtor certa isenção com relação ao que afirma. Essa estratégia contribui para marcar a não-responsabilidade do produtor sobre o enunciado. Em (12), há ainda a presença de um verbo modal *se puede*, um recurso usado para distanciar o jornalista do que está exposto no conteúdo modalizado. Além de o elemento modal revelar uma

possibilidade – conforme se analisa no próximo item – a impessoalidade que é atribuída ao verbo contribui para demarcar esse distanciamento.

3.3.3 Os verbos modais *poder* e *deber*:

Nesta seção, serão analisados os verbos auxiliares *poder* e *deber* com valor epistêmico.

(16) *Carlos Cardozo, director paraguayo de Yacyretá y su asesor político Roberto Paredes, de quien se dice es uno de los hombres de confianza de Lugo, están enfrentados a todos los consejeros de la entidad. El doctor Gustavo De Gasperi, consejero, calificó a Paredes de ser una víbora venenosa que puede incluso terminar conspirando contra Cardozo. (Texto 01)*⁶²

(17) *Sospechosas concesiones - En los últimos años lentamente fuimos conquistando los espacios que normalmente nos hubieran correspondido si hubiéramos tenido negociadores y gobiernos verdaderamente patriotas. Pero a la luz de los hechos se puede casi asegurar que nuestros representantes fueron “comprados” literalmente para aceptar todas las imposiciones y exigencias de los brasileños. Probablemente existan otras intenciones ocultas en este tema. (Texto 11)*⁶³

(18) *Finalmente, Lugo debe saber que los errores pueden ser perdonados, pero las mentiras no. (Texto 5)*⁶⁴

Os enunciados de (16) a (18) contêm os modais *deber* e *poder*, os quais demarcam a posição do produtor do texto e atuam sobre o conteúdo modalizado. Ressalta-se que esses

⁶² Carlos Cardozo, diretor paraguaio de Yacyrtá e seu assessor político Roberto Paredes, do qual dizem ser um dos homens de confiança de Lugo, estão enfrentando todos os conselheiros da entidade. O doutor Gustavo de Gasperi, conselheiro, referiu-se a Paredes como uma víbora venenosa que **pode** inclusive acabar conspirando contra Cardoso.

⁶³ Concessões suspeitas – Nos últimos anos, lentamente fomos conquistando os espaços que normalmente nos corresponderiam se tivéssemos negociadores e governos verdadeiramente patriotas. Mas, à luz dos fatos, **pode-se** quase assegurar que nossos representantes foram “comprados” literalmente para aceitar todas as imposições e exigências dos brasileiros. Provavelmente existam outras intenções ocultas neste tema.

⁶⁴ Finalmente, Lugo **deve** saber que os erros **podem** ser perdoados, mas as mentiras, não.

enunciados foram classificados dentro do eixo epistêmico e que os verbos *poder* e *deber*, presentes nos enunciados acima, são reveladores de possibilidade.

Nos enunciados (16) e (17), observa-se primeiramente a preocupação do produtor em ancorar, justificar, explicitar ao leitor sua afirmação. Com isso, garante-se que o leitor se inteire do assunto tratado. Em ambos os casos, o verbo *poder* retrata um produtor que quer se precaver da responsabilidade total pelo que afirma, uma vez que esses enunciados contêm denúncias sobre a corrupção da política paraguaia, ou seja, essa estratégia permite ao produtor, caso seja questionado, eximir-se da responsabilidade pelo que foi dito (KOCH,2000). Em (16), ao citar nomes de pessoas influentes, o jornalista, confere credibilidade ao seu discurso, já que atribui as afirmações que apresenta a terceiros, com o uso de expressões como *de quien se dice, calificó a Paredes de ser una víbora venenosa*. Mais do que isso, essa estratégia retrata, sobretudo, uma forma de diluir a responsabilidade de suas denúncias, afastando, ainda mais, de si a responsabilidade pela informação veiculada. E, ainda, o vocábulo *incluso* ao lado do modal *puede*, destaca as denúncias feitas pelo jornalista

Observa-se, ainda, um jogo com os vocábulos *confianza, víbora venenosa, conspirando*, ao mesmo tempo em que se revela a intenção de criticar, se destaca o objetivo de ridicularizar e ironizar a imagem dos políticos. Contudo, a expressão *víbora venenosa* revela, além de um tom sarcástico, irônico, uma tentativa de o produtor aproximar-se do leitor, uma vez que essa expressão é característica da linguagem oral, comumente usada para indicar falsidade. Recorrendo a ela, o produtor assume uma postura menos formal em relação ao uso da linguagem e, com isso, se aproxima do leitor.

Em (17), observa-se a presença de um produtor que, para camuflar sua informação, encontra na língua expressões que podem ser usadas conforme a intenção comunicativa em jogo (cf. NEVES, 1996). Há, nesse enunciado, um produtor que deseja demonstrar não ter certeza sobre o conteúdo que enuncia, para se distanciar do dito, o que é revelado por meio do

modalizador *se puede*, aliado ao advérbio *probablemente* (analisado na seção 3.2.1) e à expressão *casi asegurar*.

Pode-se dizer que tais usos não revelam as dúvidas do jornalista a respeito do que diz; o que o jornalista deseja é disfarçar suas certezas por meio da modalização epistêmica (cf. DALL'AGLIO-HATTNER, 1995). O resultado, obtido por meio desse recurso colocado em cena pelo produtor para preservar sua face perante suas denúncias, é a revelação das denúncias de corrupção, sem comprometer o jornalista (autor das denúncias).

O desejo de não se comprometer com o dito ganha mais destaque quando o produtor recorre às aspas – como ocorre em *nuestros representantes fueron “comprados”*. Essa estratégia garante certo distanciamento do dito (cf. KOCH, 1997), de forma que a falta de comprometimento é minimizada em graus variados em relação ao seu discurso; mesmo não assumindo a informação apresentada como verdadeira, o jornalista quer dar a ela credibilidade.

Diferentemente do que ocorre em (16) e (17) – em que o produtor se distancia do dito, se protege e se exime de toda repercussão que possam ter as afirmações feitas – em (18) percebemos o uso do verbo *poder* e *deber* como resultantes do que o jornalista julga ser possível de acontecer, tomando como base sua experiência de mundo. Em outras palavras, o produtor, a partir de algum conhecimento prévio, foi capaz de inferir que Lugo poderá ser perdoado.

Nota-se que o produtor, no enunciado em questão, não faz denúncias – como ocorre nos outros enunciados analisados. Por isso, não há preocupação de se afastar dele para proteger sua imagem. Em (18), *poder* e *deber* revelam uma possibilidade, um produtor que apenas emite sua crença a respeito de Lugo.

Os enunciados dispostos nos graus da possibilidade aqui analisados, ora atuam diretamente sobre o conteúdo modalizado, como ocorre em (14), (15), (16), (17) e (18), ora sobre o leitor, como se observa em (12) e (13). No entanto, tais enunciados, mesmos dispostos

no eixo da possibilidade, não necessariamente indicam que o jornalista tenha dúvidas em relação ao dito, mas revelam que, dentre outras intenções comunicativas, o jornalista pretende distanciar-se do que diz, disfarçar suas intenções, interpelar o leitor e buscar fazê-lo refletir sobre o conteúdo exposto.

Tem-se, nesses enunciados, a presença de um produtor que imprime, de maneira sutil, suas crenças. Há, neles, um escamoteamento da informação, processo atualizado pelo jornalista para ganhar credibilidade e se distanciar da informação. Isso porque os recursos modalizadores postos em cena permitem ao produtor a manifestação de seu posicionamento, sem, contudo, responsabilizá-lo com relação à verdade ou falsidade do dito. Assim, ao modalizar no campo da dúvida, isto é, ao assumir suas incertezas, o falante ganha em credibilidade (cf. NEVES, 1996) e aproxima-se do leitor.

Os enunciados apresentados neste capítulo revelam formas de expressão da modalização epistêmica, por meio da qual o jornalista manifesta ao leitor sua atitude, seu posicionamento, seu julgamento, amparado no conhecimento que tem de um estado de coisas. Esse conhecimento, às vezes certo e absoluto, às vezes duvidoso e incerto, ou ainda camuflado por meio da expressão da dúvida, leva o produtor a modalizar seus enunciados no campo da certeza, da possibilidade ou da incerteza.

Nesse sentido, os elementos modalizadores atualizados ora revelam um alto grau de engajamento do jornalista, ora possibilitam a este um baixo grau de adesão. E, em ambos os casos, o produtor encaminha seu texto para a aceitação do interlocutor, sem questionamentos. E esse intento está presente mesmo nos casos que envolvem a possibilidade epistêmica, já que a confissão das dúvidas também propicia credibilidade ao falante (cf. NEVES, 1996).

Os enunciados revelam, portanto, que o jornalista não assume a pretensa neutralidade do jornalismo; ao contrário, ambientando seus enunciados em diferentes graus da modalização, expressa suas crenças, suas opiniões e suas intenções. Pode-se dizer, ainda, que o jornalista ocupa uma posição privilegiada, já que tem a possibilidade de utilizar a

modalização para ora promover-se, ora proteger-se, uma vez que modaliza seus enunciados para conseguir adesão, credibilidade, confiabilidade, (des)comprometimento com a verdade ou falsidade de seus enunciados.

Os enunciados analisados também mostram que os elementos modalizadores dos graus da possibilidade revelam um produtor que expõe suas crenças e talvez suas incertezas. Contudo, se é uma manifestação de dúvida, não se trata de uma dúvida assumida pelo produtor e, no caso, se é uma manifestação de certeza por meio da dúvida, há um produtor que não deseja se responsabilizar por sua informação e, por isso, se distancia de seu enunciado por meio da modalização epistêmica nos graus da possibilidade.

Alguns enunciados modalizados no campo da certeza também apontam um produtor que manifesta sua crença, sua opinião de forma explícita. A diferença, aqui, é que o produtor assume o dito, ao se aproximar da informação, ao se responsabilizar pelo que informa. Parece, nesse caso, que o jornalista dispõe de argumentos fortes para comprometer-se com a verdade do dito. Com isso, não se exime de comprometer-se, de engajar-se com o conteúdo da mensagem, estratégia que também auxilia na busca pela credibilidade.

Em suma, tanto no campo da certeza como nos graus da possibilidade, o produtor revela sua crença, sua opinião, seu juízo de valor. E, nesse *continuum* entre o certo e o possível, o jornalista sempre busca angariar a credibilidade do leitor para, com isso, convencê-lo da validade da posição expressa no texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se, neste trabalho, discutir a respeito da manifestação da modalização epistêmica por meio de alguns elementos modalizadores em textos do jornalista Carlos Peralta, publicados no jornal *on line La Nación*.

Durante o percurso traçado para o desenvolvimento da análise e para a averiguação das hipóteses levantadas, buscou-se demonstrar que os elementos modalizadores investigados permitem ao produtor do texto mobilizar estratégias linguísticas para que seu posicionamento seja devidamente assegurado e para promover a interlocução com o leitor do texto.

O interesse em promover essa análise surgiu, sobretudo, da possibilidade de a abordagem da modalização contribuir para o desenvolvimento das habilidades linguístico-discursivas dos alunos do curso de Letras–Português/Espanhol, como leitores e produtores de texto em espanhol e como futuros professores de Língua Espanhola – e, nessa condição, como disseminadores do conhecimento adquirido na graduação. Essa expectativa levou à busca por textos jornalísticos escritos em espanhol para a constituição do *corpus* de análise, de forma a aliar a língua estudada (espanhol) à abordagem dos recursos linguísticos da modalização.

Acredita-se, em conformidade com Koch (2000), que

[...] ao professor cabe a tarefa de despertar no educando uma atitude crítica diante da realidade em que se encontra inserido, preparando-o para ‘ler o mundo’: a princípio, o seu mundo, mas, daí em diante, e paulatinamente, todos os mundos possíveis. (KOCH, 2000, p. 160).

Levando em consideração esse pressuposto, acredita-se que é possível deixar aos estudantes um material que, além de demonstrar a semelhança dos elementos modalizadores em português e espanhol, auxilie no esforço para torná-los aptos ao uso dos modalizadores em

suas produções escritas e para transformá-los em leitores mais críticos a partir do domínio de estruturas internas da língua estrangeira.

Para a realização desta pesquisa, definiu-se como *corpus* os textos jornalísticos de Carlos Peralta, por constituírem um material que reflete a língua em uso e que contempla os interesses do Projeto de Intercâmbio linguístico-cultural entre docentes e discentes do Brasil e do Paraguai. Os textos foram submetidos à averiguação considerando-se os elementos modalizadores epistêmicos. Essa categoria foi escolhida por mostrar-se produtiva no que tange à manifestação de posicionamentos, crenças e atitudes do jornalista.

A análise dos dados demonstrou a predominância da modalização epistêmica, fenômeno explicado pelo fato de esse tipo de modalização estar relacionado diretamente à informação e ao conhecimento. Nos textos de Carlos Peralta, observa-se, por um lado, a isenção do jornalista, eximindo-o da responsabilidade pela informação dada, e, por outro, o seu engajamento com relação ao conteúdo enunciado. Essas características levaram à decisão de, neste momento, se tomar a modalização epistêmica como objeto de estudo.

Foi possível comprovar, a partir das análises dos enunciados jornalísticos, a hipótese aventada de que o produtor, ao escrever, deixa, em seus enunciados, suas marcas. Nesse sentido, a neutralidade jornalística e a objetividade não se constituem características observáveis nos textos investigados, já que o produtor avalia e emite juízo de valor sobre os fatos citados. Nesse contexto, sobressaem-se as marcas modalizadoras usadas, sutilmente, pelo produtor para convencer, impor, persuadir, afirmar, negar, confundir, cabendo ao interlocutor apenas a concordância e a aceitação do que lhe foi anunciado; ao interlocutor não é possibilitado espaço para dúvidas ou questionamentos (cf. NEVES, 1996).

Assim, além de demarcar a posição do jornalista, os elementos modalizadores possibilitam o direcionamento do leitor à aceitação do que é discursivamente proposto, uma vez que, ao modalizar, o produtor se apresenta como uma voz autorizada a dizer o que diz, voz essa ancorada em conhecimentos prévios a respeito do assunto abordado.

Para tanto, o jornalista busca, nos diversos graus da modalidade epistêmica, angariar a concordância do leitor. No extremo do eixo epistêmico, apresenta o conteúdo proposicional como certo, irrefutável, para, com isso, conquistar credibilidade. Conforme explica Koch (2000), o produtor do texto, ao recorrer à modalização epistêmica, procura manifestar um saber (explícito ou implícito) e levar o leitor a aderir ao seu discurso, aceitando-o como verdadeiro, uma vez que suas ideias são apresentadas como incontestáveis. Essa dinâmica prevê uma posição de autoridade de quem escreve perante ao leitor.

Já no eixo da possibilidade epistêmica, o jornalista confessa suas dúvidas e exime-se de toda responsabilidade sobre a verdade ou falsidade da proposição, numa forma de proteger sua imagem e, também, de alcançar a credibilidade (cf. CASTILHO; CASTILHO, 1992).

Dessa forma, tanto nos graus da certeza como nos graus da possibilidade, a modalização epistêmica garante ao jornalista confiabilidade e credibilidade, já que ambas as formas de modalização epistêmica refletem a intenção, o (des)comprometimento do jornalista, ora por meio da dúvida, ora por meio da certeza. Com isso, o jornalista tenta angariar a concordância e a aceitação do leitor em relação à tese apresentada no texto.

Em relação às formas de expressão da modalidade epistêmica utilizadas pelo jornalista, detectou-se que a modalização se manifesta gradativamente nas frases por meio da certeza ou da possibilidade e se atualiza por meio de diferentes recursos linguísticos. Nesta pesquisa, foram investigadas as seguintes formas de realização da modalidade epistêmica: advérbios terminados em *-mente*, adjetivos em posição predicativa, os verbos *poder* e *deber*, o substantivo *realidad* (quando constituindo núcleo de locução adverbial) e o advérbio *tal vez*. Nos enunciados estudados, esses recursos são usados pelo jornalista de acordo com seu conhecimento e de forma ajustada às suas intenções.

Desse modo, as análises realizadas, considerando-se a manifestação da modalização epistêmica no *campo da certeza* e nos *graus da possibilidade*, resultaram na observação de que o teor de modalização estabelecido pelos elementos modalizadores analisados neste

trabalho ora se volta para o conteúdo modalizado – processo em que o jornalista atua indiretamente sobre o leitor, demarcando sua posição com relação à mensagem aí expressa –, ora se volta para o leitor – numa tentativa de interpelá-lo, de chamar sua atenção e orientando-o à aceitação das ideias expressas no conteúdo modalizado. Tal observação gerou a necessidade de se averiguar, durante as análises empreendidas, a ocorrência da modalização orientada para o conteúdo modalizado e da modalização orientada para o leitor.

As análises empreendidas revelam um jornalista que se posiciona contra o governo de Lugo e que busca a adesão de seu leitor. Nesse sentido, ele manifesta seu posicionamento expondo, nos enunciados analisados, somente críticas negativas. Os 12 textos selecionados para esta pesquisa não apresentaram nenhuma informação que revelasse avaliação positiva a respeito do presidente paraguaio. Ao contrário, tal referência é negativamente marcada, já que o jornalista tenta passar a ideia de que Lugo não faz outra coisa senão cometer erros.

Para tanto, o jornalista se aproveita de todas as situações negativas que envolvem Lugo. A título de exemplificação, citam-se as críticas feitas ao fato de a mudança política prometida por Lugo não ter se realizado. Outra crítica constante refere-se ao fato de o presidente, ex-bispo, ter assumido a paternidade. Esses e outros fatos fundamentam a opinião do jornalista, a sua posição contrária ao atual presidente do Paraguai.

Esse posicionamento é interpretado a partir da análise do enunciado como um todo, mas é explicitado pelos elementos modalizadores postos em cena no cenário discursivo para avaliar, expressar juízos de valor, revelar as crenças e as marcas do jornalista e, em última análise, para convencer o interlocutor.

Para tanto, o produtor recorre ao eixo epistêmico e posiciona seus enunciados em diferentes lugares da escala epistêmica (cf. NEVES, 1996, 2006), partindo do absolutamente certo, passando pelos diferentes graus do possível até chegar à incerteza declarada, ainda que sutilmente.

Ao recorrer a elementos representativos da modalidade epistêmica, o jornalista escolhe, de forma mais recorrente, marcar os enunciados com elementos do campo da certeza – como *realmente, evidentemente, es obvio, es evidente e en realidad*. Com isso, apresenta sua avaliação subjetiva como certa, verdadeira, pautada em evidências dadas à observação de todos, deixando ao leitor pouco espaço para contestações.

No entanto, essa não é a única estratégia usada pelo jornalista; ele recorre também à possibilidade epistêmica. Ao usar modalizadores que retratam sua incerteza, ou, ainda, uma tentativa de se distanciar da responsabilidade pela informação – como *probablemente, posiblemente, tal vez, poder e deber* –, o jornalista visa, em última análise, angariar a concordância do leitor, envolvê-lo em seu discurso. Isso porque a dúvida admitida não desacredita o jornalista; ao contrário, esse recurso lhe confere mais credibilidade e mantém a sua isenção ao eximi-lo da responsabilidade pela informação.

Assim, modalizando no campo da possibilidade epistêmica, ele procura agir sobre o interlocutor, impondo, de maneira sutil, sua posição. Essa estratégia linguística utilizada pelo jornalista possibilita o seu (des)comprometimento com a informação anunciada, além de proporcionar ora a promoção, ora a preservação de sua imagem.

Pode-se dizer que os enunciados epistemicamente modalizados minimizam a liberdade do leitor em decidir sobre a aceitação ou não da tese apresentada. Aparentemente, o jornalista cumpre a função de informar, e deixa que o leitor tire suas próprias conclusões. No entanto, a forma como o discurso é orientado revela as intenções do jornalista, seu projeto de convencer o leitor de que Lugo não é digno e/ou não está preparado para o cargo que ocupa.

Por fim, registrou-se que os resultados direcionam-se à comprovação da hipótese de que o jornalista manifesta seu posicionamento em relação ao governo utilizando elementos modalizadores epistêmicos. Estes são usados por um jornalista que pretende não só informar o leitor acerca da situação política de seu país, mas também induzir, convencer, confundir, alertar e manipular por meio do discurso.

Em resumo, a realização desta pesquisa mostrou que a modalização oferece ao produtor recursos que lhe permitem lidar com a informação de forma a pontuar sua opinião e a angariar a credibilidade do leitor. Além disso, o coloca numa posição privilegiada, uma vez que “a modalidade pode ser utilizada para proteger ou promover a imagem do enunciador” (DALL’AGLIO-HATTNER, 1995, p. 76). Por meio desse recurso, o produtor escamoteia a fonte de conhecimento e distancia-se do texto, não se comprometendo integralmente com o conteúdo enunciado (cf. NEVES, 2006).

Com base nessas reflexões, entende-se que este trabalho, pautado em recorte textual, focalizou o estudo da manifestação de elementos modalizadores e, nesse sentido, embora esta pesquisa se constitua de descrições iniciais e os comentários evidenciados sejam de cunho geral, entende-se que as análises empreendidas atingiram os objetivos propostos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTILHO, Ataliba.; CASTILHO, Célia. Advérbios modalizadores. In: ILARI, R. (Org.) **Gramática do português falado**. Campinas: Ed. Unicamp/Fapesp, 1992, v. 2. p. 213-260.

CERVONI, Jean. **A Enunciação**. [Trad. L. Garcia dos Santos]. São Paulo: Ática, 1989. p. 53-83.

CORACINI, Maria José R. F. **Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência**. São Paulo: Educ; Campinas: Pontes, 1991.

CORBARI, Alcione Tereza. **Um estudo sobre os processos de modalização estabelecidos pelo par “é + adjetivo” em artigos de opinião publicados no jornal Observatório da Imprensa**. Cascavel, 2008. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Educação, Comunicação e Artes. Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

_____; SELLA, Aparecida Feola. O par “é+adjetivo” como recurso de modalização: reflexões iniciais. **Língua & Letras**, Cascavel, v. 8, n. 15, 2º semestre, 2007, p. 259-273

DALL’AGLIO-HATTNER, Marize Mattos. **A manifestação da modalidade epistêmica: um exercício de análise nos discursos do ex-presidente Collor**. Araraquara, 1995. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista.

_____. Pesquisas em sintaxe: a abordagem funcionalista da evidencialidade. In: MASSINI-CAGLIARI, G. *et al* (Org.). **Trilhas de Mattoso Câmara e outras trilhas: fonologia, morfologia e sintaxe**. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2007, v. 12, p. 103-145.

DI FRANCO, Carlos Alberto. **O fascínio do jornalismo**. Disponível em: <http://www.consultoradifranco.com/index.php?mact=News,cntnt01,detail,0&cntnt01articleid=6&cntnt01lang=pt_BR&cntnt01returnid=53&hl=pt_BR>. Acesso em: 01 jul. 2009.

FIORIN, José Luiz. Modalização: da língua ao discurso. **ALFA – Revista de Lingüística**, São Paulo: UNESP, v. 44, 2000, p. 171-192.

HERNANDES, Nilton. **A mídia e seus truques: o que jornal, revista, TV, rádio e Internet fazem para manter e captar a atenção do público**. São Paulo: Contexto, 2006.

HOFFMANN, Dayane Gaio. **A modalização estabelecida pelo verbo *poder* em livro didático de história.** Cascavel, 2009. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Educação, Comunicação e Artes. – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

JORNAL LA NACIÓN. Disponível em: <<http://www.lanacion.com.py/>>. Acesso em: 11 abr. 2009.

KOCH, Ingedore Villaça. **Desvendando os segredos do texto.** 2.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Argumentação e linguagem.** 6. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **A inter-ação pela linguagem.** 3. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

LEITE, Ana Maria Paulino Comparini. **A modalização deôntica no discurso jurídico.** São José do Rio, 2002. Dissertação (Mestrado em Letras) Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Universidade Estadual Paulista.– UNESP.

LEMOS, André. Cibercidades: um modelo de inteligência coletiva. (Org.). **Cibercidade: as cidades na cibercultura.** Rio de Janeiro: E-papers, 2004. p.19-27.

MATSUMOTO, Aline. Ramires Moraes. **A modalidade epistêmica em transmissões jornalísticas ao vivo de extensa duração.** Maringá, 2008. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Estadual de Maringá – UEM.

NEVES, Maria Helena de Moura. A modalidade. In: KOCH, I. G. V. (Org.). **Gramática do português falado,** Vol VI: Desenvolvimentos. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1996, p. 163-199.

_____. **Texto e gramática.** São Paulo: Contexto, 2006.

NOBREGA, Maria Helena da. **Análise funcional de advérbios e adverbiais modalizadores no texto jornalístico.** São Paulo, 2000. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP – São Paulo.

NÚÑEZ, Salvador. **Semântica de la modalidade en latín.** Granada: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Granada, 1991.

PARRET, Herman. **Enunciação e pragmática.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

POLCHLOPEK, Silvana. Ayub. **A Interface Tradução-Jornalismo:** um estudo dos condicionantes culturais e de verbos auxiliares modais em textos comparáveis das revistas Veja e Time. Florianópolis, 2005. Dissertação (Estudos da Tradução- Teoria, Crítica, História da Tradução e Tradução Jornalística). Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC.

SELLA, Aparecida Feola; ROMAN, Elódia Constantino; BUSSE, Sanimar. Subentendido e preservação da face: do enunciado ao texto. **Temas & Matizes**, n. 6, v. 3, 2004, p. 89-93. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/temasematizes/article/viewPDFInterstitial/545/456>>. Acesso em: 05 jul. 2009.

VERA, Nicasio. **Caza de brujas.** Disponível em: <<http://anteriores.lanacion.com.py/noticias/noticias.php?not=243895&fecha=2009/05/04>>. Acesso em: maio. 2009.

VICENTI, Fernanda. **Predicado nominal em posição temática:** papéis modalizadores. Cascavel, 2007. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Educação, Comunicação e Artes. Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

ZANCHETTA JÚNIOR, Juvenal. **Imprensa escrita e telejornal.** São Paulo: UNESP, 2004.

ANEXOS

**ENUNCIADOS DOS TEXTOS SELECCIONADOS PARA A COMPOSIÇÃO DO
CORPUS**

Texto 1: *De la esperanza a la frustración en cien días* -7 de dezembro de 2008.

Vivimos épocas difíciles en el país. El gobierno del cambio no dio muestras hasta ahora de que realmente está impulsando una modificación en la forma de ejercer el poder. Al contrario, brindó pautas de enormes contradicciones que desdibujan la imagen del presidente Fernando Lugo.

En apenas cien días el país pasó de la alegría y la esperanza a una creciente frustración. En su evaluación el gobierno de Lugo puso énfasis en la lucha contra la corrupción y en la transparencia como los principales logros de su gestión. Pero, sólo el Ministerio de Salud Pública pudo demostrar con hechos concretos que algo realizó en estos primeros meses de mandato.

Igualmente, la Administración de Puertos destacó como un verdadero logro las pruebas de la corrupción en la institución, pero se quedó en eso pues no pudo demostrar mayor eficiencia en la gestión ni el gerenciamiento de la entidad.

Lugo se ufanó ante el país por estos logros. Pero, en la realidad, disfrazó elegantemente los desaciertos de su administración. Sabíamos de antemano que nada iba a ser fácil. Que la falta de cohesión de una alianza unida solo para desalojar del poder al Partido Colorado y, sin propuestas concretas y efectivas de planes de gobierno, tardaría en empezar a desandar el recorrido de los cinco años de gobierno.

Lo grave es que en menos de cien días quedó patente la enorme contradicción entre lo que se pregona y la realidad de las acciones. Citaré algunas que considero sumamente demostrativas de la actual situación del país.

1- Las constantes diferencias entre Fernando Lugo y Federico Franco. La relación entre el presidente de la República y su vice no fue ni remotamente buena desde el inicio mismo de la conformación de la dupla.

Son las principales autoridades del país pero no pierden oportunidad para desacreditarse mutuamente. Existe desconfianza entre ambos, no tienen el mismo objetivo sobre lo prioritario o importante para la Nación. Difieren totalmente en la visión país y no pierden oportunidad para descalificarse.

Lugo admitió no conocer perfectamente a su vicepresidente porque se unieron coyunturalmente para derrotar al Partido Colorado. Lo deja a un costado y hasta da a entender que la vicepresidencia es una carga para el país.

Marginado y constantemente relegado, a Franco no le queda más alternativa que aguantarse cinco años y apoyar a Lugo para no fracasar. De una buena gestión de este gobierno depende su posible candidatura presidencial para el 2013.

2- Las peleas y graves denuncias en Yacyretá. En la EBY impera una feroz lucha por el poder y el protagonismo entre componentes de los partidos integrantes de la Alianza. En las últimas semanas se acusaron, asesores de la entidad, consejeros y funcionarios, de cometer numerosas irregularidades, de falsificar firmas del director para adjudicar obras, hasta de recaudar unos 3 millones de dólares para la nueva corona.

Carlos Cardozo, director paraguayo de Yacyretá y su asesor político Roberto Paredes, de quien se dice es uno de los hombres de confianza de Lugo, están enfrentados a todos los consejeros de la entidad. El doctor Gustavo De Gasperi, consejero, calificó a Paredes de ser una víbora venenosa que puede incluso terminar conspirando contra Cardozo.

Ante las denuncias de algunos asesores y funcionarios despedidos Lugo no hizo absolutamente nada. ¿Lucha contra la corrupción, transparencia?

Además, hay que recordar que los directores de Yacyretá le hicieron firmar un decreto a Lugo por el que se reconocía y aceptaba todo lo que se había hecho en la entidad para levantar el embalse. Ante la furibunda reacción de un medio colega, Lugo se vio obligado a rehacer el decreto anulando el que había firmado. Hasta hoy no se sabe quiénes fueron los responsables de tal metida de pata.

La situación en Itaipú no es mejor. Recordaran que Lugo hizo de Itaipú el caballito de batalla de su campaña electoral. Logró vender el concepto de “causa nacional” a las reivindicaciones sobre mejor pago de la energía cedida al Brasil, la libre disponibilidad de la energía paraguaya, la coparticipación administrativa y la revisión de la deuda ilegítima, entre otros.

Sin embargo, el director administrativo, Gustavo Bogarín, supuesto hombre de confianza de Lugo en la binacional, acusó al director paraguayo de Itaipú, Carlos Mateo Balmelli de “figuretti” y de no hacer nada más que salir en los diarios para denunciar hechos de corrupción. Le trató de inútil a Mateo y aunque posteriormente le pidió públicas disculpas, sigue en el cargo. En cualquier país normal esta “sublevación” de un funcionario inferior es castigada con la destitución o es premiada con la cesantía de Mateo. Nada de eso ocurrió. Los dos siguen campantes en sus puestos. Resultado: la imagen de Mateo quedó desvalorizada ante los ojos de su par brasileño, los consejeros y los funcionarios de la entidad. Causa Nacional la Itaipú?

Lugo conforma la Comisión de Reforma Agraria pero no invita a los principales afectados de la situación de la tierra en nuestro país: los productores deja de lado a su compadre y ministro de Agricultura y Ganadería, Cándido Vera Bejarano. Se pueden encontrar soluciones de fondo sin participación de todos los sectores?

Los indígenas, sintierras y sin techos se movilizan casi diariamente causando caos y violencia en el campo y la ciudad. Son apoyados por instituciones y legisladores de este gobierno pero a la vez, estos grupos, son los que más rápidamente desgastan la figura del mandatario. La Policía de este gobierno debe reprimirlos para poner orden a tanto caos e inseguridad. Nadie entiende nada.

El viernes ocurrió lo que tanto se temía: la muerte de una persona que nada tenía que ver con un corte de ruta en Coronel Oviedo luego de recibir un balazo en el pecho. Nadie sabe de dónde vino el disparo mortal. La Policía asegura que no fueron ellos, los sintechos dicen lo mismo. Un muerto más por la intolerancia en el campo.

Da la impresión que existen sectores dentro del gobierno que quieren instalar la violencia. Y para ello cuentan con un aliado accidental, Fernando Lugo, quien sigue manejando este país conforme a su tiempo y sus plazos. Como si continuara siendo obispo y no presidente.

Texto 2: *El desconcertante Fernando Lugo* -14 de dezembro de 2008.

Es difícil entender a Fernando Lugo. Confunde, perturba, desconcierta, desorienta, despista con sus acciones y sus declaraciones. Sabe que mantiene una altísima estima de la ciudadanía y tantea, prueba, explora la reacción de la gente con sus decisiones o los hechos que generan sus allegados. Ataca a su principal aliado y sustento político como el PLRA afirmando que los liberales son iguales a los colorados, que solo quieren el poder para su propio beneficio y para actuar de la misma forma que lo hicieron durante 61 años los afiliados a la ANR.

Con sus comentarios desprestigia la imagen del partido que le reportó más del 80 por ciento de los votos que le llevó a la presidencia. Sorprendente.

No contento con ello, uno o dos días después desmerita el papel que cumple su compañero de fórmula, Federico Franco, como vicepresidente de la República y hasta se atreve a poner en duda la validez de la vicepresidencia como institución. Más aún, desafía con pedir la opinión de la gente sobre el tema y aventura que la mayoría le dará la razón. El Vicepresidente es nada más y nada menos que el presidente con permiso del Partido Liberal Radical Auténtico. No es un enemigo político sino el que dio el paso al costado para que él encabece la chapa presidencial. Con sus declaraciones le humilla públicamente y sondea así el impacto que tiene su propuesta. Pulsa el grado de receptividad o rechazo que tiene su idea. Evidentemente sus declaraciones no son realizadas al azar. Tiene un objetivo claro: desacreditar, denigrar, menoscabar la figura de Franco.

Además, sabe perfectamente que el vicepresidente no le enfrentará de manera pública porque corre el riesgo de ser acusado de boicotear o sabotear al presidente que tumbó al Partido Colorado del poder. Conoce las pretensiones de Federico con vistas al 2013 y entiende también que este necesita mantenerse en la cresta de la ola si quiere tener posibilidades en las internas de su partido.

Lugo estigmatizó a los liberales y descalificó a uno de sus principales líderes. Con un solo comentario dividió a los azules. Solo los allegados inmediatos a Federico se animaron tíbicamente a responderle. El resto de la dirigencia miró para otro lado, pues está más preocupada en mantener los puestos obtenidos en la función pública como para pensar en defender la figura del vicepresidente y la institución Vicepresidencia. No sea que por defender a Federico se pierda el cargo o el ministerio.

También esta semana su secretario general Miguel Ángel López Perito dijo públicamente que formaba parte del deseo del presidente convocar a una reunión de líderes de todos los partidos políticos y de los principales movimientos sociales para analizar la posibilidad de un llamado a Convención Nacional Constituyente con el objetivo de acordar la reforma de la Constitución y el urgente cambio de los miembros de la Corte Suprema de Justicia.

Evidentemente sus declaraciones no son realizadas al azar. Tiene un objetivo claro: desacreditar, denigrar, menoscabar la figura de Franco

Ante el rechazo de la propuesta, Lugo culpó a la prensa de forzar la interpretación de lo que dijo López Perito sobre acercar posiciones para llamar a una Constituyente. Descalificó a su secretario general en ese punto pero insistió en la necesidad de cambiar a los ministros de la Corte. Fue un nuevo testeó a una intención oculta? López Perito siguió un plan preestablecido con Lugo? O fue un error producto del entusiasmo del secretario general de la presidencia? Solo ellos lo saben, pero el hecho genera dudas.

MATEO E ITAIPÚ

Esta semana también nos enteramos por los diarios brasileños que el gobierno de Fernando Lugo había elevado una propuesta al gobierno del vecino país de reconocer solo el 3 por ciento de la deuda de la construcción de la represa de Itaipú. Propusieron los negociadores paraguayos que el Brasil se hiciera cargo del 97 por ciento de la deuda de 20.000 millones de dólares.

El jefe de los negociadores paraguayos Ricardo Canesse se molestó con sus pares brasileños por filtrar la información a la prensa. Debemos recordar que este gobierno busca consolidar la idea de que Itaipú es una causa nacional y que durante la campaña electoral, su caballito de batalla fue no reconocer la deuda de la binacional por espuria. Sin embargo, con la propuesta elevada a consideración de los brasileños se reconoce la validez de la deuda. El tema se manejó en el más estricto secreto. Tanto que ni el propio director paraguayo de la binacional estaba al tanto de la oferta. Carlos Mateo Balmelli se desayunó con la propuesta y no tuvo más remedio que reconocer que se sobrepasó su autoridad, pues ni enterado estaba del ofrecimiento. Cómo es posible que una propuesta de este tipo sea ajena al capo máximo del lado paraguayo? Existen dobles intenciones también en este tema? Lugo maneja dos agendas para la Nación?

Lamentablemente nos concentramos solo en intentar recibir mejor pago por la venta de nuestra energía y no planteamos políticas de mayor y mejor uso de la misma. Además, sigue siendo llamativo que el plan de reforma agraria sea presidido por el titular del Indert, Alberto Alderete, ideológicamente afín a Lugo, y no por el liberal ministro de Agricultura, Cándido Vera Bejarano, por ejemplo. Cuáles son las reales intenciones del Presidente en este tema?. Otra pregunta, por el momento, sin respuesta. Por qué insiste en la propuesta de la democracia participativa y califica de fracaso al modelo de la democracia representativa? Es una exigencia de su amigo Hugo Chávez para seguir apoyando a su gobierno? O necesita potenciar a los pequeños partidos y movimientos sociales para convertirlos en su base política? Así debe entenderse el nombramiento de los líderes de estos sectores en algunas Secretarías o ministerios?

Por ello, en los últimos días, nuestras discusiones se centraron, como lo dijo el amigo Tony Carmona, en temas que muchos países superaron hace más de 200 años, como el hombre y la tierra; o más de un siglo, como la lucha de clases. Muchas incógnitas que no tienen respuesta por el momento. Tal vez, algunas empiecen a ser develadas mañana y pasado después de la protesta de los sectores productivos del país. Si no logran una importante convocatoria, Lugo acelerará su proyecto oculto. Si por el contrario, existe fuerte apoyo en la protesta, el mandatario desacelerará su plan y necesariamente tendrá nuevos interlocutores para el diálogo que propone.

LUGO NO AVANZA, LA SOCIEDAD SE APLAZA

Cuestionamos al gobierno por su pasividad para hacer cumplir las leyes del país, pero estamos dispuestos a vivir dentro de la legalidad y la formalidad? Durante estos cien días hemos hecho nuestro mejor esfuerzo para vivir conforme a la Constitución? Es positivo que exijamos responsabilidad a nuestras autoridades, pero estamos dispuestos a ser igualmente responsables como ciudadanos?

Texto 3: *Gobierno y Congreso, responsables de la crisis* - 15 de febrero de 2009.

Estamos en crisis. Empezaron los despidos y cierres de fábricas y empresas en nuestro país. Solo durante el mes de enero se duplicó el total de empleados despedidos durante los doce meses del 2008. Según los líderes sindicales, que citan a fuentes del Ministerio de Justicia y Trabajo, cada dos días se reciben en la oficina del Trabajo pedidos de paros temporales de actividades en empresas, comercios o fábricas, o de cierres definitivos de negocios porque ya no son rentables en estos momentos. Esta situación se produce a partir de este año.

Estamos en crisis. Los planes del Gobierno para enfrentar la coyuntura mundial se mueven a paso de tortuga. Las recomendaciones de los pocos y respetados técnicos y economistas que tenemos en el Paraguay no son escuchadas ni atendidas cuando refieren que urge adoptar medidas concretas, efectivas y rápidas para que el impacto de la recesión mundial no nos golpee tan duramente.

Obviamente los problemas financieros, originados en los Estados Unidos y rápidamente extendidos a las grandes potencias mundiales, estallaron en la cara de los administradores de este Gobierno. Demostraron no estar preparados para reaccionar con diligencia y prontitud en defensa de nuestra economía. Fueron pillados de sorpresa y tardaron en reaccionar.

Cuando se dieron cuenta ya los productos agrícolas y cárnicos de exportación se habían reducido considerablemente de precios en el mercado internacional. Las remesas enviadas por los paraguayos en el exterior también habían disminuido considerablemente en cantidad lo que automáticamente mermó el consumo de las familias que dependen de estos envíos para sobrevivir dignamente.

Al mismo tiempo, aumentaron los precios de insumos indispensables para el cultivo y llegó la sequía con sus funestas consecuencias para todo el sector productivo del país. Menos rendimiento por hectáreas de los productos de exportación y de autoconsumo son las consecuencias. Como si faltaran problemas, el ingreso aduanero disminuyó en más del millón de dólares diarios, según los datos, en los últimos días.

Se intentó responder a la crisis, en octubre del año pasado, con la reducción del encaje legal y la disminución de la tasa de interés de los instrumentos de regulación monetaria. Medidas acertadas, hay que reconocerlo, pero insuficientes para enfrentar la crisis.

Los sectores que mueven la economía también advirtieron a las autoridades de este gobierno sobre la necesidad de apurar otras medidas que evitaran el paro en la concesión de créditos de bancos y financieras. Estas entidades lograron increíbles ganancias en el 2008, pero aumentaron las tasas de interés y las exigencias para conceder préstamos o refinanciar las deudas ya contraídas.

No se les puede pedir solidaridad porque ese no es su negocio y además los fondos que tienen no son propios, sino de sus clientes y ahorristas. Pero es allí donde debe intervenir el Estado para garantizar a bancos y financieras que sus recursos estarán seguros a través de una firme asistencia en casos de necesidad. El objetivo debe ser evitar que el consumo disminuya y la circulación del dinero se restrinja.

En cuanto a los programas de inversiones públicas y de generación de empleos la terrible burocracia estatal no permite que estos planes tengan rápida vigencia. En situaciones de crisis se necesitan medidas audaces y el coraje necesario para aplicarlos y ejecutarlos. Recién la última semana, luego de casi tres meses de pedidos de auxilio, el Gobierno reconoció la necesidad de elaborar una ley de emergencia que evite la excesiva burocracia y permita la rápida toma de decisiones para iniciar las obras públicas en el menor tiempo posible.

EL CONGRESO ES UNA VERGÜENZA

Ahora bien, la responsabilidad de las medidas a ser tomadas para enfrentar la crisis no es exclusiva del Poder Ejecutivo. También el Parlamento Nacional debe jugar su partido y

ponerse la camiseta paraguaya. Hasta el momento, este Congreso ha demostrado ser una verdadera vergüenza y sigue dando motivos a los pequeños grupos para pedir su disolución.

Si cuestionamos la falta de celeridad del Ejecutivo para enfrentar la crisis no podemos menos que criticar la falta de tino, de inteligencia, de ubicación de la mayoría de los integrantes de este Parlamento.

Solo es posible en gente irresponsable y sin la menor idea del mundo en que vive priorizar las vacaciones antes que seguir sesionando para acelerar el estudio de las leyes que necesitan de su aprobación para entrar en vigencia. El Congreso debería tener una comisión de crisis que trabaje con el Gobierno para simplificar los pasos que se deberían tomar en estas especiales circunstancias.

Pero, es mucho pedir a gente irresponsable, sin luces e inteligencia, pensar en el país. Ellos están para satisfacer las necesidades de sus clientes, grupo, movimiento o partido. El resto solo está en el momento de pedir votos. Claro que existen excepciones en el Congreso de gente que trabaja y apuesta al país pero, por el momento, son los menos y no tienen mayor incidencia, lamentablemente.

Con los partidos políticos tampoco se puede contar. Sus líderes están enfrascados en sus luchas internas o en el cuoteo para integrar la Corte Suprema de Justicia. Por último, Fernando Lugo debe empezar a gobernar el país como presidente y no como obispo. El Paraguay no es una vicaría o un obispado. Ya no debe permitir que gente de su entorno use su nombre para hacer negocios a costa de las empresas del Estado.

En Petropar un excelente profesional y conocedor del negocio del combustible, Cíbar Granada, renunció porque personas cercanas al Presidente, como Hermes Rafael Saguier, intentaron obligarle a tomar medidas fuera de su voluntad.

Saguier dijo que trató de evitar que se perjudicara al gobierno de Fernando Lugo y a una empresa naviera “amiga” multada por la gerencia de la entidad y a la que no se otorgó flete durante el mes de enero. En realidad, lo que intentó evitar es que el negocio del flete no le fuera adjudicado a la empresa de la cual es el abogado.

También, es hora que Lugo aprenda a escuchar a sus asesores y entienda que debe gobernar de acuerdo a la Constitución y las leyes. Su reunión con tres ministros de la Corte Suprema de Justicia a escondidas y violando la Carta Magna fue una demostración de su poca preparación como estadista. Y que no se olvide de controlar con su ministro de Hacienda qué está ocurriendo en Aduanas.

En resumen: la crisis ya está en Paraguay, las medidas ya fueron presentadas. Si Lugo prioriza la renovación de la Corte y los legisladores sus intereses personales o de grupo serán los principales responsables de una mayor pobreza en el país y de todo lo que ello conlleva.

Texto 4: *La falta de liderazgo de Lugo ya es preocupante* - 22 de febreiro de 2009.

Estamos viviendo tiempos de confusión en el país. Tiempos peligrosos donde los eternos manipuladores de la verdad se disputan el control absoluto del país alejados de la crisis que vive el pueblo y el mundo. Vivimos una época de postergaciones y necesidades insatisfechas, de demandas desatendidas, de abusos no corregidos, donde el tiempo, el tesoro más valioso que poseemos, lo desperdiciamos en luchas tribales, mezquinas y sin sentido.

Vivimos en absoluto desconcierto, donde el desorden y la anarquía constituyen la norma de convivencia. Nuestras autoridades nos mienten día a día. Y no se ruborizan para nada. Están acostumbrados a mentir, a justificar lo injustificable, a cambiar de posición y postura de acuerdo al lugar que ocupan circunstancialmente en la estructura de poder. En la llanura u oposición, críticos fervientes de la intervención del Poder Ejecutivo en el manejo de la Corte Suprema de Justicia o en la Justicia toda. Hoy, esos mismos son fanáticos cuasi religiosos de la intromisión de Lugo y la Alianza en la conformación de la Corte. Intentaron llevar a juicio político a Duarte Frutos por su ingerencia en la Justicia pero ahora callan, justifican o simplemente se hacen los desentendidos cuando el presidente Fernando Lugo se reúne con 3 miembros de la Corte, prácticamente a escondidas.

Increíblemente, los fanáticos críticos de antaño, hoy ya como oficialistas, no vieron con malos ojos este encuentro y por el contrario indicaron que demuestra la preocupación de Lugo por la renovación de la Justicia. Otra metida de pata del gobierno que obliga a los asesores (¿) dar explicaciones que ni ellos mismos creen.

Como si fueran pocos los problemas, la mayoría de la Corte Suprema de Justicia declara inamovible a la doctora Alicia Pucheta de Correa hasta los 75 años a través de una medida administrativa, quitándole la posibilidad a la Cámara de Senadores y al propio Lugo de intervenir en la cuestión. Con esta decisión se abren las puertas para que otros magistrados de la Corte logren también su inamovilidad.

Los senadores liberales pegaron el grito al cielo y afirmaron que desconocerían la resolución del máximo tribunal de nuestro país. Es decir, intentarán convertir a la Cámara de Senadores en una instancia superior a la propia Corte Suprema.

Promoverán un conflicto de poderes para forzar algo que a gran parte de la población le tiene sin cuidado en este momento pues sus prioridades son absolutamente otras.

FALTA LIDERAZGO EN EL EJECUTIVO

¿Por qué llegamos a esta situación de crisis y anarquía en el país? Creo que fundamentalmente por falta de liderazgo del Poder Ejecutivo, por errores en la priorización de los temas enfocados durante estos seis primeros meses de gobierno y por la escasa capacidad para aglutinar y consensuar que demuestra el gobierno y la Alianza para el Cambio. Vayamos por parte. En estos meses de gobierno Fernando Lugo demostró su absoluta soledad en el poder. El ex obispo no tiene una base política propia que le sustente y le acompañe en sus proyectos o iniciativas. Su conocida antipatía hacia los partidos políticos le llevó a mantener conflictos permanentes con su vicepresidente, Federico Franco, titular con permiso del PLRA. Antes que consensuar o acordar programas para lograr el apoyo de los liberales, se encargó de humillar a Franco y se alió al sector opositor de los azules.

No estableció puentes con el Congreso ni intentó dialogar con los líderes de los partidos con representación parlamentaria para consensuar la aprobación de las leyes que considera fundamentales para la transformación del país. Hoy, a seis meses de gestión, la situación que vive el país y el mundo le devolvieron a la realidad. Ahora cambian los discursos y ya se habla de convocar a los líderes de todas las bancadas del Congreso para establecer nuevas prioridades.

Lugo no tiene base y si pensaba contar con los sindicatos, campesinos, sectores sociales y grupos de izquierda para armar su propio partido político se equivocó. Hoy muchos de estos sectores se empiezan a manifestar pero en contra de las políticas de este gobierno.

El mandatario y sus asesores también se equivocaron al poner en el primer punto de la agenda de su gobierno la renovación de la Corte Suprema y la lucha contra la corrupción. No porque sean temas menores, al contrario son fundamentales, pero para la mayoría de la población, para el común de la gente no constituyen una prioridad ni algo fundamental.

PRIORIDADES EQUIVOCADAS

Si la soberbia no les dominara, Lugo y sus asesores se darían cuenta que en todas las encuestas realizadas hasta ahora las prioridades de la gente son: la inseguridad, el empleo, la solución del problema campesino, la defensa y el respeto de la propiedad privada, la educación y la salud.

Estos son los temas que afectan directamente a la gente y que preocupan a la gente. La corrupción y la renovación de la Corte no figuran entre las prioridades de los que le votaron. La crisis golpea las puertas de los más humildes y el desempleo se sentirá con mayor fuerza en el sector productivo y en las fábricas. Si la soberbia no les dominara, Lugo y sus asesores se darían cuenta que en todas las encuestas realizadas hasta ahora las prioridades de la gente son: la inseguridad, el empleo, la solución del problema campesino, la defensa y el respeto de la propiedad privada, la educación y la salud.

Estos son los temas que afectan directamente a la gente y que preocupan a la gente. La corrupción y la renovación de la Corte no figuran entre las prioridades de los que le votaron. Para esta gente, que Alicia Pucheta sea o no inamovible en la Corte es secundario e intrascendente. Le importa un comino que Emiliano Rolón reemplace a Wildo Rienzi o que ni siquiera sea considerado.

A esta gente le importa cómo preservar el empleo que tiene actualmente, cómo completar las comidas mínimas para alimentar a la familia, cómo comprar los útiles escolares y qué milagros realizar para que completen el año escolar. Estas personas deben rezar para que nadie se enferme en la familia pues será difícil costearse los medicamentos.

En cuanto a la corrupción, terminará devorándolo como lo hizo con Nicanor Duarte Frutos. En menos de seis meses de gestión podemos recordar las denuncias de cobros para “la nueva corona” en Yacyretá, que ni siquiera fue investigado y fue denunciado por consejeros de la Binacional. También las denuncias de injerencias de los “amigos” del presidente en las licitaciones de juegos de azar o las presiones para la concesión de fletes a empresas vinculadas también al círculo áulico de Lugo en Petropar.

O las entregas de semillas sin ningún tipo de control también por Yacyretá y que le costó el cargo al director del Senave. La corrupción le puede explotar en la cara al Presidente, por lo que sus asesores deberían recomendarle que se fije en las prioridades de la gente y no en las de sus amigos.

Finalmente, la mayor conspiración contra este gobierno se realiza en su interior y se llaman ineptitud y falta de liderazgo.

Texto 5: *Los errores se perdonan, las mentiras no* - 8 de marzo de 2009.

No despegamos, no levantamos cabeza. No aprendemos las lecciones que nos brinda la historia. No corregimos nuestros errores, al contrario, somos proclives a repetir las mismas faltas, nos tropezamos en innumerables ocasiones con la misma piedra y hasta parecería que somos un país de masoquistas que disfruta con sus caídas, resbalones, descuidos u omisiones.

El gobierno de Fernando Lugo se encuentra desorientado, extraviado, sin rumbo. Es bueno que hasta los obispos del país por fin hayan percibido que estamos camino a la anarquía debido a la falta de una firme conducción de la República.

Los errores cometidos en los últimos tiempos son muy llamativos e inexplicables. El discurso del cambio se está convirtiendo en un “boomerang” para el mandatario y la Alianza. Y el tiempo de la paciencia se está agotando.

La gente necesita saber qué rumbo va a seguir el ex obispo. Es imperativo que defina su norte para que todos sepamos a qué atenernos. No puede seguir cometiendo disparates, burradas a cada paso y tratar de ocultar o disfrazar su responsabilidad cargándolos en otros. La gente puede disculpar las equivocaciones o las distracciones de Lugo, y puede entender sus despistes o resbalones, pero ya está harta de las mentiras y el engaño. Había prometido terminar con el secretismo, pero sus últimos actos tienen el vicio del ocultamiento.

Reincorporar al Cnel. Lorenzo Benítez Liseras a las Fuerzas Armadas tras haber sido condenado a 4 años de prisión por contrabando en la Argentina fue un terrible error. Antes que asumirlo como tal, Lugo prefirió echar el fardo de la culpa en las espaldas del Tribunal de Justicia Militar.

Hizo la de Pilatos, se lavó las manos por la aberración cometida, pero no contó con que el presidente de la Justicia Militar, Cnel. Pedro López, iba a tener la decencia y el coraje de aclarar que esta institución castrense no tuvo participación de ninguna clase con la decisión de reintegro del militar al servicio activo.

Resultado: cada vez resulta menos creíble y confiable la explicación del mandatario. De haber reconocido inmediatamente el error y enmendarlo rápidamente las críticas no hubieran dañado su imagen. Es que el ciudadano común sabe que Lugo no se preparó para gobernar un país ni está preparado para administrarlo adecuadamente, pero sigue confiando, a pesar de sus metidas de pata, en su honestidad y en sus valores aprendidos y consolidados durante su preparación como sacerdote de la Iglesia Católica.

LUGO NO ES EL MESÍAS

La gente común sabe que el Presidente no solucionará todos los problemas heredados de 60 años de corrupción, clientelismo, prebendas, privilegios para unos pocos y exclusión de la mayoría. Sabe que no convertirá al Paraguay en un paraíso en cinco años ni cambiará la situación de pobreza de muchos paraguayos, pero confió en que por lo menos no repetiría los mismos errores del pasado y tomaría decisiones que demostrarían su verdadero interés en luchar contra los males citados.

Pero, sus constantes errores, sus incoherencias, su doble discurso, su falta de liderazgo en su entorno más cercano, sus peleas con el vicepresidente Federico Franco, su falta de control de las actividades de su propia familia, han ido menguando su imagen rápidamente. Sus amigos y allegados usan su nombre para realizar negocios con el Estado pero él solo se limita a aclarar que nadie está autorizado a usar su nombre para el efecto y ni siquiera exige una investigación de estos hechos denunciados públicamente. Y la lucha contra la corrupción no involucra a sus amigos?

Sus enemigos políticos, colorados y oviedistas, dispuestos siempre a la conspiración, ya advirtieron las debilidades del jefe del Ejecutivo y operan en magnificar sus errores. Saben que nunca tuvo el control de la Alianza ni es capaz de satisfacer las necesidades postergadas de sus socios, los liberales. Saben que “el cambio” vendido a la gente no se opera de la noche a la mañana y empiezan a jugar con la frustración de la gente.

A los líderes de estos partidos no les interesa el país ni lo que pasa con la gente. A ellos les mueve su sed de poder. Siempre fue así. Por eso no acudieron a la convocatoria para analizar el plan anticrisis y por eso pondrán trabas a todos los proyectos enviados por el Ejecutivo.

Colorados y oviedistas buscan el fracaso de Lugo. En sus discursos públicos dirán que acompañarán aquellos proyectos que buscan el bienestar del pueblo en el Congreso, pero operarán en sentido contrario hasta forzar los plazos y tener mayor capacidad de negociación ante el Ejecutivo.

Colorados y oviedistas son lobos al acecho de nuestra democracia, no todos ciertamente, pero sí sus principales líderes. Lo triste es que Lugo y sus asesores pareciera que le hacen el juego con sus constantes errores.

LA CRISIS DEBE SER PRIORIDAD

La prioridad de este gobierno debe estar enfocada en planes para enfrentar la crisis financiera nacional y mundial. Rápidamente todos los ingresos del Estado disminuyen de manera alarmante. Y como antes, no se cuentan las verdaderas cifras. El ingreso aduanero cayó vertiginosamente, las remesas del exterior se redujeron drásticamente, el desempleo crece a pasos agigantados, la producción agrícola fue la peor de las últimas décadas por la sequía y la crisis internacional.

Las ventas también cayeron de manera estrepitosa y el consumo se resiente. Estamos en las puertas de la recesión. Los créditos se restringieron, las refinanciaciones no se negocian, las tasas de interés de bancos y financieras siguen altas, no hay obras públicas en ejecución, sino próximas a ejecutarse.

El tema del aumento salarial no es definido por Lugo a pesar de que su ministro de Hacienda, Dionisio Borda, le envió un mensaje claro en el sentido de que este no es el momento oportuno para hacerlo. Este es el principal compromiso de Lugo y su gobierno. Liderar un proceso de desarrollo a pesar de la crisis que vive el país.

Es positivo que los pesos pesados del empresariado nacional se hayan reunido con Lugo, Borda y el presidente del BCP. Así como es positivo el trabajo que viene realizando Federico Franco acompañando el esfuerzo de Borda en debatir el plan anticrisis. Y si realmente quiere combatir la corrupción debe exigirle a los directores de las binacionales una investigación exhaustiva para saber dónde fueron a parar los 10.000 millones de dólares que la Itaipú ya entregó a Paraguay desde los 80 hasta la fecha, y por qué Yacyretá es llamado monumento a la corrupción.

Finalmente, Lugo debe saber que los errores pueden ser perdonados, pero las mentiras no.

Texto 6: *Política “a la paraguaya” nos mata* -15 de marzo de 2009.

Un nuevo golpe ha recibido el alicaído y debilitado gobierno de Fernando Lugo el pasado jueves en el Senado de la nación, cuando una mayoría de legisladores colorados y aliancistas aprobó el subsidio a las personas de la tercera edad, a partir de los 65 años. Entraría en vigencia a partir del año próximo, según la sanción de la Cámara Alta, y significará una sangría realmente importante a las arcas del Estado desde el momento de su entrada en vigencia. La situación actual del país no está para seguir otorgando subsidios y, a pesar de los ruegos del ministro de Hacienda, Dionisio Borda, para posponer el tema, el proyecto recibió la sanción correspondiente.

En términos económicos significará un aporte extra importante a desembolsar mensualmente y que con el correr de los años se irá incrementando progresivamente. Esta decisión se toma en momentos en que el ingreso del Estado se reduce dramáticamente en Aduanas, Puertos y Tributación como consecuencia de nuestra ineficiencia y de la crisis que atraviesa el mundo.

¿Cómo debe interpretarse esta decisión del Senado? Es difícil precisarlo. Los colorados y oviedistas están en su papel de opositores y como tal deben hacer lo posible por hacer fracasar este gobierno. Esta política “a la paraguaya” no admite que la oposición pueda colaborar con el gobierno de turno para sacar adelante al país.

Por lo tanto, si nos atenemos a este concepto, colorados y oviedistas harán todo lo posible por hacer fracasar a Lugo y la Alianza y aprobarán proyectos y planes que puedan servir para agudizar la crisis de gobernabilidad.

Nicanor Duarte Frutos, Lino Oviedo, Luis Castiglioni, las cabezas visibles de la oposición, saben que este gobierno no tiene una conducción firme y decidida, y saben que estamos más cerca de la ingobernabilidad que de la estabilidad.

BOLSA DE GATOS

La Alianza se convirtió en los últimos tiempos en una verdadera bolsa de gatos. Los partidos integrantes del gobierno se encuentran abocados a una desesperada carrera por ocupar cargos y obtener negocios a costa del Estado.

Nicanor Duarte Frutos, Lino Oviedo, Luis Castiglioni, las cabezas visibles de la oposición, saben que este gobierno no tiene una conducción firme y decidida, y saben que estamos más cerca de la ingobernabilidad que de la estabilidad.

País Solidario, prácticamente, no tiene peso en el gobierno y los pocos que ocupan cargos importantes también tienen profundas diferencias. El movimiento del ministro del Interior, Rafael Filizzola, es ambiguo. Mientras el secretario de Estado intenta justificar los desaciertos de su jefe, su esposa, la diputada Desirée Masi, marca con sus críticas a los errores que comete este gobierno.

Para complicar aún más la situación, los movimientos sociales, que esperaban sacar tajadas con Lugo como presidente, no consiguen sus objetivos. El aumento salarial a obreros quedó postergado, el dinero fácil para la compra de propiedades privadas y construcción de casas populares no aparece, por lo que crecen las voces de protesta y enojo de los líderes de movimientos de campesinos sin tierras y sin techos.

Por el momento, las críticas se orientan principalmente contra el ministro Dionisio Borda y los demás ministros del Ejecutivo. Pero es solo cuestión de tiempo para que los cuestionamientos también alcancen al ex obispo.

Se le terminan las excusas y los argumentos a Lugo y su gobierno para justificar la inacción que se vive en el país. El mandatario debe “gobernar” el país y para ello necesita concertar acuerdos, establecer consensos con los partidos políticos y el Congreso para salir de este atolladero.

Eso implica accionar para que ello ocurra. Significa que debe tomar las riendas del poder y empezar a visitar a todos aquellos que participan en las decisiones del Estado. No

puede seguir mirando para otro lado y culpando a los 60 años de desgobierno colorado, mientras la crisis económica empieza a hacer estragos en el país.

Tiene la ventaja, según criterio de los técnicos del Banco Mundial, Fondo Monetario Internacional y del Banco Interamericano de Desarrollo, que el gobierno del vapuleado Nicanor Duarte Frutos -contra la opinión de muchos- dejó una economía saneada y con mejores perspectivas para enfrentar la crisis que muchos países de la región.

Pero, ojo, de persistir en los errores, los fondos de Hacienda desaparecerán rápidamente, las recaudaciones seguirán cayendo, las reservas disminuirán, el desempleo crecerá, la falta de trabajo aumentará y volveremos a tener en el horizonte el peligro del “default” o quiebra del Estado.

LA SOLEDAD DEL PODER

Lugo hoy se encuentra en la más absoluta soledad. No supo operar para tener su grupo de apoyo político. Los liberales no asumirán el fracaso de su gestión, más aún después de tantos años en la llanura. Es una de las razones por las que un grupo de senadores, entre ellos algunos franquistas, asumió una posición más crítica y no garantiza sus votos a los pedidos o proyectos que el Ejecutivo pueda enviar al Congreso.

Solo los sectores de los ministros liberales Blas Llano, Efraín Alegre, Cándido Vera Bejarano, Carlos Mateo Balmelli, el gobernador José “Pakova” Ledesma siguen brindándole un apoyo más decidido.

Los citados resolvieron, por el momento, convertirse en meros agentes burocráticos de este gobierno, pero ante la inminencia del proselitismo abandonarán el barco y jugarán su propio partido. Hasta entonces disfrutarán de las mieles del poder y los privilegios y seguirán colocando a sus correligionarios en la nómina del Estado o las binacionales y estableciendo relaciones, sobre todo económicas, que puedan apoyar sus respectivas candidaturas en un futuro cercano.

Además, en la medida que la inacción persista no sería impensable que hasta el propio vicepresidente Federico Franco optará por presentar su renuncia, tal como lo hiciera en la Argentina Carlos “Chacho” Álvarez, durante el gobierno de Fernando de la Rúa. Es que nadie quiere quedar pegado al fracaso para que le persiga como un estigma durante toda su vida política.

En resumen, es evidente que la actual clase gobernante es igual a la que se fue. El cambio es solo discurso. En la acción no existe. A pesar de algunos ilusos que ponen sus mejores esfuerzos en la administración de ciertas instituciones, el sistema de corrupción imperante termina devorándolos. Lastimosamente, para el país y su gente esta política “a la paraguaya” nos mata.

Texto 7: *El desgobierno de este gobierno- 5 de abril de 2009.*

Es difícil saber qué pasará con el subsidio a los sesameros de San Pedro. Nadie hasta el momento ha podido encontrar una salida decorosa a un compromiso asumido por el presidente de la República, Fernando Lugo, por encima de las recomendaciones de su propio ministro de Agricultura y Ganadería. Y ninguno de los “asesores” presidenciales pudo acertar en un plan que evite que el mandatario sea criticado por la apresurada decisión tomada en favor de su compadre José “Pakova” Ledesma o sus compañeros o camaradas liderados por Elvio Benítez.

Tan mal se manejó este tema que ya han pasado casi dos semanas desde el anuncio del acuerdo para subsidiar con 8 millones de dólares a los sesameros amigos del gobernador de San Pedro, y hasta hoy es un misterio la resolución que tendrá el caso.

Es obvio que a Fernando Lugo le hicieron notar que se equivocó en asumir un compromiso sin estar suficientemente informado del alcance que tendría y las repercusiones que podría acarrearle en un futuro cercano. Ese es el único motivo por el que aún, hasta el momento de escribir este comentario, no existe el famoso decreto en favor de sus amigos. Pero el hecho desató una verdadera ola de disgustos, confrontaciones, aclaraciones, desmentidos, entre los propios asesores del mandatario. El secretario general de la Presidencia, Miguel Ángel López Perito, dijo que era inminente la firma del decreto y que solo faltaban pequeños detalles a ser corregidos. Sin embargo, antes de que se cumplieran 24 horas de dichas afirmaciones, el doctor Emilio Camacho, asesor jurídico de la Presidencia, aseguraba que el mentado decreto ni siquiera había sido confeccionado.

Sorpresa, estupor. ¡Claro! ¿Cómo es posible que dos de los hombres de mayor confianza del Presidente no supieran exactamente qué es lo que estaba pasando con las negociaciones? López Perito es el negociador político de Lugo y el que trata de articular y compaginar las necesidades de los sectores sociales que apoyan al mandatario con los recursos que dispone el Estado.

Pero Camacho, además de político, es un gran conocedor del derecho y sabe las implicancias que puede acarrear un decreto mal confeccionado y de contenido ilegal o inconstitucional. Por eso, aclaró que el decreto ni siquiera estaba confeccionado. Con ello también otorgó mayor tiempo a los negociadores para analizar otras soluciones y satisfacer las demandas de los involucrados sin perjudicar al Poder Ejecutivo.

INACCIÓN MATA ESPERANZA DE LA GENTE

El tema de los sesameros es apenas un botón de muestra de la situación de ingobernabilidad que se vive en el propio entorno del gobierno de Fernando Lugo. Y es una demostración de la ineptitud y la ineficiencia que demuestra el jefe de Estado para lograr consensos y acuerdos entre los propios sectores que integran la Alianza.

Lugo debe tomar medidas tendientes a lograr la gobernabilidad que no pudo tener desde que asumió el pasado 15 de agosto. Su inacción e incapacidad están matando las esperanzas de la gente. No se puede gobernar un país sin definir un rumbo a seguir ni se puede complacer o dar el gusto a todos los sectores sociales o políticos del país.

Cada decisión que se tome necesariamente va a favorecer a algunos grupos o sectores y, probablemente, perjudicar a otros, pero la indefinición es fatal para el país y la gobernabilidad.

Lugo tiene en la Alianza a sectores llamados progresistas y ultraconservadores. Tiene a grupos que ya están inmersos en mejorar sus posiciones con vistas al 2013 y poco o nada les importa lo que acontezca en y con la República. Es difícil, por no decir imposible, gobernar con fracciones que tienen visiones totalmente opuestas y contradictorias de lo que se debe hacer por un país.

Pero lo grave del Presidente es que no define cómo gobernar. No logra consensos y termina dividiendo a la Alianza. Este gobierno no tiene como prioridades las necesidades de la gente. Y reitera los mismos vicios de los gobiernos colorados.

Cada día que transcurre salta al tapete un nuevo hecho que significa un retroceso y es un puñal a la fe que la gente puso en este gobierno. El acomodo de familiares, amigos y amantes sigue siendo una constante en este proceso.

La capacidad y la idoneidad son una exigencia para los que no tienen padrinos o amigos en el poder. Los cargos de confianza son usados como excusas para instalar a toda la familia o a los correligionarios en la nómina del Estado. Mientras miles de compatriotas padecen la falta de empleo, sufren la falta de seguridad y se angustian por el escaso nivel de preparación de sus hijos o se fastidian por la falta de atención médica, un nuevo grupo de privilegiados copa los espacios dejados por los colorados. ¿El cambio prometido? Bien, gracias.

PARTIDOS NO ACOMPAÑARÁN FRACASO

En esas condiciones, Lugo debe tener en cuenta que ni el PLRA, Tekojoja, P-Mas, Encuentro Nacional o la Democracia Cristiana le acompañarán hasta el final. Los hoy divididos liberales, aún aquellos identificados como luguistas, no acompañarán un fracaso, mucho menos el franquismo que ha sido dejado de lado por el propio mandatario.

Efraín Alegre y Blas Llano juegan su propio partido. Como senadores poco o nada iban a incidir en sus proyectos políticos, pero como ministros del Poder Ejecutivo con recursos y poder tienen allanado el camino para conseguir adeptos y votos con vistas al futuro. Lo mismo pasa con Carlos Mateo Balmelli, que evidentemente ha establecido lazos con políticos de su partido mediante el empleo y negocios en Itaipú de allegados al gobernador de San Pedro, por ejemplo.

Si hiciéramos un rápido repaso a la historia reciente de nuestro continente y comparáramos gobiernos de países vecinos nos daríamos cuenta que, lastimosamente, el gobierno de Fernando Lugo es cada vez más parecido al del argentino Fernando de la Rúa. Estos son detalles que Lugo, sus asesores y la Alianza deberían tener en cuenta. Si sigue este sendero de ingobernabilidad, de errores, de desmentidos y aclaraciones, de desatención de las necesidades más perentorias de la gente, cada vez serán más fuertes las voces de los críticos al gobierno.

Tal vez el problema de los sesameros se solucione con una atención a todos los sectores productivos afectados por la sequía o la crisis económica mundial. De esta manera, los amigos de Lugo serán beneficiados, pero por extensión todos los sectores productivos serían igualmente atendidos.

Mientras esto acontece con el gobierno de Lugo, existen otros sectores esperando más errores, disfrutando de las fallas, acechando por descuidos y gozando de los deslices del nuevo gobierno. Son los que prometieron gobernabilidad, seguridad, tranquilidad, empleo. Tienen nombre y apellido. Son los lobos que acechan nuestra democracia. Pero a los que los pueblos suelen acudir en auxilio cuando lo que tienen no satisface sus necesidades más elementales. Además, no tienen que esperar cinco años si las cosas no varían sustancialmente.

Texto 8: *Los problemas de Lugo no deben afectar al Estado*- 26 de abril de 2009.

Vivimos una situación de crisis de gobernabilidad en el país. La desordenada vida del presidente de la República obliga a tomar determinaciones sobre la marcha para intentar sepultar o apagar los escándalos de su vida amorosa y la aparición de nuevas denuncias de paternidad. Lo que temían sus más cercanos colaboradores empieza a ocurrir: la revelación de la verdadera personalidad de una persona que vendió la imagen de honestidad, transparencia, moralidad para cautivar a cientos de miles de paraguayos que le dieron su total apoyo para conducir los destinos de un país asolado y vaciado moral y económicamente por gavillas de colorados durante los últimos 60 años.

Esa personalidad desconocida para la mayoría de los paraguayos aflora ante cada nueva acusación de jóvenes mujeres que mantuvieron relaciones sentimentales con el mandatario cuando éste era obispo de la Iglesia Católica. Lugo llegó a ser un “príncipe” en la jerarquía eclesiástica y no pudo controlar sus instintos. Al contrario, con absoluta conciencia hizo uso y abuso de su condición de sacerdote para seducir a jovencitas, casi niñas, durante años, burlando un juramento que él mismo se comprometió a respetar y honrar.

Lugo mintió a la Iglesia Católica como muchos otros miles de sacerdotes y obispos a lo largo de los años de existencia de la institución. Contó con la complicidad tácita y cobarde de parte de la jerarquía de nuestra Iglesia y manifiesta connivencia de la otra parte para callar y ocultar los datos de su verdadera vida.

Resulta obvio que Lugo no solo sedujo a sus amantes. También sedujo a miles de paraguayos que le entregaron su esperanza y su fe de manera incondicional. Colorados, liberales, independientes, izquierdistas, conservadores, reaccionarios, progresistas, jóvenes, adultos, ancianos, votaron por el otro Lugo. El que les prometió el cambio, el que les prometió la transparencia, el que les prometió una decidida lucha contra la corrupción y la impunidad.

Votaron por el que les prometió honestidad. Votaron por el que les dijo que las prácticas corruptas de los colorados se acabarían. Eligieron al que prometió mejorar sus condiciones de vida, sin embargo, Lugo estafó a todos los que le votaron. La transparencia es un artículo de lujo en su vida; la honestidad, un principio abandonado hace muchísimos años; el cambio una frase vacía y sin contenido a la luz de su comportamiento personal y las decisiones tomadas desde su función de presidente de la República.

ESTADO PARALIZADO

Y aquí es donde el tema empieza a complicarse mucho más. Sus problemas personales los deberá afrontar y decidir en los estrados correspondientes. Pero, cuando esas situaciones empiezan a afectar las decisiones del Gobierno la situación se vuelve mucho más preocupante.

En las últimas semanas, desde que se empezaron a conocer entretelones de su vida amorosa, prácticamente la inercia es la que mueve al país. Las decisiones de Estado están supeditadas al mayor o menor impacto que tiene en la sociedad el descubrimiento de nuevas denuncias de paternidad.

El aparato del Estado se encuentra semiparalizado. Las recaudaciones bajan de manera sostenida en Aduanas a pesar del maquillaje de los números. El contrabando está en pleno auge y solo se detiene el 10 por ciento de lo que ingresa ilegalmente al país. El dengue sigue enfermando a la gente, Petropar está por ser rematada a favor de PDVSA, su presidente viaja a Venezuela para negociar sin consentimiento de Lugo o del ministro de Hacienda, Dionisio Borda, pero sigue en el cargo a pesar de la manifiesta desobediencia en que incurrió. La delincuencia sigue matando gente en la calle, se conoce el mapa de la inseguridad, pero la Policía Nacional y los organismos de seguridad no pueden con los delincuentes. La sequía redujo el 42 por ciento de los cultivos de soja, el 46 por ciento del trigo, casi el 40 por ciento del sésamo, afecta severamente a la producción ganadera y se anuncia que un crudo invierno complicará aún más el panorama.

El Chaco y el departamento de Ñeembucú piden ser declarados zonas de emergencia por los efectos de la sequía y el hambre que empieza a causar estragos en la población de estas regiones, mientras los organismos encargados de brindar asistencia no reaccionan prestamente. El Ministerio de Hacienda no libera los royalties para los municipios, según denunció el propio gobernador de Ñeembucú, para enfrentar la actual situación.

OBJETO DE BURLA

El presidente del Brasil “Lula” da Silva indicó que Paraguay no obtendrá lo que se propone en Itaipú, mientras nuestra respuesta es un apagón simbólico sin participación de ministros o entes estatales. No somos capaces de coordinar acciones mínimas como el de apagar las luces, por ejemplo, de todas las instituciones del Estado en apoyo a esta iniciativa de protesta. Mientras la presidencia apagaba las luces del Palacio, el Congreso, el Banco Nacional de Fomento, el local de la Policía Nacional y otras instituciones estatales tenían sus focos y fluorescentes brillando.

En Copaco se contratan asesores externos con elevados sueldos y millonarias regulaciones de honorarios mientras existe una legión de 60 abogados permanentes que atienden casos menores. Para los casos “gordos”, es decir, en los conflictos por sumas millonarias, se contratan los asesores externos que terminan desangrando aún más a la institución con sus multimillonarias regulaciones. Una vergüenza.

Cuatro ministros son “renunciados” para ocultar o minimizar los escándalos presidenciales, de una forma grosera y sin la más mínima consideración, a través de mensajes telefónicos y sin ningún anuncio previo, aunque no sea más que por un gesto de cortesía.

Por estas situaciones los problemas personales de Lugo están afectando de manera considerable la marcha del Estado. Y si le agregamos el daño que tiene su imagen en el mundo nos daremos cuenta que los “affaires” de nuestro mandatario exceden lo meramente personal. Somos objeto de burla y escarnio en programas televisivos o en los más importantes diarios.

Como dijo el “Washington Post”, uno de los más influyentes periódicos del mundo, a Lugo se le conoce por el momento no como un presidente realmente productivo, sino como un presidente realmente reproductivo. Una ironía que hiera, pero real. Sus problemas personales los resolverá él, pero los problemas de Estado deben ser preocupación de todos.

Texto 9: *Todos boicotean al país*- 7 de junio de 2009.

La guerra de baja intensidad que se desarrolla entre el Poder Ejecutivo y el Parlamento Nacional tuvo una nueva batalla la semana última cuando importantes leyes fueron rechazadas o aprobadas por senadores o diputados de acuerdo a los intereses dominantes en cada partido con representación parlamentaria. Lastimosamente, para el país, el Congreso es el reflejo exacto de la pobre calidad de nuestros políticos, salvo honrosas excepciones. Es la demostración cabal de la falta de liderazgo en el gobierno para consensuar entre los partidos integrantes de la Alianza un decidido apoyo a los proyectos de leyes que beneficien, no solo a los planes del Ejecutivo sino a la mejor calidad de vida de la gente.

Este Parlamento da pena y rabia. Las anteriores legislaturas no fueron mejores, inclusive fueron cualitativamente peores, pero nunca el gobierno estuvo tan huérfano de apoyo como este de Fernando Lugo en el Congreso.

El jueves se cargó sobre el hombro del Estado el pago del subsidio a las personas mayores de 65 años y se rechazó la vigencia del Impuesto a la Renta Personal. Por un lado, a un Estado en déficit se le obliga a buscar recursos para cumplir con una disposición populista y sin sentido y por el otro se le priva de la posibilidad de obtener los recursos necesarios para intentar mejorar la situación de los paraguayos.

Este es apenas un ejemplo de la forma como se legisla en el Paraguay. Los intereses del país están absolutamente supeditados a la agenda electoral de los líderes partidarios. Los colorados y los oviedistas están jugando un juego peligroso. Ya no disimulan su intención de aprobar o rechazar cualquier proyecto de ley que pueda perjudicar al gobierno de Fernando Lugo.

La suspensión de la entrada en vigencia del Impuesto a la Renta Personal (IRP), el voto de censura para Carlos Cardozo, director paraguayo de Yacyretá; el rechazo del voto de censura para el liberal Carlos Mateo Balmelli, director de la Itaipú Binacional, son apenas muestras del boicot al gobierno de Lugo.

La oposición hace lo que quiere en el Parlamento ayudado por la feroz interna liberal y la división de los azules impulsada por el propio Lugo. El ex obispo llegó a las ligas mayores de la política con absoluto desconocimiento de la realidad del país. Todos estamos pagando su falta de experiencia en la gestión gubernamental, que se ve agravada por malas decisiones y pésimos asesoramientos.

LOS RESPONSABLES DEL BOICOT

¿Quién o quiénes son los responsables de esta situación? Primero el propio presidente de la República, quien no fue capaz de cohesionar a la Alianza para el Cambio a través de un fuerte liderazgo o de un programa de gobierno firme y concreto. Lugo optó por impulsar su proyecto socialista a pesar de que un partido conservador como el Liberal le brindó el 90 por ciento de los votos para llegar al Palacio de los López.

Dividió a los liberales, marginó a su Vicepresidente y le humilló permanentemente al aliarse a un ala del partido, restando de esa manera votos que son importantes para los proyectos de leyes que el Ejecutivo debe impulsar en el Congreso.

No demostró hasta el momento capacidad de liderar el cambio en el Paraguay. Sus ministros o secretarios públicamente le cuestionan decisiones de gobierno o ratifican su falta de carácter o firmeza ante los medios de comunicación y no son llamados al orden ni sacados del cargo.

Sostiene en el cargo a directores, ministros o secretarios que claramente dan muestras de incompetencia, como el Ing. Carlos Cardozo, en Yacyretá. Este funcionario fue censurado por la Cámara de Diputados, separado por su partido Tekojoja y es permanentemente cuestionado por los liberales, colorados y oviedistas, pero hasta hoy, por lo menos, sigue firme en el puesto.

ABANDONA LAS TROPAS POR VIAJES

A veces da la impresión que el mandatario vive en el limbo. No opera para acercar posiciones con los sectores productivos del país; al contrario, para demostrar firmeza se burla de las movilizaciones organizadas por este sector.

No genera ambiente propicio para el diálogo con los partidos políticos y cuando se requiere de su presencia y su figura para negociar con los partidos y el Parlamento el rechazo o aprobación de importantes proyectos de leyes, prefiere viajar por Centro América para asistir a cambios de presidentes o entrevistas con Fidel Castro.

No es la primera vez que como comandante del gobierno abandona a sus tropas para disfrutar de viajes innecesarios e inútiles. Su presencia era fundamental para negociar la vigencia del IRP y evitar el rechazo del veto al subsidio a las personas mayores de 65 años.

Es absolutamente importante que las negociaciones sobre estos temas sean manejadas o dirigidas por el ministro de Hacienda, el viceministro de Tributación y el presidente de la República.

Mientras expresaba ante la OEA que el Paraguay nunca se arrodillaría ante nadie, militares y policías bolivianos ingresaban a nuestro territorio para apresar a un compatriota y llevarlo al vecino país como si nada, contando con la complicidad de uniformados paraguayos que no informaron del hecho a sus superiores.

Al mismo tiempo, Brasil, en otra demostración de fuerza, desplegaba armas y hombres en la frontera dificultando nuevamente el comercio en el este del país. Es en estas circunstancias, donde debe aparecer un mandatario firme y decidido para hacer respetar la soberanía del país, pero Lugo tiene otra sintonía de las cosas obviamente.

EL PAÍS EN ÚLTIMO LUGAR

Pero el ex obispo no es el único culpable. La dirigencia del Partido Liberal Radical Auténtico también tiene su alta cuota de responsabilidad en la inestabilidad que vivimos.

Anteponen sus proyectos políticos personales antes que la consolidación de este gobierno. El cambio es pura retórica en la boca de muchos liberales. Sus actitudes y acciones son similares a las que padecemos durante gobiernos colorados. Blas Llano, Efraín Alegre, Federico Franco y otros llevan a su partido y al gobierno hacia el despeñadero. Solo el diálogo puede modificar este estado de cosas, pero para ello hará falta una alta dosis de renunciamiento y olvido de los azules para enderezar este entuerto.

Colorados y oviedistas solo buscan el fracaso de Lugo. Ya identificaron las debilidades del gobierno y juegan su propio partido. El jueves dieron una lección al gobierno y dejaron el mensaje de que el proyecto de reactivación económica y la aprobación de fondos para el efecto serán cuidadosamente estudiados en el Parlamento.

El senador Martín Chiola, en diálogo con “Marcando Pautas” de Radio Primero de Marzo, dejó en claro que el gobierno dispone de 1.000 millones de dólares para ser usados y advertía que no tenía en claro la necesidad de endeudar al país con 100 ó 200 millones de dólares más proveídos por el Banco Mundial o el FMI.

Ante estas perspectivas es hora que Lugo tome en serio su papel de presidente, que el Congreso y los partidos prioricen los intereses del país y que entiendan que el caos, la anarquía y la violencia están a la vuelta de la esquina. Lugo se boicotea a sí mismo, el PLRA boicotea al gobierno con su interna, los colorados y oviedistas boicotean al actual oficialismo, pero todos, absolutamente todos, boicotean al país. Así no se puede.

Texto 10: *El silencio cómplice con Chávez* - 12 de julio de 2009.

La hipocresía es una de las características más comunes de los políticos. Para desgracia de nuestra dirigencia debo aclarar que no es exclusiva de las autoridades de nuestro país. Es en realidad, una cualidad que adorna la personalidad de los que se dedican a la política, en cualquier parte del planeta. La sinceridad y la sensatez son valores hasta extraños, si se quiere, en esta jungla que es la política paraguaya.

La coherencia tampoco es un valor muy arraigado entre los líderes del país. Es poco habitual y normal encontrar un político con esta cualidad. Antes bien, lo común es que los principios y valores cedan ante los intereses personales o de grupos, que casi nunca apuntan al mejoramiento de las condiciones de vida de la mayoría de la Nación. Generalmente, por no decir siempre, solo contemplan el apuntalamiento de sus ingresos personales, un mejor posicionamiento de su grupo político, o un reacomodo de los integrantes de la familia y los amigos más cercanos a través de empleos o jugosos contratos con el Estado.

Los pragmáticos aseguran que ese es el principal objetivo de los que se meten en la política. Estoy seguro que es así. Los colorados, durante 60 años, nos dictaron cátedra de cómo se maneja un país para favorecer a una pequeña clase gobernante. El resto de la población era mantenida a raya con las migajas que dejaban caer los líderes del gobierno que operaban a través de una vasta red de incondicionales llamados presidentes y miembros de seccionales.

Abusaron del país, de la gente. Controlaron absolutamente todo desde el gobierno, aún después de la caída del dictador Alfredo Stroessner. Hasta febrero de 1989 el gobierno era excluyente. Todo para los amigos, nada para el resto. Manejaron los negocios del Estado como si fuesen propios, se repartieron las mejores tierras, se distribuyeron las mejores y más jugosas licitaciones de obras, realizaron construcciones de caminos sin los más mínimos niveles de calidad pero cobrando precios exorbitantes.

Persiguieron a periodistas y cerraron medios de comunicación porque los dictadores, sean de izquierda o de derecha, temen a las libertades fundamentales. Tienen pánico de la libertad de expresión, sufren ante la posibilidad de que se descubran sus manejos turbios a través de los diarios, radios o canales de televisión.

ANTES EL GARROTE AHORA LAS CONCESIONES

La libertad de prensa es su peor enemigo. Stroessner y sus leales no pudieron acallar las voces de la verdad. Como brutos que eran no dudaban en encarcelar a periodistas, intelectuales, obreros, estudiantes, campesinos, sindicalistas, opositores, solo por el hecho de pensar diferente o ser crítico a su gobierno.

Las cosas mejoraron tras su caída pero la brutalidad del stronismo se disfrazó de normas, reglas y leyes que siempre buscaron limitar la libertad de prensa y de expresión. Si durante la dictadura fueron los garrotes, en la transición, y en estos momentos son las concesiones. Es decir, las empresas de comunicación saben que dependen de una concesión del Estado para seguir funcionando. Y conocen quién las concede, renueva y sobre todo, quién las revoca.

Un gobierno que usa esos métodos de presión para intentar domesticar a la prensa es democrático? A pesar de que sus autoridades surjan de la voluntad popular y de comicios libres pueden ser considerados democráticos si durante su gestión cometen abusos, arbitrariedades, violan las libertades fundamentales, amparadas en una supuesta mayoría?

Todo lo anterior viene a cuento porque en estos momentos el gobierno de Hugo Chávez, en Venezuela, prepara otro golpe contra la libertad de prensa, la libertad de expresión, ante el total silencio de la clase política paraguaya y del gobierno de Fernando Lugo en particular.

OJOS QUE NO VEN...

Por eso lo de la hipocresía y la falta de coherencia con el que empezamos este comentario.

Los referentes de la izquierda que conforman el gobierno de Lugo, tan solícitos siempre para repudiar las arbitrariedades cometidas por el “imperio o sus satélites”, o los golpes ideados por los “reaccionarios oligarcas” en Honduras no han abierto la boca para cuestionar las acciones de Chávez.

El Canciller Nacional, de quien no dudo en absoluto de su aprecio por la democracia, me dijo durante una entrevista en Radio 1° de Marzo, que el presidente viajó a Washington para llevar su solidaridad al gobierno de Honduras por el golpe de los militares contra el presidente Manuel Zelaya. Explicó que debido a que Paraguay no es una potencia militar ni económica debe posicionarse nuevamente en el mundo a través de estos gestos de solidaridad con la democracia en otros países.

Pero, este gobierno debe sincerarse en su política exterior. Y por sobre todas las cosas debe tener criterio propio y no convertirse en un títere del gobierno de Hugo Chávez ni de ninguna otra potencia mundial.

No es posible que se repudie el golpe de Honduras y mire para otro lado cuando se violan derechos fundamentales en Venezuela solo porque Zelaya y Chávez sean ideológicamente afines a Lugo y sus colaboradores más cercanos.

Por su parte, el senador Carlos Filizzola de País Solidario, vocero de este gobierno, solo defendió el respeto a las libertades de expresión e información, pero evitó criticar las medidas que ya tomó Chávez contra los medios de comunicación, diarios y TV, y las que piensa tomar ahora con las radios.

VENEZUELA Y EL MERCOSUR

Como era de esperarse el resto de los “admiradores” de Chávez en el gobierno se llamaron a silencio. Lo sorprendente es que los liberales, colorados, oviedistas, patriaqueridistas, en el Congreso tampoco hicieron mención alguna. Notable la contradicción de la clase política paraguaya.

Es preciso aclarar que no hablamos de un país situado en otro continente sino de uno que tiene intenciones de formar parte del Mercosur. ¿El gobierno de Hugo Chávez cumple con todas las exigencias de la Cláusula Democrática para formar parte de este Mercado? ¿Por qué el silencio del gobierno contra estos abusos? ¿Es correcto seguir usando el avión de PDVSA para los viajes de nuestro presidente Lugo? ¿Por qué nadie en el gobierno cuestiona la purga de opositores que se realiza en el Irán de Ahmanidejad? ¿Por qué todos callan las muertes de disidentes que ocurren en estos momentos en la China, país con el que estableceremos relaciones próximamente?

La exigencia del respeto a las leyes fundamentales debe ser para todos. Y si Paraguay quiere ser digno en el mundo no debe callar su voz ante ninguno de los abusos que se cometen, así afecte al amigo del presidente Lugo o al que le preste su avión para sus giras sorpresivas.

Es lamentable que nuestro mandatario aparezca en un dibujo como uno de los títeres del gobernante venezolano. Pero, si su gobierno no mantiene la sinceridad y la coherencia en sus relaciones internacionales, esa triste imagen parecerá cada vez más una realidad.

Texto 11: *El “salvavidas” de “Lula” a Lugo - 2 de agosto de 2009.*

Finalmente Luiz Inácio “Lula” da Silva le tiró un salvavidas a su amigo Fernando Lugo el sábado de la semana pasada cuando destrabó el desacuerdo existente entre los negociadores paraguayos y brasileños sobre Itaipú. Las partes, por falta de consenso en los puntos negociados, habían levantado la reunión que se celebró en la sede de nuestra Cancillería. Los ánimos de los negociadores estaban por el suelo, se sentía un aire de fracaso entre los funcionarios compatriotas, pero en una cena informal en Mburuvicha Róga, empezaron a surgir otras alternativas que nunca habían sido consideradas siquiera por el sector “duro e ideologizado” de nuestros negociadores.

Negociar con Brasil no es hacerlo con cualquier país. Es discutir con una de las cancillerías más preparadas del mundo y con los hombres mejor formados en las diversas materias de negociación. Saben cuándo dar un paso atrás para dar un gran salto hacia adelante posteriormente.

No se puede negociar con Itamaratí solo con voluntarismo y con un discurso de campaña electoral. Tampoco se puede concertar a través de la imposición, o para satisfacer ambiciones personales o simplemente por sostener una posición más mediática que racional.

Hay que ir paso a paso. Intentar modificar todas las asimetrías o injusticias cometidas durante años y años por Brasil y aceptadas por todos los anteriores gobiernos paraguayos, es simplemente vivir alejados de la realidad.

SOSPECHOSAS CONCESIONES

En los últimos años lentamente fuimos conquistando los espacios que normalmente nos hubieran correspondido si hubiéramos tenido negociadores y gobiernos verdaderamente patriotas. Pero a la luz de los hechos se puede casi asegurar que nuestros representantes fueron “comprados” literalmente para aceptar todas las imposiciones y exigencias de los brasileños.

Solo así se explica que nunca se haya considerado la necesidad de usar esa energía, que es nuestro mayor tesoro, para nuestro propio desarrollo económico. Con la energía de Itaipú, San Pablo se convirtió en la región industrial por excelencia de nuestro vecino. Ahora encuentra competencia en Minas Gerais, pero al mirar para este lado del río Paraná solo sentimos lástima porque nuestros gobiernos no hicieron nada para desarrollar al Paraguay a partir de Itaipú.

Por eso, al inicio de este comentario afirmamos que el presidente “Lula” le tiró un salvavidas a Lugo. ¿Se imaginan las críticas que hubiera recibido el gobierno del ex obispo si hubieran fracasado las negociaciones o no se hubiera firmado la “Declaración Conjunta” de ambos mandatarios?

Probablemente, se hubieran sacado a luz también algunos trapitos sucios de nuestros propios negociadores como el de marginar -por ejemplo- al propio director paraguayo, Carlos Mateo Balmelli, de las discusiones. De no haber sido por la presión del director brasileño Sameck, del canciller Amorin, y del titular de la Ande, Sixto Amarilla, Mateo no hubiera sido llamado ese viernes a la mesa negociadora.

ESCASA VISIÓN DE NEGOCIADORES

Lastimosamente nuestra Cancillería y nuestros técnicos se enfocaron sólo en negociar los aspectos cuestionados de Itaipú. Demostraron de esa manera una estrecha y pobre visión de la situación actual del país, del vecino y de la región, pues era el momento para incluir en la agenda de discusiones otros ítems relacionados con la libre exportación de nuestros productos y la eliminación de las trabas impuestas al comercio fronterizo, por ejemplo.

Todos los logros contenidos en la “Declaración Conjunta” serán materializados a mediano o largo plazos. Incluso el aumento de las compensaciones y la financiación por Itaipú de la construcción de las líneas de transmisión en Paraguay está supeditado a otros acuerdos para su implementación.

Eso obviamente dará tiempo al presidente “Lula” para observar cuál es el comportamiento de este gobierno respecto de los “brasiguayos” en el campo, fundamentalmente en los conflictivos departamentos de San Pedro, Concepción, Amambay y Canindeyú, donde son permanentemente perseguidos, acosados, invadidos por nuestros campesinos sin tierras.

Su gesto de “buena voluntad” se supone debe tener reciprocidad en la protección de estas personas y sus bienes. Hoy por hoy, son casi todos nacionalizados paraguayos o ya con hijos nacidos en esta tierra.

Habrá que estar atentos para saber si “Lula” y el Brasil respetarán el contenido de la “Declaración Conjunta” en el caso que el gobierno del ex obispo siga prendido al saco de Hugo Chávez y su socialismo Siglo XXI.

SOCIALISMO PARA EL DESARROLLO O EL ATRASO

Los grupos de izquierda o la mayoría de las organizaciones sociales afines al gobierno siguen los mismos pasos dados en Venezuela, Ecuador y Bolivia en los últimos años. Ahora preparan una manifestación para el próximo 10 de agosto en casi todo el país, según afirmaciones de Elvio Benítez, para manifestarse contra el Poder Judicial y el Congreso a quienes acusan de ser la peste de este país.

Llamativamente durante esta última semana Lugo emitió una carta donde exige al Poder Judicial no dejar sin condena la tragedia del Ycuá Bolaños. Al mismo tiempo, el Ministerio de Hacienda da a conocer documentos donde endilga al Poder Legislativo la responsabilidad de la situación económica del país al dilatar, supuestamente, la aprobación de créditos internacionales, donaciones de países y organizaciones extranjeras y no dar curso a las ampliaciones presupuestarias solicitadas.

En el primer caso, la exigencia se puede tomar como una injerencia de un poder en otro, y en el segundo, es “dejar mal parados ante la gente” a los parlamentarios. Casualmente, los poderes donde se van a concentrar las baterías de los manifestantes el próximo 10 de este mes.

Esta estrategia, elaborada por el presidente venezolano, tuvo éxito en su país y en los otros citados. La pregunta que nos hacemos es: ¿qué hizo o hace Hugo Chávez para imponer sus métodos en estos países? ¿Lo mismo que hizo Brasil con los negociadores paraguayos durante los gobiernos colorados?

Tenemos la brillante oportunidad de salir del subdesarrollo y la pobreza mediante la elaboración de políticas de Estado que apunten al desarrollo industrial, productivo, tecnológico del país. Pero nuestros líderes están atrasados en el tiempo y siguen intentando desarrollar métodos fracasados en otros países y que sumió a la gente en mayor pobreza y exclusión. El tesoro está ahí a nuestro alcance, se llama energía, pero no lo sabemos aprovechar. “Lula” le tiró el salvavidas a Lugo. Ahora nuestro Presidente y su gobierno deben optar por el modelo del atraso o del desarrollo. Si se hundo el Presidente, nos hundiremos todos.

Texto 12: *Fernando Chávez o Hugo Lugo, quién sabe....* -16 de agosto de 2009

El pasado domingo habíamos comentado que el presidente Fernando Lugo estaba tras los pasos de Hugo Chávez, Evo Morales y Rafael Correa. Hoy tenemos que afirmar que el mandatario paraguayo terminó por definirse ideológicamente y ya forma parte del grupo de gobernantes adscriptos al socialismo del siglo XXI.

Dos días antes de cumplir con su primer año como presidente de la República, Fernando Lugo dejó de lado las dudas, los amagues y las vacilaciones para terminar definiéndose como un presidente de izquierda. El lugar elegido fue Coronel Oviedo; los asistentes, unos mil adherentes del campesinado más radicalizado liderado por Elvio Benítez. El mensaje claro y contundente.

Si había dudas sobre el apoyo del ex obispo a la manifestación de los sectores de izquierda, terminó por disiparse cuando fue el orador principal del cierre de las fracasadas protestas en todo el país.

En la ocasión, el mandatario señaló: “No queremos ni vamos a firmar ningún acuerdo de una democracia informal, es una democracia de maquillaje”. Momentos después expresó: “tampoco queremos una democracia burguesa, queremos una democracia con rostro ciudadano, de la mayoría de los ciudadanos”.

LA DEMOCRACIA BURGUESA LE HIZO PRESIDENTE

Lo que había iniciado el jueves al anunciar que no iba a firmar el Compromiso Democrático, una suerte de carta de intenciones para buscar gobernabilidad, pero que no era en absoluto jurídicamente vinculante, terminó de confirmarlo este viernes último. Lugo es de izquierda y es de la izquierda radical si se tiene en cuenta que sus modelos son los presidentes de Venezuela, Ecuador, Bolivia y Nicaragua.

El presidente usó esta democracia informal, esta democracia de maquillaje, como le gusta decir, para llegar al poder. Usó a un partido centenario, tradicional, como el Liberal Radical Auténtico para que le aporte su estructura, sus votos, sus recursos, su gente. No sintió molestia porque los burgueses aportaban para su campaña y no arrugó la nariz para recibir el dinero proveniente de la clase alta, adinerada, ni de los empresarios agro exportadores o industriales.

Hizo lo mismo que hicieron en su momento, Hugo Chávez en Venezuela, Rafael Correa en Ecuador, Daniel Ortega en Nicaragua o Manuel Zelaya en Honduras hasta que fue echado por los militares de su país.

Apenas se asientan en el poder muestran sus reales intenciones. Se rodean de gente violenta, a los que otorgan privilegios que pocos tienen en sus países y son los encargados de alinear a los rebeldes que creen que a través de las instituciones democráticas pueden conseguir sus propósitos.

CONTROL TOTAL

A través de constantes movilizaciones y protestas de sus grupos de apoyo atacan a los poderes del Estado que constituyen un freno para sus ambiciones de poder. Sus primeros objetivos son generalmente el Poder Legislativo y el Judicial.

Se aprovechan de la tremenda pérdida de prestigio de la clase política corrupta y venal de sus países para atacar la base misma de la estructura democrática del Estado: el Parlamento. Luego al Poder Judicial donde digitan a los miembros de la Corte Suprema de Justicia quienes son manejados a voluntad por el nuevo amo del país.

Una vez dominado y controlado estos dos Poderes anuncian que el pueblo solicita la reforma constitucional cuyo principal objetivo es lograr la reelección del presidente de la República y si es por tiempo indeterminado, mucho mejor. Previamente, es necesario controlar la Justicia Electoral para imponer sus normas y manejar todo el proceso electoral.

Después hay que terminar con las críticas a la revolución y al cambio. Para eso es necesario controlar y manejar a los medios de comunicación independientes.

No pasará mucho tiempo para que en “uso de sus atribuciones legales y en defensa de la democratización del espectro radioeléctrico, que deben pasar de manos burguesas a manos del pueblo” empiecen los ataques sistemáticos a la libertad de prensa, a la libertad de expresión.

Si no se puede domesticar a la prensa a través de la propaganda estatal o de las constantes querrelas en los estrados judiciales, se elaboraran leyes o se interpretarán las existentes de acuerdo a los planes revolucionarios.

Si persisten en sus críticas como corresponde a un medio independiente se procederá a cerrarlos o a cancelarles sus licencias usando leyes cuestionables y contando con el apoyo del Parlamento y del Poder Judicial para el efecto, siempre y cuando puedan controlar estos dos poderes.

FRACASO DE LA IZQUIERDA

Con su definición, Lugo desvió la atención sobre el fracaso de la convocatoria de los sectores de izquierda. Si Elvio Benítez, Tekojoja y los otros sectores radicalizados querían demostrar su poder de convocatoria fracasaron rotundamente. Pero, Benítez tuvo su compensación cuando en el mismo acto de Coronel Oviedo fue otro de los oradores de la jornada. Lugo elige a sus compañeros de ruta y en ella, evidentemente, no figuran referentes del partido que le llevó a la presidencia.

¿Por qué el presidente elige la confrontación y no el diálogo con el Congreso?. ¿Por qué apuesta por el conflicto y no por la gobernabilidad?. ¿Por qué pone en riesgos la aprobación de los programas económicos del gobierno que deben contar con el acuerdo del Parlamento?. ¿Sigue confiando que las movilizaciones de sus pocos fanáticos logrará producir el cambio prometido? ¿Por qué en momentos que no tiene sustento político y en el peor de los escenarios posibles termina por darle la patada a los liberales? ¿Mal asesoramiento? ¿Capricho, soberbia? Vaya uno a saber, pero lo cierto es que logró unir a la oposición momentáneamente en su contra. Nadie piensa en el juicio político por ahora, pero los vientos que soplan en el Parlamento no le son precisamente favorables.

En este contexto Lugo cumple un año de gobierno mediocre mientras la gente sigue esperando que se atiendan sus problemas más inmediatos, que se generen las condiciones necesarias para el empleo, que la corrupción sea combatida con decisión y mayor honestidad, que la inseguridad disminuya, que se elaboren planes para el uso racional de nuestra energía, que la inequidad en la distribución de la riqueza se estreche, que se apueste por la producción, por la gente.

Al ciudadano común le importa su mejor calidad de vida. Si viene por derecha o izquierda le interesa realmente poco. Pero, Lugo tiene otros planes. Lo preocupante es que ni sus propios adherentes saben cuáles son. La gratuidad de la atención médica y la firma de un acuerdo sobre Itaipú que aún debe materializarse es definitivamente muy, muy poco para sentirse orgullosos de un año de gobierno. Por cierto, en Cnel. Oviedo, Lugo fue cada vez más Chávez.